



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CARLOS AUGUSTO DE SANTANA SOBRAL

JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À
ESCOLA PELOS JOVENS DE CRUZEIRO DO SUL – AC

RIO BRANCO – AC

2018

CARLOS AUGUSTO DE SANTANA SOBRAL

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À
ESCOLA PELOS JOVENS DE CRUZEIRO DO SUL – AC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de Professores e Trabalho Docente

Orientadora: Professora Doutora Elizabeth Miranda de Lima

Co-orientadora: Professora Doutora Franciana Carneiro de Castro

RIO BRANCO – AC

2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

So128j Sobral, Carlos Augusto de Santana , 1982 -

Juventudes e escolarização: sentidos atribuídos à escola pelos jovens de Cruzeiro do Sul - AC / Carlos Augusto de Santana Sobral; orientadora: Dr^a. Elizabeth Miranda de Lima. – 2019.

141 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado em Educação. Rio Branco, 2019.

Inclui referências bibliográficas e apêndices.

1. Juventudes. 2. Escolarização. 3. Sentidos atribuídos à escola. I. Lima, Elizabeth Miranda de (orientadora). II. Título.

CDD: 370

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.

CARLOS AUGUSTO DE SANTANA SOBRAL

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À
ESCOLA PELOS JOVENS DE CRUZEIRO DO SUL – AC**

DATA DA APROVAÇÃO: 10/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Elizabeth Miranda de Lima
Orientadora e Presidente da Banca
UFAC

PROF. DR. Salomão Antônio Mufarrej Hage
Examinador Externo
UFPA

Profª Drª Ednaceli Abreu Damasceno
Examinador Interno
UFAC

Profª Drª Tânia Mara Rezende Machado
Examinador Suplente
UFAC

Dedico o esforço desta pesquisa aos jovens que fizeram parte do estudo em questão, pois mostraram uma grande capacidade de se reinventar e criar novas estratégias para aprender novo saberes, como para viver suas juventudes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre – UFAC e a CAPES por criar possibilidades para cursar o Mestrado em Educação em uma Universidade Pública.

Agradeço Deus, por me dar forças para seguir nessa caminhada de pesquisador, que é repleta de percalços. Agradeço a minha Mãe, Maria da Conceição, por ser essa mãe maravilhosa que cuidou dos meus filhos enquanto estava nessa jornada de dois anos de intenso estudo, ao meu pai, Francisco Augusto, que sempre me ajudou dentro de suas possibilidades. Agradeço aos meus dois irmãos, Roberto e Ana Carla, por ajudarem na educação dos meus filhos na minha ausência. Agradeço aos meus filhos, Gabriel e Beatriz, por me motivarem cada dia na busca por meus objetivos.

À minha esposa, Nayana Najhara, que esteve ao meu lado independentemente dos momentos, sempre me incentivando com palavras motivadoras.

Agradeço aos meus tios, Isaque Ximenes e Maria José, que me acolheram em sua residência, dando todo suporte necessário para a conclusão dessa etapa.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Doutora Elizabeth Miranda de Lima, que me abriu as portas para a pesquisa, mostrou-me o caminho e me inseriu nesse universo admirável. À minha Co-orientadora, Professora Doutora Franciana Carneiro de Castro, que muito me ajudou com seus conhecimentos da estatística.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação. Aos meus colegas da turma de 2016, do respectivo programa de Pós-graduação.

Agradeço ao meu amigo Manoel de Souza, que sempre me ajudou com palavras motivadoras e às vezes pagava a passagem de ônibus para poder rever minha família.

“Ser jovem é ser um pouco mais livre, não ser totalmente livre, mas uma liberdade com responsabilidade. Não é ter uma liberdade total, até porque nós não somos livres totalmente, sempre somos limitados a algo, então é ter um pouco de liberdade para fazer o que gostamos ou realizar o que queremos. Sair com amigos...” (Jovem entrevistado).

RESUMO

A presente pesquisa debruçou-se sobre a análise da relação entre juventude e escolarização, no município de Cruzeiro do Sul, interior do Estado do Acre, com objetivo de compreender quais sentidos os jovens atribuem à escola. Nesta direção, construiu-se como **problema de pesquisa**: quais sentidos os jovens atribuem a instituição escolar, considerando aspectos como trabalho, socialização e a importância dos conhecimentos escolares para sua vida? Para investigação do problema, esta pesquisa assumiu como **objetivo geral** compreender a relação entre juventude e escola, priorizando-se a percepção dos jovens sobre o trabalho, socialização e a relação que os mesmos estabelecem com o conhecimento escolar. Em termos de percurso metodológico, optou-se por uma abordagem quantitativa e qualitativa. Na Quantitativa, utilizou-se a aplicação de questionário para 145 jovens com o intuito de levantar as características desses sujeitos, além de indicadores que apresentam sentidos que os jovens participantes dessa pesquisa atribuem à instituição escolar. Esses dados levantados através da aplicação do questionário foram apresentados e analisados por meio de quadros, tabelas e gráficos no decorrer do trabalho. Com relação à abordagem qualitativa, aplicou-se a entrevista semiestruturada com 17 jovens que participaram da resolução do questionário e se dispuseram a dar continuidade a pesquisa. A entrevista foi norteada por um roteiro com questões distribuídas em eixos temáticos. Para análise dos dados obtidos por esse instrumento, utilizou-se primeiramente o software IRAMUTEQ para a realização da análise lexical de todos os textos obtidos através dos discursos dos jovens, sendo estas apresentadas e analisadas por meio da análise de similitude em árvore e nuvem de palavras. Além da análise por meio do software, foram utilizados elementos da análise de conteúdo para aprofundar ainda mais os resultados dessa pesquisa. A amostra da pesquisa se constituiu de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, estudantes de escolas públicas de Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e também jovens estudantes de cursos técnicos profissionalizantes oferecidos pelas instituições Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul – Cep e a Escola Integrada SESI SENAI do Juruá. Para fundamentação teórica e análise dos dados, adotou-se o aporte de autores como Bordieu (1983, 1998), Charlot (2000, 2001, 2014) e Pais (1990), Abramo (2005), Dayrell (2003, 2007), Groppo (2004, 2010), Sposito (2005, 2009) e Weller (2010, 2014). Quanto aos resultados encontrados, destacam-se: perfil dos jovens pesquisados - sujeitos em sua maioria advindos das classes populares, filhos de pais que ocupam trabalhos que geram uma baixa renda familiar e grande parte deles com pouca escolaridade; os jovens enfatizaram a importância da escola para suas vidas; demonstram que essa instituição em particular é o principal caminho para mudanças em todos os contextos da vida do indivíduo. Além disso, os sujeitos da pesquisa reconhecem a peculiaridade de viver a juventude. Mostram diversas formas de viver essa etapa da vida. Embora a sociedade manifeste uma tendência em conceber a juventude de forma homogênea, os dados analisados corroboram a compreensão das várias juventudes influenciadas por diversas variáveis. Os jovens participantes atribuem à escola grande importância na sua formação como indivíduo, porém apontam algumas dificuldades de cunho relacional, uma delas é a falta de espaço para manifestação de suas ideias e questionamentos. Segundo eles os professores tendem a ter dificuldades de vê-los para além do aluno, de enxergarem a grande diversidade de jovens que está adentrando na escola com suas particularidades e anseios.

Palavras-chave: Juventudes. Escolarização. Sentidos atribuídos à escola.

ABSTRACT

The present research focused on the analysis of the relationship between youth and schooling, in the municipality of Cruzeiro do Sul, in the interior of the State of Acre, in order to understand what meanings young people attribute to the school. In this direction, it was built as a research problem: what meanings do young people attribute to the school institution, considering aspects such as work, socialization and the importance of school knowledge for their life? In order to investigate the problem, this research has as a general objective to understand the relationship between youth and school, prioritizing young people's perception about work, socialization and the relationship they establish with school knowledge.. In terms of methodology, a quantitative and qualitative approach was chosen. In the Quantitative, the questionnaire was applied to 145 young people with the intention of raising the characteristics of these subjects, besides indicators that present meanings that the young participants of this research attribute to the school institution. These data collected through the application of the questionnaire were presented and analyzed through tables, tables and graphs throughout the work. Regarding the qualitative approach, the semi-structured interview was applied with 17 young people who participated in the resolution of the questionnaire and were willing to continue the research. The interview was guided by a script with issues distributed in thematic axes. For the analysis of the data obtained by this instrument, the IRAMUTEQ software was used first to perform the lexical analysis of all the texts obtained through the discourses of the young, being presented and analyzed through the analysis of similarity in tree and word cloud . In addition to the analysis through the software, elements of content analysis were used to further deepen the results of this research. The research sample consisted of young people aged 15 to 24 years old, students from public high schools, youth and adult education, as well as young students from professional technical courses offered by the institutions of Professional Education of Cruzeiro do Sul - Cep and the SESI SENAI Integrated School of Juruá. For theoretical reasons and data analysis, authors such as Bordieu (1983, 1998), Charlot (2000, 2001, 2014) and Pais (1990), Abramo (2005), Dayrell (2003, 2007), Groppo (2004, 2010), Sposito (2005, 2009) and Weller (2010, 2014). As for the results found, the following stand out: profile of the young people surveyed - subjects mostly from the working classes, children of parents who occupy jobs that generate low family income and most of them with little schooling; young people emphasized the importance of school for their lives; demonstrate that this particular institution is the main path to change in all contexts of the individual's life. In addition, the research subjects recognize the peculiarity of living the youth. They show different ways of living this stage of life. Although the society manifests a tendency to conceive youth in a homogeneous way, the data analyzed corroborate the understanding of the several youths influenced by several variables. The young participants attribute to the school great importance in their formation as an individual, but point out some relational difficulties, one of them is the lack of space for the manifestation of their ideas and questions. According to them teachers tend to have difficulties to see them beyond the student, to see the great diversity of young people who are entering the school with their particularities and yearnings.

Keywords: Youth. School. meanings attributed to the school

LISTA DE GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: BANCO DE DADOS RELATIVO AOS JOVENS QUE ESTUDAM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE CRUZEIRO DO SUL.....	21
FIGURA 02: IMAGEM VIA SATÉLITE DA ZONA URBANA DE CRUZEIRO DO SUL E AS ESCOLAS QUE FIZERAM PARTE DESSA PESQUISA.....	27
GRÁFICO 01: NÚMERO DE MATRÍCULAS DE 1990 ATÉ 2012.....	48
GRÁFICO 02: DADOS REFERENTES AO GÊNERO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	65
GRÁFICO 03: DADOS REFERENTES AO GÊNERO DOS JOVENS QUE ESTUDAM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEP/SENAC.....	65
GRÁFICO 04: DADOS DOS JOVENS REFERENTE AO GÊNERO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA INTEGRADA SESI/SENAI DO JURUÁ.....	66
GRÁFICO 05: IDADE DOS JOVENS POR INSTITUIÇÃO.....	68
GRÁFICO 06: COR/RAÇA DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	69
GRÁFICO 07: JOVENS QUE ESTUDAM E TRABALHAM.....	70
GRÁFICO 08: SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PELOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO REGULAR.....	79
GRÁFICO 09: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO MODALIDADE EJA.....	80
GRÁFICO 10: SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INSTITUIÇÕES TÉCNICO-PROFISSIONALIZANTES.....	82
GRÁFICO 11: COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS JOVENS SOBRE OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA.....	83
GRÁFICO 12: PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA.....	87
GRÁFICO 13: PERCEPÇÕES DOS JOVENS APONTADOS COMO MAIS IMPORTANTES SOBRE A ESCOLA PELOS JOVENS ESTUDANTES DA EJA.....	88
GRÁFICO 14: PERCEPÇÕES MAIS IMPORTANTES APONTADOS PELOS JOVENS ESTUDANTES DAS INSTITUIÇÕES TÉCNICO PROFISSIONALIZANTES SOBRE A ESCOLA.....	89
GRÁFICO 15: COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS JOVENS RELACIONADAS AO MOTIVO DE ESTAR E PERMANECER NA ESCOLA.....	90

FIGURA 03: ANÁLISE DE SIMILITUDE DO CORPUS OS SENTIDOS DA ESCOLA.....	98
FIGURA 04: ANÁLISE DE RECORRÊNCIA EM NUVEM DE PALAVRAS.....	103
FIGURA 05: ANÁLISE DE SIMILITUDE DO CORPUS OS SENTIDOS DA ESCOLA.....	108
FIGURA 06: ANÁLISE DE RECORRÊNCIA EM NUVEM DE PALAVRAS.....	110
FIGURA 07: ANÁLISE DE RECORRÊNCIA EM NUVEM DE PALAVRAS.....	112

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 01: TOTAL DE JOVENS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA.....	22
QUADRO 2: POPULAÇÃO TOTAL DA PESQUISA.....	30
QUADRO 03: JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA E SUAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES, AMOSTRA DA PESQUISA.....	31
QUADRO 04: ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS.....	71
QUADRO 05: ESCOLARIDADE DO PAI.....	73
QUADRO 06: ESCOLARIDADE DA MÃE.....	74
QUADRO 07 01: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO REGULAR.....	75
QUADRO 08: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO MODALIDADE EJA.....	76
QUADRO 09: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INSTITUIÇÕES TÉCNICAS PROFISSIONALIZANTES.....	77
QUADRO 10: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO.....	84
QUADRO 11: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO MODALIDADE EJA.....	85
QUADRO 12: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INTUIÇÕES TÉCNICO PROFISSIONALIZANTES.....	86

LISTA DE SIGLAS

Cep	Centro de Educação Profissional
CNJUVE	Conselho Nacional da Juventude
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
02 – O CAMINHO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA	20
2.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
2.2 LOCAL ONDE A PESQUISA FOI REALIZADA	26
2.3 OS JOVENS PARTICIPANTES	29
2.4 COLETA DE DADOS.....	33
03 – SITUANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO: ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE E ESCOLA	35
3.1 CONCEPÇÕES DE JUVENTUDE.....	41
3.2 JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO	46
3.3 JUVENTUDE E TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE.....	55
3.4 A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA: SENTIDOS E POSSIBILIDADES	58
3.5 A JUVENTUDE E O ENSINO MÉDIO	62
04 – OS SUJEITOS DA PESQUISA: CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	65
4.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS: QUANTO AO GÊNERO	65
4.2 IDADE DOS JOVENS	67
4.3 COR/RAÇA: COMO OS JOVENS SE AUTODECLARAM.....	69
4.4 ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS JOVENS	70
4.5 ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS.....	72
4.5 ESCOLARIDADE DOS PAIS	73
4.6 SENTIDOS QUE OS JOVENS ATRIBUEM À ESCOLA.....	76
05 – SENTIDOS QUE OS JOVENS ATRIBUEM À SUA EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO	93
5.1 PERCEPÇÕES DOS JOVENS SOBRE O QUE É SER JOVEM.....	93
5.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA E AO QUE ELA ENSINA.....	97
5.3 COMO SÃO VIVIDAS AS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES.....	112
5.4 OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO	114
CONCLUSÃO.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
APÊNDICES.....	125
APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	125

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE E ESCLARECIDO (PARA JOVENS MENORES DE 18 ANOS)	127
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	129
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO	130
APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA	135
APÊNDICE – F CORPUS TEXTUAIS	137

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como temática de estudo a relação entre juventudes e escolarização, voltando-se para a investigação dos sentidos e expectativas que os jovens atribuem à escola. A abordagem dessa temática se justifica pela necessidade de conhecermos mais sobre esse grupo populacional e a vivência e experiências destes na escola, considerando o intenso debate desencadeado pela sociedade e comunidade educacional nos últimos anos sobre a etapa escolar que os jovens predominantemente frequentam – o Ensino Médio. Destaca-se também a relevância da pesquisa por contemplar uma temática pouca explorada nas pesquisas educacionais realizadas no estado do Acre.

O interesse pelo tema surgiu a partir de minhas experiências de pesquisa na graduação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Pedagogia, estudando as práticas docentes voltadas para os jovens internos do Instituto Socioeducativo do Juruá em Cruzeiro do Sul. Na oportunidade também realizei estudos sobre as expectativas dos jovens “internados” no Instituto e dos profissionais que atuavam na Instituição Socioeducativa com relação à escola. Com o ingresso no Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Acre e as contribuições dos professores desse programa, em particular minha orientadora, meus conhecimentos foram ampliados, direcionando-me para a redefinição do projeto de pesquisa inicial. Desta forma efetuei uma revisão e ampliação das constatações até então chegadas à pesquisa de TCC, em particular a percepção sobre o papel da escola como ferramenta para a ressocialização dos jovens. Outra constatação revista diz respeito a um olhar crítico com relação ao processo formativo dos jovens, que deixavam de frequentar à escola por algum motivo, e esse motivo me inquietava, pois em seus relatos mostravam arrependimento por ter deixado essa instituição. Este dado em particular me levou a alguns questionamentos: o que esses jovens viam na escola? Por que deixaram de frequentar a instituição escolar?

Após a finalização das disciplinas do mestrado, resolvi reler minha pesquisa de conclusão de curso, realizada em 2015, intitulada *A Educação escolar no Instituto Socioeducativo de Cruzeiro do Sul – Acre: Perspectivas dos profissionais e dos atendidos pela instituição*. Reli em particular os relatos de professores e de jovens internos sobre a educação escolar naquele contexto, tendo no presente uma visão mais ampliada sobre as juventudes. A partir das experiências relacionadas ao papel da escola no cárcere e a ampliação dos conhecimentos adquiridos no programa de pós-graduação, decidi realizar a investigação

sobre a juventude, reconhecendo o quanto precisamos de estudos voltados para essa categoria, seus modos de vida, sentidos e anseios atribuídos às suas experiências com a escolarização.

Em se tratando da visão sobre os jovens, somos facilmente levados a vê-los uniformemente, apenas como uma fase da vida e como existisse apenas uma forma de vivenciá-la. Ao seguirmos com esse olhar homogêneo e equivocado das juventudes, passamos a considerá-los coadjuvantes da estrutura social, os quais vivem essa “fase da vida” de forma transgressora ou até mesmo irresponsável, incompletos, posto que ainda não são adultos.

Autores como Spósito (2009), Groppo (2000), Dayrell (2003, 2007) realizaram trabalhos que contribuíram muito para a ampliação do conhecimento sobre a complexa categoria da juventude(s). Esses estudos revelam que o debate sobre os jovens se ampliaram, evidenciando as mais diversas formas de viver e expressar as condições juvenis.

Nessa direção, intencionamos investigar a complexa relação entre as juventude(s) e a escola, entendendo que ainda se faz necessário indagar se a instituição escolar contempla ou não os sentidos e aspirações dos jovens, bem como importa problematizar o desinteresse das juventude(s) pela escola. Em concordância com Dayrell (2007), reconhecemos a necessidade de se realizar pesquisas empíricas que permitam perceber se a escola é um território juvenil ou se o processo de escolarização vem produzindo “juventude” enquanto grupo etário, homogêneo. Diante desta perspectiva, faz sentido a indagação do autor sobre o papel da escola com relação à juventude. Afinal, a escola “faz” as juventudes? Eis um questionamento bastante pertinente diante da complexidade do tema na contemporaneidade.

Segundo Spósito (2002), apesar da categoria juventude ter aumentado sua visibilidade a partir da década de 90 nas pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação no Brasil, principalmente nas áreas de Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, há “[...] carência de estudos que tratam de aspectos mais transversais da vida dos jovens, capazes de dialogar com diferentes domínios (família, escola, trabalho, relações de amizade, vida no bairro, entre outros)” (SPOSITO, 2002, p. 30).

Esses aspectos ressaltam a relevância de estudos que se voltem para a investigação da relação entre juventude e escola, na perspectiva de analisar quem são esses jovens e quais suas visões a respeito da escolarização. Essa necessidade investigativa aumenta quando falamos de jovens pobres ou negros pertencentes às classes populares, levando-se em conta a tendência em rotulá-los de “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, não é difícil predominar uma visão preconceituosa dos jovens como irresponsáveis, sem compromisso com a aprendizagem.

Tendo em vista responder com profundidade e rigor o referido problema foram elaboradas questões de estudo, quais sejam: qual a percepção dos jovens sobre a juventude? Qual a importância dada pelos jovens à escola e o que ela ensina em termos de saberes e de preparação para a vida social? O que buscam os jovens na escola e, o que poderia ser mudado nesta instituição para otimizar esta busca? Qual a concepção dos jovens com relação ao ensino médio a partir de suas expectativas de trabalho e ingresso no ensino superior?

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a relação entre juventude e escola, priorizando-se a concepção dos jovens sobre o trabalho, socialização e a relação com o conhecimento escolar. Em termos de objetivos específicos, a pesquisa se direcionou para: identificar qual a percepção dos jovens sobre a juventude; identificar e analisar quais sentidos os jovens atribuem à escola e o que ela ensina em termos de saberes e de preparação para a vida social; identificar e analisar os motivos que levam os jovens irem à escola e os problemas que influenciam na não permanência dos mesmos na instituição escolar; identificar a concepção dos jovens sobre o ensino médio e as possibilidades que esta etapa do ensino assegura aos jovens em termos de preparação para o trabalho e o ingresso no ensino superior.

Em termos conceituais e de análise dos dados empíricos foram priorizados autores que desenvolvem pesquisa com foco na compreensão sobre a juventude como categoria de análise, juventudes e escolarização, recorrendo-se a autores considerados clássicos pelos pesquisadores da sociologia da juventude como Bourdieu (1983, 1998), Mannheim (1982) e Pais (1990), bem como pesquisadores que têm se destacado no debate nacional a respeito dessa temática e suas contribuições para o desenvolvimento das pesquisas sobre juventude no Brasil, a exemplo: Abramo (1997, 2005), Camacho (2004), Carrano (2000, 2003), Dayrell (2003), Groppo (2000, 2009), Sposito (1994, 1997, 2000, 2005, 2009), e Weller (2007, 2010). Os referidos autores nos deram suporte para aprofundar o conhecimento sobre a juventude como categoria analítica, levando-nos a transitar por essa complexa relação entre juventude e escola.

Assim, esta pesquisa assumiu como problema de estudo a relação entre a juventude e a instituição escolar com foco nos sentidos que os jovens atribuem à escola, observando como principais aspectos o trabalho, sociabilidade e a importância dos conhecimentos escolares para a vida destes. Para o desenvolvimento desse estudo, fez-se necessário a abordagem quantitativa e qualitativa, a fim de abarcar a complexidade de se pesquisar a(s) juventude(s) a partir de uma categoria analítica, utilizando-se, para a coleta de dados empíricos, a aplicação de questionário e a entrevista.

O estudo foi organizado em quatro capítulos, sendo que no primeiro, apresenta-se o percurso teórico metodológico construído para dar forma a essa pesquisa. Nesse capítulo se descreve as etapas que foram realizadas para a elaboração desse estudo. Nesse momento, traz-se de forma mais detalhada os objetivos da pesquisa e os problemas que o tema levanta para direcionamento de possíveis buscas de respostas e o que se propõe a entender com esse estudo. Ainda nesse capítulo, podem-se identificar quais são as abordagens utilizadas para efetuar essa pesquisa e as escolhas dos instrumentos de coletas de dados. Como essa pesquisa se propõe a estudar os jovens, fez-se necessário efetuar alguns recortes para obtenção da amostra dos sujeitos participantes, como escolas e instituições de ensino frequentado pelos jovens, além do recorte etário destes. Também se apresentam algumas características do lócus da pesquisa e como se procedeu a recolha dos dados nas escolas e instituições selecionadas.

No segundo capítulo, intitulado *Situando o campo de investigação: estudos sobre juventude e escola*, introduzem-se os desafios teóricos e metodológicos de se compreender as juventudes. Para isso, trazem-se as perspectivas dos principais campos de pesquisa e seus respectivos pesquisadores que estudam a juventude a partir do viés psicológico, antropológico, histórico e sociológico, além de uma apresentação dos principais autores que se debruçam em estudar a nova conjuntura da juventude contemporânea que vem acompanhando as mudanças da sociedade e a influência dessas mudanças na relação do jovem e a escola e, seus desdobramentos.

No terceiro capítulo, intitulado *O sujeito da pesquisa*, são analisados os dados empíricos obtidos a partir de uma abordagem quantitativa com o intuito de trazer as características dos jovens participantes da pesquisa como gênero, idade, cor/raça, atividade profissional, atividade profissional dos pais e escolaridade dos pais, além de apresentar indicadores referentes aos sentidos que os jovens atribuem à escola. Tais dados foram interpretados e analisados a partir de quadros, tabelas e gráficos que se encontram no referido capítulo.

No quarto e último capítulo, intitulado *Sentidos que os jovens atribuem à sua experiência de escolarização*, são analisados os dados obtidos por meio das entrevistas junto aos estudos trazidos no referencial teórico desta pesquisa. O capítulo está dividido em 04 (quatro) subitens criados a partir das categorias de análise identificadas nas leituras criteriosas das entrevistas transcritas dos jovens.

2. O CAMINHO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A presente pesquisa assume como objeto de estudo a relação entre juventude e escola, de modo a indagar quais os sentidos que os jovens atribuem à escola considerando aspectos como trabalho, socialização e a importância dos conhecimentos escolares para a vida dos jovens.

Tendo em vista responder com profundidade e rigor o referido problema foram elaboradas questões de estudo, quais sejam: qual a percepção dos jovens sobre a juventude? Qual a importância dada pelos jovens à escola e o que ela ensina em termos de saberes e de preparação para a vida social? O que buscam os jovens na escola e, o que poderia ser mudado nesta instituição para otimizar esta busca? Qual a concepção dos jovens com relação ao ensino médio a partir de suas expectativas de trabalho e ingresso no nível superior?

2.1. PERCURSO METODOLÓGICO

Apresentamos aqui o percurso metodológico construído para o alcance dos objetivos e elucidação do problema e das questões de pesquisa. Por se tratar de um estudo que tem por foco a relação entre juventude e escola, fez-se necessário priorizar uma amostra significativa de sujeitos participantes. Assim, a pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa e a quantitativa (*survey*). Num primeiro momento da pesquisa foi utilizada a abordagem quantitativa para fazer o levantamento da caracterização dos sujeitos pesquisados e também levantar indicadores a respeito do objeto da pesquisa, por meios de questões voltadas para essa relação do jovem e a escola.

No segundo momento da pesquisa, por meio de uma abordagem qualitativa, realizou-se entrevistas com jovens que participaram da primeira etapa desse estudo e se disponibilizaram dar continuidade à pesquisa. Esse segundo momento objetivou-se a aprofundar, por meio dos discursos dos jovens, quais os sentidos que eles atribuem à escola, levando-se em consideração os indicadores trazidos na abordagem quantitativa desse referido estudo. Para a realização da entrevista, primeiramente, elaborou-se um roteiro de questões organizadas em eixos temáticos direcionados para o objeto da pesquisa, a fim de levantar dados que possam trazer possíveis respostas para as questões levantadas por esse estudo.

O instrumento utilizado na abordagem quantitativa (survey) foi o questionário¹ (APÊNDICE D, p. 129) contendo 17 questões abertas e fechadas das quais as 08 primeiras questões tinham o objetivo de levantar dados para caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, retratados em gráficos e quadros no decorrer do texto. As demais questões objetivavam levantar informações para subsidiar de forma quantitativa os sentidos que os sujeitos participantes desta pesquisa atribuem à escola. Estas informações foram organizadas e apresentadas no texto em forma de tabelas contendo os percentuais das respostas referentes às perguntas propostas, com isso apresentando alguns indicativos voltados para a relação juventude e escola. Dados referentes a essa relação estão evidentes nas questões 12 e 16 do questionário, onde os jovens tinham que responder a um rol de itens ligados diretamente ao objeto de pesquisa (ver Apêndice D).

Ao todo, participaram da pesquisa respondendo ao questionário 145 jovens, oriundos de 07 instituições educacionais: 05 fazem parte da rede pública de ensino e 02 são instituições de cunho formativo técnico profissional do sistema “S”², estas exigem, dependendo do curso ofertado, formação básica completa. Assim, o questionário tinha duas funções definidas, a primeira foi possibilitar o levantamento de dados que permitissem a caracterização dos sujeitos da pesquisa com o intuito de dialogar com o referencial trazido no texto, acerca de algumas variáveis levantadas pelos autores que permeiam esse estudo, como idade, cor, gênero, ocupação laboral, etc.. A segunda função do questionário foi mapear informações sobre os sentidos que estes jovens atribuem à escola, a relação dos jovens com a escola, com o intuito de identificar e analisar a visão deles sobre a preparação para o trabalho, a sociabilidade e a relação com o conhecimento escolar.

De modo a assegurar uma visão geral dos dados e uma melhor apresentação destes obtidos nos questionários, recorreu-se ao uso de linguagem matemática e estatística para descrever as informações resultantes desse instrumento. Dessa forma, foram construídos dois bancos de dados: um com informação das características dos sujeitos participantes e o outro

¹ Neste questionário foram incorporadas algumas questões similares aquela aplicadas por Pereira (2014), pesquisa realizada em São Carlos, com o intuito de saber o que dizem os jovens sobre o ensino médio e qual motivo os levam a frequentar a escola. Mestrado em Terapia Ocupacional – Centro de Ciências Biológicas em Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

² É formado pelo conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest).

com os dados obtidos nas respostas referentes à relação juventude e escola. Para criação desse banco de dados foi utilizado o software *Microsoft Excel*, pois traz inúmeras funções que facilitam a organização de base de dados significativos. Esse percurso se efetivou em etapas, detalhadas a seguir:

- Inicialmente foi criada uma tabela no Excel que organizou os dados obtidos sobre as variáveis do sujeito como, idade, sexo, cor, estado civil, filhos, atividade profissional, carga horária de trabalho, turno que estuda, fonte de renda, pessoas no domicílio, escolaridade dos pais e profissão dos pais;

- Após a organização dessas variáveis em coluna, deu-se início à alimentação dos dados nas respectivas colunas. Importante salientar que esses dados foram codificados para melhor objetivação e organização no tratamento deles.

Figura 2: banco de dados relativo aos jovens que estudam no Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA E PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
PERFIL DOS JOVENS DO (2) CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL-CEP SENAC DE CRUZEIRO DO SUL- ACRE
TURMAS: (1)TÉCNICO EM ENFERMAGEM (2)TÉCNICO EM ANÁLISE CLÍNICAS (3)TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS (4)TÉCNICO EM INFORMÁTICA

SUJEITO	IDADE	SEXO	COR	ESTADO CIVIL	FILHOS	ATIVIDADE PROFISSIONAL	C/H TRABALHO	TURNO QUE ESTUDA	FONTE DE RENDA/ NÃO TRABALHE	PESSOAS NO DOMICÍLIO	ESCOLARIDADE DOS PAIS			PROFISSÃO DOS PAIS		
											MÃE	PAI	RESP.	MÃE	PAI	RESP.
Colunas1	Colunas2	Colunas3	Colunas4	Colunas5	Colunas6	Colunas7	Colunas8	Colunas9	Colunas10	Colunas11	Colunas15	Colunas16	Colunas17	Colunas18	Colunas19	Colunas20
211	21	F	P	3	N	N	0	3	3	2	1	1	1	1	2	1
212	22	M	B	1	N	15	4-5	3	3	2	4	4	1	1	1	1
213	21	F	P	3	N	N	0	3	2 e 3	2	1	1	1	1	1	1
214	21	F	P	1	S	N	0	3	1	3	1	1	1	1	1	1
215	20	F	P	1	N	21	6-5	3	4	5	1	1	1	1	1	1
216	25	F	P	1	N	N	0	3	2 e 4	2	1	1	1	1	1	1
217	19	F	N	1	N	N	0	3	1	4	6	1	1	1	1	1
218	20	F	P	6	N	N	0	3	3	2	1	1	1	1	1	1
219	21	F	P	3	S	N	0	3	3	3	1	1	1	1	1	1
2110	21	M	P	1	N	N	0	3	1	6	1	1	1	1	1	1
2111	24	F	P	1	N	N	0	3	2 e 4	3	1	1	1	1	1	1

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

E necessário esclarecer que após a coleta de dados em campo, para uma melhor organização e clareza dos dados, fez-se uma codificação, criada para identificar a instituição (2), e o curso ofertado pela instituição (1 – Curso Técnico em Enfermagem) e a identificação

numérica dos sujeitos participantes da pesquisa. Desta forma, a tabela acima exemplifica a organização dos dados para efeito de tratamento estatístico. O número 2 (dois) identifica a instituição, neste caso o Centro de Educação profissional, o 1 (um) o código atribuído ao curso ofertado pela instituição e os últimos números representam a sequência numérica que identifica os sujeitos partícipes da pesquisa. Esse mesmo processo foi seguido na organização dos dados referentes às outras instituições e o Ensino Médio. Com base nos dados obtidos por esse instrumento de organização e análise, o pesquisador procedeu à elaboração dos gráficos, quadros e tabela.

Após 09 dias da aplicação do questionário, tempo que foi necessário para organização dos dados obtidos nesse primeiro momento da pesquisa, foi realizada a entrevista semiestruturada com 17 (dezesete) jovens distribuídos nas diversas instituições já mencionadas. Em cada instituição participante, após aplicação do questionário, foi explicada ao gestor a possibilidade de um possível retorno para convidar aos alunos para participarem da entrevista, com o intuito de dá continuidade à pesquisa. Conforme agendado com a gestão das instituições, houve um retorno às escolas e instituições técnicas profissionalizantes.

Na escolha dos jovens para participarem da entrevista, adotou-se o critério do interesse e disponibilidade por parte dos jovens que anteriormente responderam ao questionário. Dessa forma, 17 jovens se dispuseram a participar, ficando uma amostra constituída da seguinte forma: 11 jovens no ensino médio, dos quais 05 são homens e 06 são mulheres; no Ensino de Jovens e Adultos apenas 02 quiseram fazer a entrevista, ambos homens. No ensino técnico profissionalizante, englobando as duas instituições, Escola Integrada SESI/SENAI do Juruá e o Centro de Educação Profissionalizante, apenas 05 jovens se dispuseram a participar, sendo que 02 são homens e 03 mulheres. O quadro abaixo sintetiza as informações acima mencionadas.

QUADRO 01: TOTAL DE JOVENS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA

Instituições/modalidade de ensino	Número de jovens participantes da entrevista	Sexo masculino	Sexo feminino
Ensino médio	11 jovens	5	6
Ensino de Jovens e Adultos	2 jovens	2	0
Instituições técnico profissionalizantes	4 jovens	2	2
Total	17 jovens	9	8

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

O quadro acima nos mostra certa equiparação na participação dos jovens, tanto homens quanto mulheres nessa segunda etapa da pesquisa, tendo sua maior concentração no Ensino Médio.

Após ouvir e transcrever as entrevistas dos jovens participantes, o pesquisador verificou algumas categorias de análise, como as percepções dos jovens sobre a juventude, os sentidos que os jovens atribuem à escola e ao que ela ensina, como são vividas as experiências escolares e o olhar dos jovens sobre o Ensino Médio. Essas categorias direcionaram a análise dos dados. Assim, a fala dos jovens transcritas mediante autorização dos mesmos, foi reorganizada no formato de corpus textual. Para efetuar uma primeira análise desse corpus, recorreu-se ao software IRAMUTEQ – (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de textes et Questionnaires*), acatando a sugestão da co-orientadora, Profa. Dra. Franciana Carneiro de Castro. Trata-se de um *software* gratuito desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), que se ancora no *software R* que permite diferentes análises estatísticas sobre um corpus textual. Esse programa só começou a ser utilizado no Brasil em 2013.

Segundo Camargo e Justo (2013) o *Software IRAMUTEQ* apresenta um rigor nas suas análises estatísticas e permite ao pesquisador se utilizar de diferentes recursos para análise lexical. Outro ponto que os autores abordam é a facilidade em sua interface, possibilitando uma facilidade em sua utilização. Por essas características, acredita-se que o *software* tem muito a contribuir com as pesquisas nas ciências humanas e sociais.

A análise textual, ou análise lexical, feita pelo programa trata-se especificamente da análise de material verbal transcrito em diferentes condições como entrevistas, documentos, redações, etc., fontes usadas tradicionalmente pelas áreas humanas e sociais.

Segundo Camargo e Justos (2013) esse programa informático possibilita diferentes tipos de análises de dados textuais. A forma como ele organiza e distribui os vocábulos, torna-o facilmente compreensível e visualmente claro para o pesquisador e o leitor.

A forma de análises lexicais escolhidas para analisar os quatro corpus textuais foi a análise de similitudes e nuvem de palavras. A análise de similitude se baseia na teoria de grafos (relações de objetos de determinados conjuntos) possibilitando ao pesquisador identificar as ocorrências e conexidade entre as palavras. Na nuvem de palavras o pesquisador faz a interpretação a partir do agrupamento gráfico das palavras em função das recorrências delas. É uma análise lexical que possibilita a rápida identificação das palavras chaves de um corpus textual (CAMARGO e JUSTOS, 2013). É importante frisar que para o programa

reconhecer e processar os textos, estes devem ser inseridos dentro de uma codificação (ver Apêndice F) reconhecida pelo programa.

A escolha do IRAMUTEQ na pesquisa se deu pelo número significativo de dados obtidos a partir dos discursos dos jovens entrevistados. É bom salientar que o programa não dá uma análise pronta, o pesquisador terá que interpretar os resultados utilizando os referenciais escolhidos.

Ciente das limitações do programa quanto à análise dos quatro corpus textuais obtidos por meio das entrevistas, foi adotada uma abordagem qualitativa para aprofundar a análise. Dessa forma, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo para interpretação mais profunda dos dados, segundo a perspectiva adotada por Bardin (2011).

De acordo com Bardin (2011) a análise de conteúdo pode ser definida como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (BARDIN 2011, p. 15). De acordo com a autora “enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (BARDIN 2011, p. 15).

Segundo Bardin (2011) depois de demarcado o material de análise, no caso dessa pesquisa são os textos obtidos por meio da entrevista, é necessário que se proceda à constituição de um corpus. Para a autora “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126). A autora ainda salienta que para criação do corpus o pesquisador deve seguir escolhas, seleções e regras. Para efetuar a análise com base no referencial teórico desta pesquisa, utilizou-se a mesma constituição do corpus para a análise do IRAMUTEQ.

Ao fazer a leitura das entrevistas a partir dos blocos temáticos predefinidos no roteiro, foram emergindo algumas categorias de análise, as quais no decorrer do processo, em diálogo com o referencial teórico, conduziram a apreciação.

As entrevistas com os jovens foram realizadas, em sua maioria, nas residências dos mesmos, fato este que facilitou a apresentação e objetivo desta pesquisa para os pais. Algo importante que o pesquisador notou foram as diversas formas de constituição familiar que os jovens integram. Quatro moravam com os avós, um com o pai e o irmão e os demais moravam com o pai e a mãe. O pedido de autorização dos pais e a assinatura do TCLE (APÊNDICE A e B) foram assinados pelos responsáveis antes do início de cada entrevista. Apenas dois Jovens que estudam na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos preferiram ser entrevistados na própria escola, assim foi marcado o encontro a 40 minutos do início das aulas para ser feita a entrevista.

2.2 LOCAL ONDE A PESQUISA FOI REALIZADA

O estudo foi desenvolvido na cidade de Cruzeiro do Sul, município que está localizado na região noroeste do estado do Acre, na margem esquerda do rio Juruá, distante aproximadamente 650 km de Rio Branco, capital do estado. Suas fronteiras fazem divisa com o estado do Amazonas (Norte) e com o Peru (a Oeste), além de fazer divisa com outros municípios do estado do Acre, como Porto Walter, Tarauacá, Rodrigues Alves e Mâncio Lima. A população em 2010 era de 78.507 habitantes, dos quais 70% residem na área urbana, conforme apontam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, também esse estudo nos trouxe a população jovem do município, entre a faixa de 15 a 24 anos, que somavam um total de 16.369 habitantes, representando 20,85% dos indivíduos que residem na cidade (IBGE, 2010). Dados de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos apontam que a população estimada em 2015 é de 81.519 habitantes, assim se configurando como o segundo município mais populoso do estado e o 33º na região Norte do Brasil.

Segundo Araújo (2016) o isolamento ainda é um problema que se mantém nesta região do Alto Juruá. O único meio da população se deslocar para outras cidades do Brasil, até o início da década de 50, era feito por via fluvial, pois a BR 364 nesse período era um sonho e estava em processo de abertura para a construção da estrada. Além disso, o primeiro avião coletivo a pousar em solo cruzeirense aconteceu em 1951, mas a autora ressalta que o isolamento foi atenuado apenas para as pessoas com melhores condições financeiras, que poderia arcar com os altos custos das passagens.

Esse isolamento gerou e ainda gera muitos problemas nessa região, exemplo é o alto custo de vida na cidade. Produtos tidos como essenciais têm custos astronômicos. Empresas do ramo alimentício, de abastecimento de combustíveis, usam como pano de fundo a dificuldade de trafegabilidade da Br 364 para aumentarem seus preços, algo muito similar aos chamados cartéis, pois não se identificam preços que favoreçam a população. Essa economia de mercado, um dos frutos do capitalismo, não facilita a vida das pessoas dessa região. Percebe-se uma fraca intervenção do Estado e de seus órgãos reguladores para combater esses abusos.

A principal ligação da região do Alto Juruá com outras cidades do Acre e com os demais Estados Federados é por meio da Br 364, com condições que estão aquém de uma boa rodovia interestadual. O percurso feito por ônibus de Cruzeiro do Sul a Rio Branco, meio

utilizado por grande parte da população, demora em torno de 16 horas para percorrer 650 km, isso em condições de tempo e clima favoráveis, pois com as chuvas essas horas percorridas aumentam e no inverno amazônico, que se configura por muitas chuvas nessa região, comumente nos meses de outubro a abril, dificulta muito essa trafegabilidade, algo que até o ano de 2011 era motivo para impedir o uso dessa rodovia para o tráfego.

Nos dias atuais, apesar das péssimas condições dessa rodovia, a trafegabilidade não é interrompida por longo tempo no período do inverno; em contrapartida, é no inverno que os limites de cargas dos caminhões são controlados para evitar maiores desgastes da Br 364, influenciando diretamente no aumento do custo de vida no município. Outro ponto importante nesse período chuvoso são as interdições pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – Dnit.

Com relação à economia da cidade, Araújo (2016) ressalta que Cruzeiro do Sul por ser o município mais populoso da região do Vale do Juruá com a população estimada em 2015 de 81.519 (dados de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) é visto como polo econômico mais importante dessa região com grandes ligações com a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, influenciada pela exportação da farinha que, segundo a autora, é o carro chefe da economia do município, além de se ancorar em outras atividades econômicas como: extrativismo, agricultura, comércio, pecuária, serviços, ecoturismo e produções artesanais. As oportunidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho giram em torno dessas atividades econômicas apontadas pela autora na Cidade de Cruzeiro do Sul.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, apenas 10,7% da população total tinham ocupação formal, ou seja, 8.753 pessoas estavam trabalhando formalmente. Esses dados, além de nos mostrar uma fatia pequena da população da cidade em ocupações formais, leva-nos a inferir sobre a capacidade do município de absorver os jovens no mercado de trabalho. Se tomarmos como referência os dados do IBGE de 2010 sobre a população jovem do município, que girava em torno de 16.369, podemos ter um panorama do mercado de trabalho inflacionado no que tange àqueles tidos como formais, e as possíveis perspectivas de inserção desses jovens no mercado de trabalho. Diante desse cenário, muitos dos jovens recorrem a trabalhos informais para ajudar no orçamento familiar ou até mesmo vivenciar a juventude, fatos esses já mencionados por alguns autores que dão base a essa pesquisa.

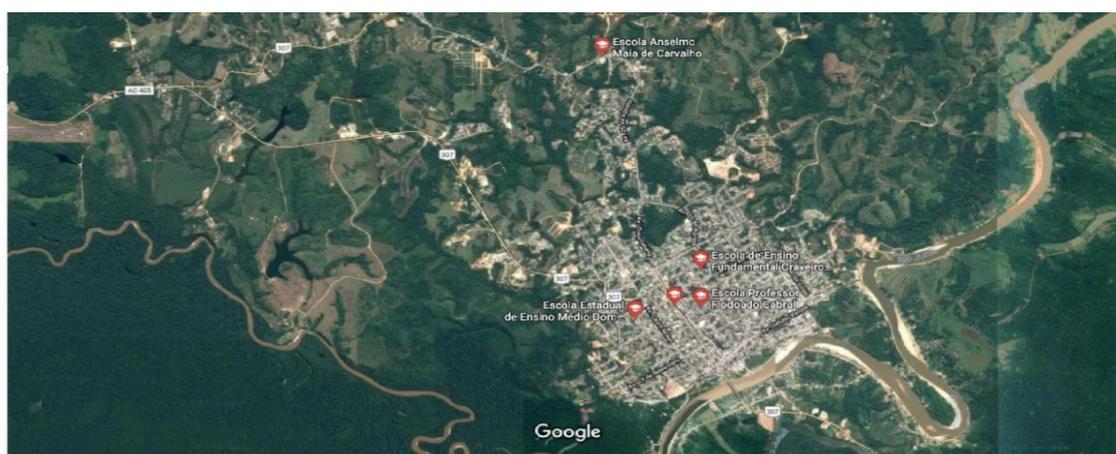
De acordo com o Plano Municipal de Cultura de Cruzeiro do Sul 2017/2026, a cultura e o turismo da região tiveram um significativo avanço após a ligação com as outras cidades do

Brasil por meio da Br-364. Com esse “encurtamento” entre as cidades, a cultura passou a ser um ativo forte para a economia. A cidade representa hoje para a região um enorme potencial turístico e cultural, porém, segundo o Plano Municipal de Cultura, um dos grandes problemas enfrentados é a ausência de programas específicos que tenham como público alvo os jovens entre 16 a 25 anos, com o objetivo de, além de inseri-los no contexto cultural da região, também despertar interesse e capacitá-los para o mercado da cultura. Ainda segundo o Plano, não há programas efetivos que busquem valorizar as manifestações culturais da cidade e estímulos para pesquisas voltadas para a cultura local.

Segundo a Diocese de Cruzeiro do Sul, o trabalho feito com os jovens visa despertar e formar o espírito missionário universal dos jovens através da criação da juventude missionária. Além de estreitar os laços com a igreja, propaga a crenças católicas para a comunidade jovem de Cruzeiro do Sul. Também a Igreja Católica oferece entretenimento para o público jovem como confraternização e lazer para a juventude.

De acordo com a União Municipal dos Estudantes Secundaristas – UMES, formada por jovens estudantes, tem como um dos objetivos lutar por interesses em comum da juventude como espaço para o lazer, transporte escolar. Porém conforme registrado em Ata em reunião dos membros, a UMES se dissolveu em 2014 por falta de um representante. Diante disso, os movimentos em prol dos estudantes secundaristas liderados pela UMES estão a quatro anos em inatividade na Cidade de Cruzeiro do Sul.

FIGURA 02: IMAGEM VIA SATÉLITE DA ZONA URBANA DE CRUZEIRO DO SUL E AS ESCOLAS QUE FIZERAM PARTE DESSA PESQUISA



Fonte: Google Maps

Na figura acima, pode-se ver a zona urbana de Cruzeiro do Sul, pertencente à região do Alto Juruá. Nota-se também a localização das escolas participantes da pesquisa através

desses pontos vermelhos que indicam suas localizações. Ao se analisar o mapa, percebe-se as duas escolas na parte central da zona urbana e outras duas mais periféricas; distante da zona mais populosa se encontra uma única escola.

2.3 OS JOVENS PARTICIPANTES

Alguns critérios balizaram a delimitação da amostra desta pesquisa ao considerar a impossibilidade de contemplar o universo de todos os jovens da cidade de Cruzeiro do Sul. Em primeiro lugar para efetuar essa delimitação, utilizamos como parâmetro para demarcar a população da pesquisa a Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 que criou o Estatuto da Juventude. O referente aporte legal traz em seu artigo 1º, parágrafo primeiro e segundo, a definição de que são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Utilizamos o aporte legal como primeiro recorte para delimitar a população da pesquisa. Como segundo critério, priorizaram-se os jovens que estão matriculados e frequentando escolas de Ensino Médio regular da rede pública, como jovens que estudam na Educação de Jovens e Adultos, e também os jovens que estudam em cursos técnicos profissionalizantes ofertados por duas instituições que fazem parte do sistema “S”³ - o Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul – CEP e a Escola Integrada SESI SENAI do Juruá.

A inclusão dos jovens que estudam em cursos técnicos profissionalizantes na população da pesquisa justifica-se como relevante em função dos mesmos estarem vivenciando uma experiência formativa importante, que é o preparo para o trabalho. Aliado ao recorte etário, por se tratar de um grupo situado em termos de idade entre 15 a 24 anos.

Em relação ao processo de inclusão dos jovens que frequentam a EJA, recorreu-se ao setor de estatísticas da Secretaria de Educação que apontou o perfil dos jovens que frequentam a EJA no município, enfatizando o número significativo de jovens com idade abaixo dos 29 anos. Contato semelhante foi realizado com a gerência das instituições de cunho técnico-profissionalizantes, indicando um recorte menor em decorrência da procura nessas instituições como, por exemplo, na Escola Integrada SESI SENAI do Juruá, que nos

³ É formado pelo conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest)

informou que a idade é um pré-requisito para participação do jovem no programa Jovem Aprendiz, que prioriza jovens na faixa de 14 a 24 anos incompletos. Por último, a faixa etária dos jovens que estudam no ensino média gira entre 15 a 17 anos. Com base nessas informações recortamos a faixa etária da população da pesquisa para 15 a 24 anos.

A seleção dos sujeitos da pesquisa se efetivou, assim, por amostragem intencional por conveniência. É intencional por que se sabia de antemão qual o público alvo e é por conveniência porque esse tipo de amostragem dá certa liberdade para o pesquisador quanto à seleção dos participantes.

Na ida em escolas e instituições que ofertam educação aos jovens nessa faixa etária, o pesquisador perguntou a eles quem estava disposto a participar da pesquisa. Utilizando-se dessa estratégia, a amostra da população resultou em 145 jovens na faixa etária de 15 a 24 anos.

Embora tenha sido utilizado nesta pesquisa o critério idade como forma de acessar os jovens que dela participariam, é preciso destacar que também se observou as ponderações de Bourdieu (1983) quando nos mostra que o fator biológico sobreposto ao fator social para caracterizar a juventude, configura-se em uma arbitrariedade e manipulação. Desta forma, a categoria idade cronológica foi adotada como importante apenas como meio de seleção e acesso aos jovens.

Segundo informações prestadas pela Secretaria de Estado de Educação-SEE/Setor de Estatística, frequentam no Ensino Médio regular na zona urbana 3.458 alunos. Na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos frequentam na zona urbana 1.359 alunos. Desse total, 750 estão matriculados na escola escolhida para fazer parte da pesquisa. Dos 750 alunos, 556 são jovens de até 24 anos, dado este informado pelo setor de estatística da SEE, retirados do banco de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/ Diretoria de Estatísticas Educacionais – Deed. É bom frisar que esse banco de dados não traz a idade dos alunos matriculados e sim a data de nascimento, portanto para chegar ao resultado de 556 jovens de até 24 anos foi estabelecido um parâmetro a seguir, que nesse caso se deu a partir da data de nascimento dos alunos, usado como limite referencial o mês de abril de 1994, haja vista que no período da coleta de dados, não tinham completado 25 anos.

Em se tratando das informações relativas à formação técnico-profissional do Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul – Cep (SENAC) optou-se por trabalhar com jovens que frequentam os cursos de maior carga horária, haja vista que esses cursos têm uma grande demanda, devido serem vistos como preparatórios “imediatos” para o mercado de trabalho, que são eles: Técnico em Enfermagem/carga horária 1.800 horas, Técnico em

Análises Clínicas/ com carga horária de 1.440 horas, Técnico em Recursos Humanos/ carga horária 800 horas, e Técnico em Informática/carga horária 1.200 horas. Os alunos que frequentam esses cursos somam um total 141 participantes. Tendo em vista que não foi disponibilizado, dados que poderiam auxiliar na obtenção do número exato dos jovens de 15 a 24 anos que frequentam esses cursos, o pesquisador utilizou como estratégia para seleção dos jovens a passagem nas 05 turmas. Na oportunidade, explicou a relevância e importância da pesquisa, após essa explicação o pesquisador entregou uma folha para que todos preenchessem com o nome e a data de nascimento. Recolhida as folhas com nomes e respectivas datas de nascimento, foram analisadas as datas e depois se chegou ao total de 87 jovens inclusos na faixa etária de 15 a 24 anos.

Com Relação à Escola Integrada SESI/SENAI do Juruá, a gerência nos informou que estavam matriculados no programa de Jovem Aprendiz industrial⁴ 150 alunos. Importante ressaltar que os jovens estavam a frequentar os cursos ofertados por estas instituições no período da realização da coleta de dados, estava em andamento. Abaixo o quadro apresenta o número de jovens matriculados por instituições e os respectivos participantes.

QUADRO 02: POPULAÇÃO TOTAL DA PESQUISA

Escola/ Instituições /população da pesquisa	Número de alunos matriculados	Participantes
Ensino Médio zona urbana	3.458 jovens matriculados	80 participantes
Ensino de Jovens e Adultos	556 jovens Matriculados	20 participantes
Escola Integrada SESI SENAI do Juruá (Jovem aprendiz)	150 jovens matriculados	10 participantes
Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul – CEP SENAC (cursos participantes)	87 jovens matriculados	35 participantes
População da pesquisa	4.251 jovens	145 participantes

Fonte: Dados obtidos a partir da pesquisa, 2018

⁴ O SENAI oferece programas de aprendizagem Industrial, para jovens na faixa etária de 14 a 24 anos, em parceria com as Indústrias do Estado. Por meio dos cursos de aprendizagem, as empresas contratam os jovens, por tempo determinado, atendendo a cota de aprendiz e preparando recursos humanos que poderão fazer parte do seu quadro de funcionários, além de contribuir para a formação dos futuros profissionais do país.

No município de Cruzeiro do Sul existem atualmente 05 (cinco) escolas de Ensino Médio, totalizando em termos de atendimento 3.458 alunos matriculados. Dessas escolas, selecionamos 04 (quatro) instituições para recolha dos dados junto aos jovens que as frequentam. Nestas instituições de ensino médio, 80 (oitenta) jovens se dispuseram a participar da pesquisa, número que se obteve com o auxílio dos professores regentes que, no momento da explicação do pesquisador sobre a importância da pesquisa, enfatizaram a importância da participação dos jovens. Esses jovens que se propuseram a participar ficaram distribuídos da seguinte forma: Na escola “A” que fica no centro da zona urbana da cidade, que, além de atenderem aos jovens de ensino médio nos turnos matutino e vespertino, também atendem alunos do EJA, esta tiveram 40 (quarenta) jovens do 3º ano do turno da manhã dispostos a participar da pesquisa; Na escola “B” que fica situada na zona urbana, mas localizada em uma área periférica da cidade, atende os alunos do ensino médio de tempo integral, obteve nessa escola a participação de 20 (vinte) jovens do 2º ano; Na escola “C” localizada em outro bairro periférico da cidade, atende alunos do ensino médio no turno da manhã e da tarde, e no período noturno atende os alunos da EJA. Nessa escola se disponibilizaram a participar da pesquisas 10 (dez) jovens do 1º ano do turno da tarde, na escola “D”, mais distante de todas, porém ainda na zona urbana, atende os alunos do ensino fundamental no turno da manhã e o ensino médio no turno da tarde. Nessa escola participaram da pesquisa 10 (dez) jovens, estudantes do 1º ano no turno da tarde.

Em se tratando da participação relativa aos jovens que frequentam a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), das 08 (oito) escolas que ofertam essa modalidade de educação, foi selecionada 01 (uma) para compor a amostra da pesquisa. A escolha dessa escola se justifica por se tratar de uma instituição escolar especializada nessa modalidade no município, compondo todas as suas turmas com alunos de EJA. Com o auxílio das professoras regentes, enfatizando a importância da pesquisa para os jovens, obteve-se 20 (vinte) participantes que se disponibilizaram, sendo 10 (dez) jovens que estudavam no segundo segmento dessa modalidade no turno da tarde e 10 (dez) jovens que estudavam no segundo segmento no turno da noite.

Com relação à participação dos jovens que frequentam as instituições que oferecem cursos técnico-profissionalizantes, a manifestação de interesse por parte dos alunos foi uma estratégia utilizada para compor a amostra. O quadro abaixo retrata, graficamente, o grupo dos participantes da pesquisa:

QUADRO 03: JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA E SUAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES,
AMOSTRA DA PESQUISA

Ensino Médio	80 jovens
Ensino Médio Modalidade EJA	20 jovens
Centro de educação Profissional-Cep	35 jovens
Escola Integrada SESI SENAI do Juruá	10 jovens
Amostra da pesquisa	145 jovens

Fonte: Dados obtidos a partir da pesquisa, 2018

É importante frisar que esses jovens estavam com as aulas em curso, o que de certa forma viabilizou a aceitação dos 45 (quarenta e cinco) jovens que estudam nessas instituições, ficando distribuído da seguinte forma: 35 (trinta e cinco) jovens no Centro de Educação Profissional – Cep e 10 (dez) jovens na Escola Integrada SESI SENAI do Juruá, somando um total de 145 jovens em todas as instituições participantes.

2.4 COLETA DE DADOS

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos, utilizando-se procedimentos metodológicos distintos em cada uma das etapas. Na primeira etapa, a coleta de dados se deu a partir da aplicação de um questionário em sala com a permissão do gestor e gerente das instituições, com a presença dos professores regentes. Esse questionário estava composto de perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE D, p. 129). As questões abertas de 01 (um) a 08 (oito) objetivavam caracterizar os jovens participantes dessa pesquisa. As questões 12 e 16 estavam voltadas para trazer indicadores sobre os sentidos que os jovens atribuem à escola.

As perguntas do questionário demandavam, em sua maioria, respostas objetivas com a finalidade de construir dados sobre os jovens e suas concepções sobre a escola e os sentidos que estas instituições têm em suas vidas, além de propiciar, por meio do uso da linguagem matemática/estatística, a descrição, em termos de uma amostra quantitativamente mais expressiva. Antes da aplicação desse instrumento foi realizada uma pré-testagem, de modo a se verificar a clareza, a objetividade das questões, bem como o tempo necessário para a resolução das mesmas.

Após a realização da pré-testagem e analisada a eficiência do questionário em sua aplicação, o pesquisador se organizou para se reunir com os gestores e gerentes das instituições de cunho profissionalizante. Na ocasião da realização das reuniões com os gestores e gerentes das instituições participantes, além da explicação da pesquisa e seu

objetivo, tomou-se a assinatura do Termo de Autorização Institucional (APÊNDICE A p. 124) e tão logo já se agendou as datas da aplicação do instrumento de coleta em sala.

A segunda etapa da coleta de dados se efetivou mediante a realização de entrevista semiestruturada (APÊNDICE E, p. 134), priorizando a obtenção de dados relativos aos sentidos e anseios que os jovens dão à escola; para isso, traçamos um roteiro para a entrevista abordando pontos importantes para obtenção dos dados a saber: perguntas relacionadas à percepção dos entrevistados sobre o que é ser jovem; os sentidos que os jovens atribuem à escola; a importância da escola para o trabalho; os motivos que levam os jovens à escola; e os jovens e o ensino médio. As entrevistas foram agendadas previamente com os participantes, na sua maioria realizada na própria residência, tendo alguns optados por realizarem-na na própria instituição em que estudavam, chegando mais cedo na escola ou instituição para realizarem a entrevista. Esta se configurou como etapa importante, pois nos possibilitou aprofundar a respeito da visão dos jovens sobre o tema e nos esclareceu também algumas informações que surgiram como indicadores apontados pela análise dos dados do questionário.

A entrevista foi realizada em locais previamente selecionados pelos participantes, ocasião em que o pesquisador explicou detalhadamente o objetivo da pesquisa, prestou informações sobre o questionário e o tratamento ético a ser dado aos dados obtidos na pesquisa, destacando a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. (APÊNDICE A e B). Com relação aos jovens menores de 18 anos, teve-se o cuidado de apresentar a pesquisa aos responsáveis e como se daria a utilização da entrevista gravada nesse estudo.

Importa destacar, nesse percurso metodológico, que o contato com as instituições nas quais os jovens foram acessados se deu mediante visita prévia, sem agendamento, em termos de primeiro contato. Na sequência, a partir do contato com os gestores ou gerentes das instituições mencionadas anteriormente, foi realizada a explicação sobre a pesquisa, enfatizando sua relevância acadêmica, bem como as explicações referentes aos instrumentos da pesquisa e aspectos éticos atinentes à mesma. Foi realizado o convite para a participação juntamente com a apresentação do questionário anexado ao Termo de Autorização Institucional e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). (APÊNDICE A e B).

No próximo capítulo serão abordadas as principais perspectivas voltadas para o estudo da juventude como categoria analítica. Além de apresentar autores e suas respectivas pesquisas voltadas para as juventudes contemporâneas e sua relação com a escola.

03 – SITUANDO O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO: ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES E ESCOLA

Nas discussões acadêmicas sobre juventude, o desafio para os pesquisadores se revela já na compreensão da juventude como categoria analítica. São diferentes concepções elaboradas pelos pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema, vinculadas a diferentes perspectivas teóricas. Ao adentrarmos nesse campo de estudo, identificou-se debate de diferentes concepções, que se mostra com maior recorrência no campo da Psicologia, da Antropologia, da História e da Sociologia.

Segundo Groppo (2009, p. 45) “a perspectiva psicológica pode ser representada pela tese da moratória juvenil defendida por Erik Erikson”. Nessa tese, a juventude passa por uma espécie de experimentação da vida, ou seja, os indivíduos deveriam ensaiar diversos papéis em busca de sua própria personalidade para assim assumir seu papel como adulto. Ainda segundo Groppo, “Erikson elaborou a versão mais nítida do modelo homogeneizador de juventude imaginado quase universalmente e vivido muito restritamente (basicamente, apenas pelas classes médias dos países desenvolvidos) em seu tempo, o século XX” (GROPPO, 2009, p. 45).

Pode-se dizer que a moratória juvenil seria um espaço de experimentação/preparação para vida. Os jovens experimentam a vida sem a responsabilidade dos adultos, como, por exemplo, o namoro, o “ficar”, a própria rotina escolar, são experimentações que agregam responsabilidades para os jovens, mas estas estão aquém das reponsabilidades dos adultos, enquanto estes têm uma relação conjugal cheia de compromissos e grandes responsabilidades, aqueles mantêm relacionamentos com certa rotatividade, dessa forma preparando-os para a vida adulta. Mas para Groppo essa tese da moratória juvenil, elaborada por Erik Erikson, apesar de atribuir certa importância à juventude, tem um caráter homogeneizador, pois os jovens que Erikson estudou e criou essa tese viviam em classes médias. Dessa forma, ao passo que ele universaliza essa tese tendo como base a realidade de jovens de classes mais favorecidas, oculta as diversidades e vivências da juventude oriunda das classes populares.

Para Groppo (2010), com os avanços nos estudos socioculturais emergia a possibilidade de estudar e discutir sobre identidade juvenil ou, melhor, de identidades juvenis. Segundo o autor, com as diversas mudanças na sociedade era inevitável o avanço da autonomia juvenil. Com a metamorfose da sociedade, oriunda principalmente de fatores econômicos, era quase que impossível tais mudanças não deixarem claras, o que já existia, as mais diversas formas de juventude, contrapondo-se assim à tese homogeneizadora da

moratória social da elite. “Na verdade, mesmo os defensores da tese da moratória anteviram esta possibilidade, a da autonomia juvenil buscar sua plenitude, mas consideraram como algo indesejável, revelador de ‘anomia’ social” (GROPPO, 2010, p. 16). Segundo Groppo, essa tese da moratória não conseguiria dar conta da diversificação da juventude, ocasionada não apenas pela questão cultural, mas também provocada pelas desigualdades socioeconômicas.

Percebe-se que a tese da moratória social juvenil e seu caráter homogeneizador não resistiram às mudanças da sociedade e às mais diversas formas de ser jovens ficaram veladas na sociedade pós-moderna. Surgia então a tendência dos jovens criarem seus próprios grupos e seus próprios mundos.

Segundo Maia (2010), falar da juventude e do ser jovem na atualidade consiste em um grande desafio, pois existem várias formas de abordagem dessa categoria, levando pesquisadores desse campo em específico a se depararem com uma polissemia dos sentidos da juventude e várias perspectivas quando se transita por esse estudo. Maia subsidiando-se em Debert (2000) aponta para uma dessas perspectivas, que é o da Antropologia, pois a análise da categoria juventude é uma das partes importante do estudo etnográfico preocupado em entender os tipos de organização social, das diversas formas de controle de recursos políticos. Dessa forma a autora citada por Maia “afirma que o modo como a vida é periodizada, o tipo de sensibilidade investida na relação entre as diferentes faixas etárias são, na Antropologia, uma dimensão central para compreensão das formas de sociabilidade em diferentes contextos e sociedades distintas” (MAIA, 2010, p. 38)

A partir do texto acima mencionado, Maia cita a antropóloga Guida Grin Debert, para enfatizar a importância da Antropologia nos estudos sobre juventude. A autora menciona que a categoria juventude é parte importante das etnografias preocupadas em entender os tipos de organização social. Podemos inferir que a juventude faz parte de um todo, ou seja, a Antropologia busca entender as organizações sociais em sua completude, englobando assim todos os seus membros. Diante da importância do estudo das juventudes na Antropologia em entender a organização social, leva-nos a crer que os comportamentos, direitos e deveres peculiares de cada faixa etária é o foco da antropóloga. Diante disso, Maia afirma que “a escola será a instituição que iniciará o processo, seguido por outros espaços da sociedade, que separa crianças, jovens e adultos, dando uma clara configuração distintiva a cada fase da vida” (MAIA, 2010, p. 44).

Situando a juventude nos estudos históricos, Phillipe Ariès, em sua obra *História Social da criança e da Família*, sugere que a juventude enquanto categoria social teve como início de sua constituição a modernidade, distinguindo-se assim da infância a partir do século

XVIII. Segundo o autor não havia diferenciação por faixa etária na Idade Média, pelo contrário, se assemelhavam aos adultos em muitos aspectos como vestes e lugares frequentados por ambos sem discriminação. Ariès afirma que, nas sociedades tradicionais, a criança “(...) mal adquiria um desembaraço físico, era logo misturada aos adultos (...)” (ARIÈS, 1981, p. 10). O autor ainda afirma que o surgimento das indústrias trouxe consigo a instituição da educação escolarizada, fazendo com que as crianças não se misturassem à vida adulta e ficassem na escola até serem “soltas no mundo”.

Giddens⁵ (1991) nos traz a ideia que a história de desenvolvimento do homem na sociedade não é linear e nem homogênea, segundo o autor esse desenvolvimento é marcado por “descontinuidades”. Para Giddens :

As mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos — um diminuto período de tempo histórico — foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las (GIDDENS, 1991, p. 11).

Segundo Giddens (1991) podemos identificar essas “descontinuidades” através de três características, o *ritmo das mudanças* que é muito clara na era moderna. Se compararmos as civilizações tradicionais com sistemas pré-modernos, percebemos que aquele é mais dinâmico, mas ao chegarmos à modernidade a rapidez de mudanças é enorme, fica mais óbvio o ritmo dessas transformações quando está atrelada à tecnologia. Uma segunda característica da descontinuidade é *o escopo da mudança*, segundo a qual conforme as partes do mundo vão se interconectando ondas de civilização tomam o globo terrestre. E por último a característica que diz respeito à *natureza intrínseca das instituições modernas*. Muitas instituições sociais nasceram e se modificaram na própria modernidade, influenciando de forma direta os membros da sociedade.

Para Groppo (2004), historicamente, na maioria das sociedades pré-modernas, apresentavam a tendência em manter grupos heterogêneos. Citando Phillippe Ariès (1981), o autor destaca que o surgimento de grupos etários homogêneos é fruto de uma nova forma de estruturação social “pública”, onde os indivíduos se distanciam das referências diretas da família na inserção social, partindo para outra socialização, a secundária, que são promovidas pelas instituições públicas em esferas sociais não organizadas a partir da família e do parentesco.

⁵ Para conceituar modernidade, esta pesquisa se recorre à obra do sociólogo inglês Anthony Giddens, intitulada “As consequências da modernidade” (1991).

A partir das sociedades modernas começam a surgir novas formas de socialização, percebemos mais notoriamente na Revolução Industrial com a institucionalização dos saberes técnicos obtidos na escola. Havia uma necessidade de mão-de-obra especializada com o crescimento das indústrias, culminando assim, para uma “obrigatoriedade” de se ter conhecimentos oriundos da escola por parte da população. Dessa forma, começa entrar em cena as socializações secundárias, um produto das instituições públicas, onde o crescimento dessas socializações de cunho institucional se sobrepõe àquelas primárias, de origem na família e parentescos. Essa socialização secundária tem papel fundamental na homogeneização da juventude, pois ditam regras, direitos e deveres dos indivíduos com intuito de se ter uma maior “controle” social (GROPPO, 2004, p. 12).

Além da Psicologia, da Antropologia e da História, pode-se apontar também a sociologia como uma das áreas que tem se dedicado bastante aos estudos relacionados à juventude. No campo da Sociologia, podemos destacar Karl Mannheim e seu conceito de gerações.

Segundo Weller (2010), Karl Mannheim aborda o problema das gerações a partir de dois pontos distintos: a primeira efetua uma crítica à vertente do positivismo francês que explica as mudanças na sociedade com base no aspecto “biológico” e linear, ou seja, o desenvolvimento da sociedade está associado diretamente à maturação orgânica do indivíduo. Para a autora, os positivistas estavam tentando criar uma lei geral para explicar o ritmo da história na sociedade, tendo como base o determinante biológico de mensuração da vida de um indivíduo, dessa forma enfatizando o fator idade e suas etapas para retratar a vida “útil” do indivíduo na sociedade. Essa forma quantitativa de compreender o progresso da espécie humana desconsidera as inúmeras variáveis da juventude e não as vê com bons olhos, pois nessa visão positivista, os jovens formarão a “sociedade de amanhã”, e podem ser um problema se não preparados de forma adequada. Notoriamente, Mannheim se posiciona na contramão do pensamento positivista com relação ao conceito de gerações, diferentemente dos positivistas, reconhece as inúmeras variáveis que existem nesse estudo.

Como ressalta Weller (2010) Mannheim não concordava com a abordagem dos positivistas franceses, e o eixo dessa discordância se deu pelo fato que o autor não aceitava a visão preponderante no aspecto “biológico” e linear para explicação do desenvolvimento de uma sociedade. Nota-se na fala do autor que essa abordagem de cunho estritamente quantitativo, tendia a simplificar o curso do progresso da humanidade e ao mesmo tempo tentava apreender a forma desse progresso com elementos que desconsiderava inúmeras variáveis, muitas delas se encontram na categoria da juventude.

Para Feixa e Leccardi (2010) alguns positivistas comparam a organização social ao organismo biológico, pois ambos estão fadados ao desgaste. Ficava claro para os positivistas que o papel das novas gerações era substituir as já desgastadas. Segundo essa linha positivista, o conflito de gerações dentro dessa abordagem “quantificável” só poderia ser gerado se a vida se alongasse de tal forma a ponto de criarem um desequilíbrio social, rompendo assim com o “ritmo do progresso”.

Esses autores recorreram a Dilthey (1989) para se contrapor a visão positivista sobre o conceito de gerações. Para eles essa abordagem positivista não foi bem aceita pela abordagem qualitativa, pois esta enfatizava e dava importância à qualidade e o vínculo das relações entre os indivíduos, diferentemente daquela que traduz o progresso de uma sociedade a partir de uma visão linear e mensurável.

Outro aspecto destacado por Weller (2010), a partir das análises de Mannheim, é a comparação da complexidade das gerações com a situação de classes, pois o pertencimento de um grupo com nascimento próximo (mesma geração) tem em comum as posições específicas ocupadas pelos indivíduos de classes diferentes, pois ambos estão limitados a um determinado campo de ação de possíveis acontecimentos, caracterizando uma forma específica de viver e de pensar e até uma forma específica de intervir no próprio processo histórico.

Essa analogia com a situação de classes reforça o entendimento de que as gerações consistem em um conjunto de pessoas próximas no nascimento que comungam de influências históricas comuns, como as intelectuais, sociais e políticas. Algo muito similar ao que é visto nas classes sociais, ou seja, pessoas que dividem o mesmo conjunto de experiências e o mesmo tempo, agindo em prol de interesses comuns do grupo.

Segundo Weller (2010), Mannheim ao discutir a necessidade de transmissão dos bens culturais pelas gerações mais velhas para as mais novas, destaca a dificuldade daquelas. Trazendo para o contexto escolar, mostrando que “as dificuldades existentes entre professores e alunos estão relacionadas às orientações ou visões de mundos distintas de cada geração” (WELLER, 2010, p. 213). Assim, para Weller, a possível superação desse problema implica em uma interação entre ambos, pois não só o professor educa o aluno, aquele também aprende com este.

Ainda recorrendo às análises do autor, destaca-se os conceitos de geração de Mannheim e sua cirúrgica elaboração sobre a posição, a conexão e a unidade geracional que vão de encontro a uma ideia de unidade de geração concreta e coesa que oculta as diversas variáveis existente em uma sociedade heterogênea, ou melhor, de classes, e nos leva a centrar nossas análises nas “interações primárias documentadas nas ações e expressões de

determinados grupos, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo” (WELLER, 2010, p. 219)

Para Weller (2010), Mannheim vê as gerações constituídas por processos dinâmicos e interativos. Nesse modelo, pertencer a uma geração não pode ser deduzido imediatamente às estruturas biológicas, “pois, compreende-se que apesar de as gerações serem fenômenos primeiramente biológicos, não podem ser restritas a esse campo”. (WELLER, 2010, p. 220)

Segundo Maia (2010, p. 165), Mannheim, por analogia à posição de classes, divide o conceito de gerações em três partes:

Posição Geracional - os indivíduos que nascem no mesmo ano pertencem à mesma geração, e compartilham de uma situação comum na dimensão histórica do processo social. O critério definidor da “posição geracional”, porém não seria o estoque de experiências comuns, acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a “possibilidade” ou “potencialidade” de poder vir a adquiri-las (...); Conexão Geracional - a conexão geracional em contrapartida já pressuporia um vínculo concreto. Mannheim definiria como “participação no destino comum dessa unidade histórico-cultural” Por esse ponto de vista, para estabelecer uma conexão geracional não bastaria participar apenas “potencialmente” de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns. Seria preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual (...); Unidade de Gerações - A *unidade geracional* se constituiria por uma adesão mais concreta em relação àquela estabelecida pela conexão geracional. Por este aspecto, as unidades geracionais podem ser vistas como o elemento que mais se aproxima dos grupos concretos. A forma como grupos de uma mesma conexão geracional lida com os fatos históricos vividos por sua geração fará surgir distintas unidades geracionais no âmbito da mesma conexão geracional. (MAIA, 2010, p. 165-167)

A partir da abordagem sociológica, percebe-se que as gerações não surgem de uma sucessão regular ditada pelo fator biológico, ou seja, não há como padronizar o tempo e mensurar o seu ritmo. Os autores da sociologia que se debruçam sobre os conceitos geracionais nos apontam que a individualidade e a sociedade são construções históricas. Portanto, para estudar a sociedade temos que ter consciência desse forte entrelaçamento da história individual e da história social.

Maia (2010), citando Margullis e Urrest (1996), identifica que os autores fazem uma relação entre o movimento das gerações e os processos de socialização enfatizando o lugar da juventude nesse processo. Para as autoras, ser jovem não depende apenas desse recorte de faixa etária muito comumente utilizada pela sociedade, nem das características biológicas como condição do corpo e nem apenas do setor social a que pertence. Ser jovem é uma questão de geração. Está relacionado ao “fato geracional, ou seja, à circunstância cultural que emana de ser socializado com códigos diferentes, de incorporar novos modos de perceber e de apreciar, de ser competentes em novos hábitos e habilidades.” (MAIA, 2010, p. 169).

Segundo a autora, a respeito da geração nessa perspectiva, explica que as gerações compartilham códigos comuns, porém expressam diferenças ao coexistirem em um mesmo grupo social.

3.1 CONCEPÇÕES DE JUVENTUDES

Para Dayrell (2003) nos deparamos no dia a dia com uma série de imagens a respeito da juventude que, de certa forma, dificulta e distorce nossa maneira de compreender os jovens. Segundo o autor, uma das imagens mais recorrentes é a juventude vista em uma condição de fase transitória, ou seja, a passagem para a vida adulta é refletida por suas ações no presente. Essa perspectiva tem uma tendência de ver a juventude de forma negativa, pois nega o presente vivido dos jovens. Para o autor, essa concepção está muito presente na escola, pois “vê-se o aluno como um indivíduo incompleto que tem sua completude na fase adulta, isso é traduzido na busca do diploma e nos possíveis projetos de futuros”. Dayrell (2003, p. 41).

O autor ainda nos mostra que existem algumas imagens que representam a juventude de forma romântica, surgindo a partir de 1960, essa visão foi “motivada, dentre outros fatores, pelo florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens” (DAYRELL, 2003, p. 41) que se traduzem em moda, adornos, locais de lazer, músicas, etc. Essa ideia se alia à noção de moratória, como um tempo onde os jovens podem experimentar e errar, um período também marcado pela irresponsabilidade, dessa forma transforma os jovens em signos para a indústria cultural.

Com as mudanças na sociedade, a tese da moratória social foi se enfraquecendo quanto à tentativa de explicar a fase da juventude, com isso surge a tendência de grupos juvenis criarem seus próprios mundos e estes mundos criados pelos grupos juvenis foram aos poucos sendo valorizados pela “sociedade de consumo”, pela indústria cultural, nascendo assim a juvenilização da vida, onde a juventude se transforma em um signo encontrado em roupas, adornos, músicas, esvaziando-se de sentido e perdendo seu valor simbólico, e dando à moratória uma certa existência para explicar a juventude.

Essas e outras imagens convivem com a juventude vista como uma fase conturbada, momento de crise, ligada à ideia de que os jovens querem se distanciar da família “apontando uma possível crise da família como instituição socializadora.” (DAYRELL, 2003, p. 41). Para o autor, esses diversos “modelos” socialmente construídos de juventude podem nos levar a

uma análise da juventude de forma negativa, não nos possibilitando enxergar os jovens enquanto sujeitos sociais, que constroem um modo de ser jovem baseado em seu cotidiano.

Para Dayrell (2007), a sociedade sofreu mutações, interferindo de forma direta nas instituições tradicionais responsáveis pela socialização das novas gerações como a família e a escola, apontando-nos para novos processos socializadores. Para o autor, na sociedade contemporânea, os jovens estão expostos a universos sociais diferentes, a espaços de socializações múltiplos, heterogêneos e concorrentes, influenciando diretamente na construção da identidade do indivíduo a partir de orientações institucionais.

Essas mutações da sociedade são constantes; se temos como base a história das sociedades, percebemos que elas não são estáticas, suas mudanças advêm principalmente da economia vigente de cada período. A Revolução Industrial, por exemplo, trouxe avanços para a sociedade, porém teve custos altíssimos, como o crescimento da classe dos proletariados, revoltas populares indignadas pela sobrecarga de trabalho e baixos salários, aumentando os conflitos e os descontentamentos das classes trabalhadoras.

Para Bourdieu (1983) o fator biológico da juventude quando sobreposto ao fator social para definir tal categoria, configura-se em uma manipulação. Pois o biológico usado de forma preponderado para caracterizar a juventude tende a uniformizar as juventudes encobrendo assim, as diversas formas de ser jovem (o jovem que trabalha e estuda, o jovem que só estuda, sendo assistido e preparado pelos seus pais para assumir seu lugar na sociedade, jovens negros, jovens mulheres lutando por espaço em uma sociedade patriarcal, etc.). Como o próprio Bourdieu já mencionou, a “juventude é apenas uma palavra” e seu uso configura-se em um abuso da linguagem, quando utilizada para representar os jovens de forma homogênea.

Pais (1990) coloca como desafio a desconstrução/desmistificação de alguns aspectos da construção ideológica acerca da juventude que nos é dada como uma entidade homogênea. O autor defende a juventude com uma categoria socialmente construída a partir de circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, enfatizando, assim, a dinâmica e a complexidade da juventude:

[...] de fato, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase de vida. (PAIS, 1990, p. 149)

Em consonância com as análises apresentadas por Pais (1990), pode-se destacar que a juventude está inserida em dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e a outra como diversidade (ênfata as diferentes formas de ser jovem).

Aquela tem uma maior predominância na sociedade, levando-nos a crer que a juventude é homogênea e que os “problemas” relacionados a essa “fase da vida” são disfunções que devem ser curados. Se os jovens não se esforçam para contornar esses “problemas” correm o risco de serem taxados de irresponsáveis ou desinteressados. Para o autor, é necessário que haja uma desconstrução dos aspectos da construção ideológica acerca da juventude vista de forma homogeneizante.

Ao discutir juventude e sociedade na perspectiva de Mannheim, Groppo (2000) afirma que, para o sociólogo húngaro, a juventude pode ser uma via de mão dupla, tanto pode ser uma força de transformação da sociedade quanto para a sua conservação:

A juventude e as novas gerações aparecem em Mannheim como forças transformadoras da modernidade, elementos dinâmicos de um tempo em constante mudança, independentemente do sentido ‘progressista’ ou ‘conservador’ de sua atuação. (GROPPO, 2000, p. 25)

Ao discorrer sobre o significado que Mannheim (1978) atribui à juventude e sua relação com as diferentes sociedades, levando em consideração o contexto histórico, político e social, Groppo (2000, p. 25) destaca que:

Para Mannheim, enquanto as sociedades tradicionais depositam o prestígio e o poder nos mais velhos, além de relutarem – em encorajar novas forças latentes dos jovens, as sociedades dinâmicas, como as modernas, - contarão principalmente com a cooperação da juventude quando quiserem mudar sua filosofia social ou política. Em Mannheim, a juventude é reconhecida como agente revitalizador da modernidade.

Para Mannheim, quanto mais as sociedades priorizam os mais velhos lhe concebendo poder com relação aos mais novos, mais estes tendem a conservar o status quo. Para o autor, em se pensando nas mudanças incisivas na estrutura social, a juventude deve ser reconhecida como peça fundamental para transformação da sociedade.

Para Groppo (2004), a juventude é uma constante preocupação das sociedades atuais ou modernas. Para o autor existem ciclos, onde em determinado momento a preocupação com os jovens é enfatizada. No período da Revolução Industrial, houve diversos ciclos de preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras, ao passo que a urbanização e industrialização avançaram. Segundo o autor, conforme os efeitos sociais negativos do capitalismo foram crescendo, impunha-se a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadora de bandos de criminosos, etc. Esses pontos foram levantados sobre a juventude, “mas não ficando claro, para o discurso social e para ciência, qual seria a relação do avanço do capitalismo industrial,

os problemas sociais e a questão da juventude” (Groppo, 2004, p. 10). Consoante as análises do autor, algo semelhante se observa nos dias atuais: conforme o sistema capitalista avança, novas ondas de preocupação para a juventude surgem. Podemos perceber isso quando se “fala em criminalização da delinquência juvenil, políticas públicas para a juventude e rebaixamento da idade penal”. (GROPPO, 2004, p. 10).

Para Groppo (2004):

A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturantes” das redes de sociabilidades. De modo análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou *grupos etários homogêneos*, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude. (GROPPO, 2004, p. 11)

Groppo (2004) nos aponta que a idade contada em anos de forma objetiva e determinada parecia mais favorável para as ações do Estado e das instituições socializadoras, uma delas é a escola. Utilizando a idade a partir de recortes como infância, juventude e adultos, conferia ao Estado certa facilidade nas atribuições de direitos e deveres, dado ao seu caráter universal. “Também, permitia às ciências, principalmente no ponto de vista positivista, elucidar as pretensas determinações ‘naturais’, de caráter bio-psicológico, do desenvolvimento humano”. (GROPPO, 2004, p. 10)

Percebe-se que ainda hoje a delimitação das faixas etárias é utilizada para facilitar ações do Estado em atribuir direitos e deveres. Na esfera jurídica isso fica bem mais evidente quando temos como referência a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente da década de 90, o Estatuto do Idoso e o Estatuto da Juventude criado pela lei 12.852/2013. Com base nessa lei, fica instituído que as pessoas consideradas jovens estão entre 15 a 29 anos. Isto está no Art. 1º, parágrafo 1º do Estatuto; já em seu parágrafo 2º traz que aos jovens entre 15 a 18 anos aplica-se a lei nº 8.069/90 Estatuto da Criança e do Adolescente. Legalmente, segundo o Estatuto, a juventude começa aos 15 anos e se finda aos 29 anos. No entanto, apesar do Estatuto da Juventude reconhecer “direitos” e legalmente aumentar o grau de civilidade e bem-estar de indivíduos e coletividades inseridos nesse recorte etário, ainda tem dificuldade em consumá-los e também reconhecer de fato as diversidades da juventude.

Segundo Groppo (2004) a faixa etária não tem caráter absoluto e muito menos universal, pois existem inúmeras variáveis que influenciam diretamente na juventude que se sobrepõe a essa divisão efêmera. O autor salienta que isso é um produto das interpretações sociais sobre o próprio dinamismo social. E a juventude vista apenas pelo fator da faixa etária se transforma em uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar

comportamentos, definir direitos e deveres. “De modo análogo à estruturação em classes, a modernização criou grupos etários homogêneos, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre eles a juventude.” (GROPPO, 2004, p. 11).

Para Groppo, assim como para os demais autores já mencionados, a idade não é a única forma de caracterizar a juventude, pelo contrário, a faixa etária é utilizada de forma arbitrária para legitimar deveres, “direitos” e ocultar as variáveis das juventudes para transformá-la em “a juventude”. Assim, deixando mais fácil o controle sobre os jovens pelas instituições da sociedade, sendo uma das mais importantes a escola.

Apesar das diversas formas efetivamente consideradas múltiplas e a não existência de uma única juventude, Groppo (2004) nos demonstra que existe uma condição mais ou menos geral “que dialeticamente, informa e resulta da criação destes grupos juvenis, destas juventudes.” (GROPPO, 2004, p. 12). Para o autor, trata-se de algo análogo ao que acontece nas classes operárias. Mesmo estes tendo suas inúmeras diferenças têm em comum uma “condição operária”, a saber, a de venderem sua força de trabalho. Essa concepção que Groppo defende revela a importância da juventude na sociedade como “elemento estrutural”, pois os jovens dentro dessa visão são atores ativos na estrutura social e esperança de mudanças para sociedade.

Como podemos perceber, o autor anuncia algo em comum nas diferentes condições juvenis existentes, e usa a classe operária de forma análoga para evidenciar o que essas juventudes têm de certa forma em comum, principalmente aquelas das classes populares, essa similitude o autor a chama de dialética da juventude. Ao se transitar pela sociedade pré-moderna até os dias atuais, nota-se que o autor tem fundamentos sólidos em defesa da concepção dessa dialética. Na maioria das sociedades pré-modernas, a tendência era a mistura das idades dentro de grupos heterogêneos, não havia uma diferenciação contundente com relação às idades dentro desses grupos. Philippe Ariès em sua obra *História Social da Criança e da Família*, anuncia-nos que não havia distinção entre o filho e o pai, ambos usavam roupas muito parecidas e frequentavam os mesmos lugares. Segundo Groppo, a criação de grupos etários homogêneos surge na sociedade moderna com o aparecimento de uma esfera social “pública”. Ou seja, o surgimento das instituições públicas, que exigiam uma segunda socialização para ensinar os indivíduos a viver em esferas sociais não organizadas a partir da família e do parentesco já mencionado anteriormente por Groppo, fez nascer o jovem, pois ao passo que se “desligaram” da família para obter a socialização secundária, esse novo indivíduo surge a partir das instituições sociais, porém de cunho normativo para moldar os indivíduos à sociedade vigente.

Para Groppo (2004) ao passo que os jovens “nasceram” dessa socialização secundária, que tem por objetivo organizar e normatizar os indivíduos para poderem viver em sociedade, se mostram contrários a muitos posicionamentos reguladores, normatizantes e coercitivos dessas instituições. A juventude constantemente vem se manifestando em prol de seus direitos expropriados, principalmente quando se refere a políticas públicas voltadas para os jovens. Esse movimento reflete um estado de “superação pela própria dinâmica interna das coletividades juvenis e de suas relações com a sociedade mais geral.” (GROPPO, 2004, p. 14). Dessa forma, pode-se notar que na história as juventudes modernas são construídas por percursos dialéticos entre a institucionalização da juventude e sua possibilidade de conseguir sua autonomia.

3.2 JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO

Em se tratando da escola como espaço de formação e socialização, assumir essa visão homogeneizante da juventude produz como desdobramentos diversos problemas de cunho relacional entre os jovens e a instituição escolar. O indivíduo, ao ingressar na escola, traz consigo uma diversidade sociocultural, demandas e necessidades específicas de gênero, pertencimento étnico-racial, e experiências sociais vividas, que interferem direta ou indiretamente nos modos como cada jovem vai lidar com sua escolarização e construir sua trajetória escolar.

A educação dos jovens e sua relação com a escola tem sido alvo de debates que tendem a cair em uma visão pessimista. Segundo Dayrell (2007, p. 1106),

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estariam gerando desinteresse pela instituição escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante de seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam na sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade do diploma.

Ao passo que a escola não consegue se utilizar de mecanismos que tendem a fortalecer o interesse dos jovens com bases em seus anseios e expectativas a partir de suas diversidades, aos poucos vai perdendo o encanto por esta instituição vista por eles como promotora de trajetórias fiéis para realização de seus sonhos.

Percebe-se que a escola tende a ter certa dificuldade em reconhecer o jovem além da categoria aluno, impossibilitando assim o contato dialógico entre ambos, diminuindo as chances do professor conhecer os sentidos e os anseios que os jovens atribuem à escola, conhecimento esse que poderia diminuir os atritos ocasionados por essa relação.

Segundo Dayrell e Gomes (2000), a construção social da juventude pode se dar das mais diversas formas, nas diferentes sociedades e em diferentes momentos históricos. Segundo os autores, cada grupo social lida e representa de maneira diversa esse momento. O autor ainda nos traz que devemos entender a juventude “como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos” (DAYRELL e GOMES, 2000, p. 42), pois ela tem suas especificidades. A juventude se constitui em um momento determinado, que não pode ser resumido no vir a ser adulto. Não se pode desconsiderar o conhecimento que a juventude traz do meio onde estão inseridos. A escola não pode impor uma cultura escolar e sufocar a cultura juvenil, pelo contrário, deve-se estudá-los, para melhor compreender os jovens, seus anseios e expectativas perante a escola.

Dayrell (2003) realizou uma pesquisa com dois jovens das classes populares, o João e a “correria” do rap, e Flavinho: um funkeiro imerso no presente. Ao entrevistar João, Dayrell constatou que o rap é um dos poucos espaços, além da família, que encontra apoio para estabelecer trocas e elaborar projetos que dão sentido à sua vida no presente. Na entrevista de Flavinho, Dayrell percebeu algumas similaridades de ambos fora da escola, eles fazem parte de grupos com gostos e estilos de vida em comum, frequentam espaços onde seus anseios e expectativas são valorizadas. O autor relata que Flavinho cursa o 1º ano do ensino médio em uma escola estadual e a instituição escolar é a única atividade rotineira que ele tem em seu cotidiano, que lhe possibilita ter acesso aos bens culturais e um espaço para refletir sobre si mesmo e o mundo. Ainda segundo o autor, “a escola não consegue envolvê-lo, tornando-se uma obrigação necessária que ele apenas suporta. Além disso, [a escola] não se mostra sensível à realidade vivenciada pelos seus alunos fora dos muros” (DAYRELL, 2003, p. 47).

Para Dayrell (2003, p. 49), na entrevista feita com esses jovens, “a primeira imagem que questionam é a juventude vista como uma dimensão transitória, ou seja, uma passagem para a vida adulta”. Esses jovens demonstram que viver a juventude não é se preparar para o futuro, entre outras razões porque esse futuro está fechado para eles. Não conseguem vislumbrar um futuro promissor diante dessa cruel segregação social que vivem. O tempo da juventude para eles se encontram no aqui e agora. Vivem o presente no que ele pode oferecer de diversão, de encontros e de trocas afetivas, mas também de incertezas diante da luta pela sobrevivência. Outra imagem que esses jovens colocam em questão, segundo o autor, é a juventude vista como fase turbulenta e de distanciamento da família. Para Dayrell, com base no nível de aproximação que a pesquisa conseguiu estabelecer, foi possível constatar que realmente havia existência de conflitos familiares, mas em nenhum momento o problema

familiar estava no eixo de relações, sendo a família identificada como um espaço de acolhimento, de refúgio.

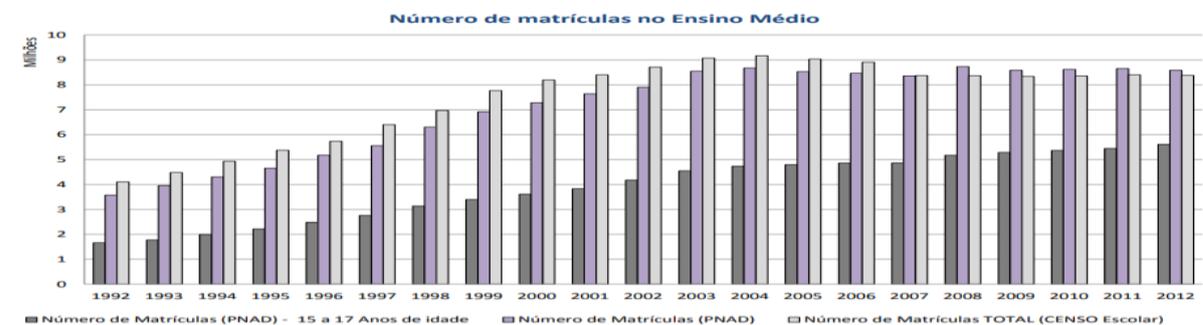
Outra imagem posta em questionamento foi a juventude como momento de crise. Para Dayrell (2003, p. 50), naquilo que foi possível apreender, não evidenciaram a existência de uma crise ao iniciar a juventude, muito menos sinais de conflitos atribuídos aos adolescentes. O que puderam perceber é que a crise foi constatada na passagem para a fase adulta, pois os jovens têm uma visão um tanto ruim com relação a essa transitoriedade. Para eles, ser adulto é se afastar da diversão, assumir compromissos, como sustentar uma família, ganhar pouco na lógica do trabalho proletariado. Na afirmação do autor, não é que eles se recusem a assumir o compromisso como adultos, mas veem essa vivência como uma crise. A trajetória desses jovens também questiona a visão romântica da juventude. A realidade dos rappers e funkeiros pesquisados mostra que essa fase está envolta de momentos duros e difíceis de sobrevivência, de tensões com as instituições, como no caso do trabalho e da escola, onde venciam conflitos que são recorrentes.

Assim, pode-se constatar a partir dessa pesquisa feita pelo autor, que esses jovens pesquisados parecem reelaborar uma imagem que é corrente sobre a juventude, criando modos próprios de ser jovem. Levando-nos a entender que novos espaços juvenis estão surgindo, quase sempre articulados em torno da cultura. Desta forma, percebemos que o mundo da cultura se apresenta de forma mais democrática para esses jovens.

Partindo para o jovem e a escolaridade, segundo dados obtidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2017), 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do ensino médio respectivamente, evadiram da escola de acordo com o censo escolar realizado nos períodos entre 2014 e 2015. O 9º ano do fundamental tem a terceira maior evasão com 7,7%, seguida pelo 3º ano do ensino do médio com 6,8%. Conforme a pesquisa realizada pelo INEP, se considerarmos todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11,2% de todos os alunos que estudam nessa etapa da educação básica. De acordo com os dados apresentados pelo INEP, a evasão escolar da educação básica pode ser interpretada como manifestação de uma crise na relação da juventude com a escola. Os jovens, ao se perguntarem sobre o propósito desta intuição mostram o que a sociedade espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer. Essa situação parece piorar a etapa de escolarização referente ao Ensino Médio, que enfrenta grandes desafios. Um deles é a tentativa de dirimir os problemas ocasionados pela ampliação das matrículas a partir de 1990, que ampliou a obrigatoriedade e gratuidade dessa etapa de

ensino para as classes populares. Pode-se ter uma noção dessa ampliação a partir do gráfico abaixo.

Gráfico 01: número de matrículas de 1990 até 2012



Fonte: PNAD e Censo Escolar, elaborado por Escola de Políticas Públicas do Insper

A forma como foi dada a expansão da educação básica para as classes populares gerou alguns problemas, pois houve um aumento quantitativo, em contrapartida as instituições escolares não se preparam para receberem alunos tão heterogêneos (classe social, etnia, gênero, etc.). Segundo Leão, Dayrell e Reis (2011), além dessa expansão quantitativa da educação básica, houve outros desafios enfrentados, um deles é a crise de identidade do Ensino Médio, pois “há uma permanente tensão entre formação geral e/ou profissional, ensino propedêutico e/ou técnico que diz respeito à escola média como etapa final do ensino básico e sua relação com o mercado de trabalho, com o ensino superior” (LEÃO, DAYRELL & REIS, 2011, p. 255). Os autores enfatizam a necessidade de desvelar o papel e sentidos atribuídos pelos jovens à escola, apontando para a discussão sobre as possíveis relações entre o projeto de vida dos jovens e a experiência escolar.

Diante desse problema relacional entre juventude e escola é importante conceituar o que é juventude, e para isso Bourdieu (1983) nos traz sua concepção. Para ele, juventude é apenas uma palavra quando vista como uma unidade social, dotada de interesses comuns, desconsiderando as diferenças e desigualdades que marcam esse período da vida. Dessa maneira, o autor advoga em prol de uma heterogeneidade, denunciando a caracterização da juventude como um quadro comum de referências unitárias. A linguagem que os caracteriza como um agrupamento homogêneo precisa ser combatido com interesses transformadores tanto do ponto de vista do conceito, quanto da prática social que os aprisiona em um sentido limitado.

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado

de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente, já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p. 113)

Para Bourdieu (1983, p. 114), “a escola sempre esquece que ela não é simplesmente um lugar que se aprende coisas, saberes, técnicas, etc., é também uma instituição que concede títulos, isto é, direitos e, ao mesmo tempo, confere aspirações.” A representação ideológica entre jovens e velhos deixa clara a posição que cada um deve exercer na sociedade, porém essa divisão das posições sociais é arbitrária. As coisas relacionadas ao poder ficam com os mais velhos, e estes na condição de detentores desse poder tendem a retardar ou até mesmo barrar a ascensão dos jovens para os postos mais altos da sociedade quando não lhes for conveniente. Como mencionou Bourdieu, essa divisão lógica entre jovens e velhos, trata-se de uma relação de poder, no sentido de repartir o poder e aclamar quem tem maior dominância sobre quem.

A escola é uma instituição social, portanto ela deve estar ciente que além de conceder aos alunos saberes e técnicas, também lhe possibilita ter um diploma que lhe traz direito, ampliará suas possibilidades de mudanças e aspirações.

Para Charlot (2000) o nascimento do homem por si já gera uma relação inexorável com o saber. O homem para viver e relacionar-se com o mundo necessita do aprender. “Aprender para construir-se, em um triplo processo de ‘hominização’ (torna-se homem), de singularização (torna-se exemplar único de homem), de socialização [...]” (CHARLOT, 2000, p. 53). O homem necessita do saber para viver em sociedade com os outros, de ter ciência de si diante do mundo, ampliando seu *self*.

Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender-se para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz que eu sou, quem é o mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Esse sistema que tem como eixo o aprender se elabora no próprio movimento, do qual o indivíduo se constrói e é construído pelos outros, esse entrelaçamento complexo e contínuo se chama educação.

Para Charlot (2000) a necessidade de aprender é definida em diversas formas, pois são muitas maneiras de apropriar-se do saber no mundo, como por exemplo, no sentido estrito intelectual, aprender ações simples e aprender a se relacionar. A dimensão do aprender é

muito maior do que do saber, pois existem maneiras que não estão ligadas a apropriação de um saber. (CHARLOT, 2000, p. 59).

Para Reis (2014) a análise crítica do conhecimento escolar é de extrema importância, sobretudo quando se trata dos interesses e desinteresses dos alunos para com esses conhecimentos. Para a autora, a escola é um espaço onde os jovens se relacionam com seus pares, realizam atividades diversificadas que lhe agradam, que o fazem ter uma visão positiva dessa instituição. Mas com todas essas atividades agradáveis, proporcionada pelo ambiente da escola, o interesse e o desinteresse no conhecimento escolar, nos põem em um estágio de reflexão sobre a própria escola e a forma como é transmitida esses conteúdos.

Reis (2014) recorre a Snyders (1988) para explicar a insatisfação dos jovens gerada por um conhecimento escolar esvaziado de sentido. Os saberes que a escola transmite tem sido uma preocupação recorrente entre aqueles que veem a escola como uma preparação para o futuro. Para Reis (2014), Snyders aponta para o risco da escola, ao cumprir com sua função de preparar os jovens para o futuro, se tornar um “remédio amargo” para estes, levando-os a terem o pensamento de suportar essa intuição para um bem maior. A escola deve ser vista como um lugar satisfatório que forneça alegria para os jovens reconhecerem a sua grande importância nas suas vidas.

Não é suficiente que alunos evitem o aborrecimento e o deslocamento, nem que eles “interessem-se por...” pois o simplesmente interessante, o não enfadonho não bastam para compensar tantos esforços em lugares de acessos tão mais fáceis que a escola. Na escola, trata-se de conhecer alegrias que as da vida diária; coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, diária; novo sentido a ela, darão um sentido em sua vida. Se é preciso entrar na classe, é porque, no pátio, vocês não atingem o grau mais elevados de liberdade, nem de alegria. (SNYDERS, 1988, p. 14 *apud* REIS, 2014, p. 30).

A escola não deve ser vista apenas como uma obrigação necessária para obtenção de um diploma. Ela ser deve vista como um espaço onde os sonhos dos jovens se transformem em caminhos a serem percorridos, um lugar onde seus anseios se potencializem por conta do ambiente e dos conhecimentos que ela proporciona para eles.

Young (2007) a partir do questionamento *para que serve a escola*, postula que essa instituição capacita ou pode capacitar jovens a adquirir conhecimentos, que em sua maioria não podem ser adquiridos na residência ou até mesmo na comunidade onde vivem, transportando-os para além de conhecimentos locais e particulares. O autor discute a *diferenciação do conhecimento* como forma de distinção entre conhecimento escolar e não escolar e enfatiza o conhecimento primordial que deve ser transmitido nas escolas, o que ele

denomina de *conhecimento poderoso*, o qual é desenvolvido para fornecer generalizações não unicamente relacionadas às ciências, mas sim uma visão mais ampla, não atrelada a um contexto em particular. Esse tipo de conhecimento possibilita aos jovens terem uma visão mais crítica, contrapondo-se aqueles tidos como utilitários que dependem de um contexto para serem executados, como por exemplo, reparar um defeito mecânico ou elétrico, ou saber utilizar um mapa.

Segundo Young (2007) as perspectivas neoliberais avançaram sobre a educação, conduzindo as escolas a enquadrarem seus resultados às necessidades econômicas. Dessa forma, a educação é transformada em uma espécie de mercado, na qual as escolas disputam entre si alunos e fundos. Dentro dessa ótica, as escolas são tratadas como agências de entregas que se concentram em resultados e dão pouca atenção no que é entregue (os conteúdos). O desdobramento disso chega até a sala de aula, como nos traz o autor:

Como resultado, propósitos da escolaridade são definidos em termos cada vez mais instrumentais, como um meio para outros fins. Com as escolas sendo controladas por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, não é de se espantar que os alunos fiquem entediados e os professores sintam-se desgastados e apáticos. (YOUNG, 2007, p. 1291)

Sabemos que a escola é um território de disputas acirradas entre aqueles que almejam uma educação emancipadora e a classe dominante que quer se perpetuar no poder utilizando a escola como escoamento de suas ideologias. Ao passo que essas ideologias de cunho neoliberais, cuja principal função é tirar o estado do cenário econômico, adentram nas instituições escolares e direcionam as ações das escolas para seus interesses, como o afunilamento de um currículo que beneficie ao neoliberalismo, produzem massas consumistas. Além também de gerar desgastes entre professor e aluno, estes devido à dificuldade de associar os conteúdos passados à sua realidade, aquele por ficarem apáticos pela falta de interesse dos alunos.

Além das culturas juvenis, a escola tem que conviver com um rol de diferenças marcadas pela etnia, sexo/gênero, pela classe social, além de outras referências identitárias. A manifestação da cultura juvenil na escola é um ponto de tensão na relação entre aluno e docente. Os jovens ainda são vistos sem identidade própria, sua diversidade é desconsiderada e pensam a juventude como dualismo e maniqueísta (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

A escola tende a ver os jovens de forma homogênea, socialmente vulneráveis, sem oportunidade, desinteressados, desprotegidos e apáticos. Desconsidera-se o que é “ser jovem”, não enxergando a identidade juvenil e suas peculiaridades.

O educador atento precisa ser capaz de indagar o que os grupos culturais da juventude têm a nos dizer. Não estariam eles provocando-nos – de muitas e variadas maneiras – para o diálogo com os sentidos de práticas culturais que não encontram espaço para habitar a instituição? Aquilo que consideramos como apatia ou desinteresse do jovem, não seria um deslocamento de sentido para outros contextos educativos que poderíamos explorar, desde que nos dispuséssemos ao diálogo? A evasão escolar não seria precedida de uma silenciosa evasão subjetiva de presença na instituição? (CARRANO, 2000, p. 7)

A cultura escolar se tem mostrado pouco sensível quanto às peculiaridades dos jovens que frequentam as escolas públicas, tendem a reproduzir a cultura dominante e, negando ou reprimindo as atitudes “transgressoras” por parte dos jovens, sem análise crítica, induz a um clima escolar negativo.

Contrariamente a esta visão de escola como espaço hegemônico, de práticas cristalizadas voltadas a um público coeso e padronizado, Libâneo (2012, p. 243) “identifica esforços escolares no sentido de abrir-se para uma visão heterogênea onde seja possível encontrar as individualidades e diversidades presentes nos grupos de alunos”. Para este autor, as concepções de escolas, pelo menos desde a segunda metade do século XX, têm girado em torno da ideia de um ensino comum para todos, reconhecendo as características individuais, sociais e culturais dos alunos. Uma articulação da pedagogia com a psicologia e a sociologia fez destacar algumas diferenças, como da linguagem, de aprendizagem, em virtude da origem social do aluno, fazendo com que as exigências e os processos sócio-integrativos e individualizantes fossem legitimados. Contudo, para este autor, há indícios de que essa tendência não deu conta dessa demanda com garantia de sólida formação cultural e científica por meio de formas eficientes no processo de aprendizagem.

Por mais que se reconheça uma ideia de um ensino comum para todos, ainda impera a imposição de uma cultura única que sufoca a cultura juvenil e dificulta que se enxergue a origem social do aluno como parte do processo de aprendizagem.

Segundo Libâneo (2007) entre inúmeras propostas pedagógicas, duas se destacam na explicitação dos objetivos da escola, uma enfatiza a formação cultural e científica, e a outra a formação humana dotada pelas experiências das situações educacionais. Para o autor, a primeira destaca o papel da escola em proporcionar ao aluno a apropriação da cultura acumulada historicamente, utilizando-a como uma das premissas para o desenvolvimento mental que pode resultar em uma reorganização crítica dessa cultura. Apoiada na teoria histórico-cultural, esta pedagogia considera a escola como uma das instâncias de democratização da sociedade que promove a inclusão social, “cuja função nuclear é a

atividade de aprendizagem dos alunos centrada na interiorização de saberes e instrumentos culturais disponíveis da sociedade e nos modos de pensar conexos.” (LIBÂNEO, 2007, p. 26).

Na segunda abordagem, Libâneo destaca e evidencia a formação de valores e atitudes através das experiências socioculturais vivenciadas no cotidiano escolar, dando uma prioridade maior às situações existenciais e contextuais das aprendizagens. As ações educacionais dessa abordagem vão desde o acúmulo de experiências sociais visando formas de adaptação, principalmente para as práticas pedagógicas, até as vivências socioculturais, indo além da relação professor-aluno e focando também nas variáveis encontradas no contexto particular da situação educacional.

Para Libâneo (2007), essas duas abordagens sobre a função da escola geram um embate teórico e tendem a centralizar suas posições, gerando uma disputa por espaço na preferência dos educadores. Para o autor, seria mais benéfico se ambas entendessem que em uma sociedade onde predomina interesses de uma minoria, e uma evidente dominação de grupos sobre outros grupos, uma pedagogia humanista e emancipatória não poderia se permitir a polarização de teorias, “seja pelo reducionismo universalista, seja pelo relativismo cultural exacerbado.” (LIBÂNEO, 2007, p. 27).

De acordo com Masschelein e Simons (2017, p. 26) a escola vem sendo constantemente perseguida desde a Grécia antiga. Segundo os autores, a escola grega surgiu da “usurpação dos privilégios da elite aristocrática e militares da Grécia antiga”, onde o tempo livre, que era direcionado apenas para elite, foi expandido para o povo. Isso despertou ódio da elite grega, pois esse “tempo livre” era direcionado apenas para eles, pois o povo devia trabalhar e não podia usufruir desse “tempo livre” onde é tempo de aprender saberes, dessa forma a democratização do tempo livre era uma pedra no sapato das elites. Diante disso, os autores nos mostram que “não só as raízes repousam na ambiguidade grega, mas o mesmo acontece com uma espécie de ódio dirigido à escola” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2017, p. 27).

Para Amaral (2011) o conceito de cultura juvenil a partir de uma abordagem da sociologia da juventude tem como objetivo reconhecer os diferentes significados e os valores juvenis. O autor se subsidia de Pais (2007) para apresentar as duas principais correntes do campo sociológico voltados para o estudo da juventude, capazes de nos mostrar claramente essas diversidades da cultura juvenil. Para a *corrente geracional*, os jovens fazem parte de uma geração própria deles, que se contrapõem a geração dos adultos. Já na *corrente classista*, os jovens fazem parte de uma cultura de classes que impõe resistência à cultura dominante. “Resulta que, a partir dessas perspectivas, as culturas juvenis apresentam-se “subordinadas a

uma rede de determinismos' que, estruturalmente, se veiculariam entre 'cultura dominante' e 'subcultura' (PAIS, 2003, p. 66 apud AMARAL, 2011, p. 73).

Na sociedade contemporânea existe uma concepção de cultura juvenil homogênea e interclassista, que oculta as variáveis importantes dos jovens, uma delas é o pertencimento de classes. Essa concepção dominante surgiu como “remédio social” para combater as inquietações e manifestações dos jovens, vistas na maioria das vezes como forma de delinquências.

3.3 JUVENTUDES E TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Sposito (2005) com as mudanças ocorridas nos últimos 30 anos, principalmente aquelas voltadas para a esfera do trabalho, modificou-se a trajetória para entrar na vida adulta, ficaram mais complexas a ponto de romper com a linearidade entre formação e trabalho que em décadas anteriores eram mais claras. Consequentemente a isso, a vida dos jovens também se modificou “uma vez que a escolaridade não se afigura como elemento garantidor da entrada do mundo do trabalho, especialmente se considerarmos o ingresso no mercado formal de ocupações e as posições dos estratos menos privilegiados da sociedade” (SPOSITO, 2005, p. 90).

Para Almeida (2014) a linearidade que existia entre a conclusão de um nível de escolaridade e a obtenção de um trabalho estão em descompasso nos dias atuais. Muitos jovens estão inseridos em um complexo processo de transição para o trabalho, que para identificar onde inicia esse processo e terminar não é nada fácil. A autora nos mostra que a complexidade do processo de transição é ocasionada pelo desajustamento dos três processos que tradicionalmente eram intimamente associados à passagem para etapa adulta. Na contemporaneidade a transição dos jovens para o trabalho se caracteriza pela reversão na ordem dos três processos “escola-formação-trabalho”. Há uma nítida alternância nesses três processos que pode ser vista na “[...] procura de emprego, duplo emprego, ocupações de postos contratuais sucessivos entrecruzados com períodos de espera, situações de ocupações ocasionais, desemprego e retorno aos estudos” (ALMEIDA, 2014, p. 387).

A ordem “natural” envolvendo escola, formação e trabalho nos dias atuais está totalmente desalinhada e comprometida, o que antes se via como linearidade entre esses três eixos, hoje presenciamos uma alternância dessa sequência. O número de jovens que se lançam em busca de trabalho aumenta a cada dia, trabalhos que em sua maioria não exigem formação profissional. Dentro de uma visão otimista nesse contexto, os jovens largam temporariamente

a escola e depois de algum tempo retornam-na com uma idade mais avançada. Outros tantos jovens largam a escola não para trabalhar, mas sim para procurar emprego, tendo em vista que na maioria dos trabalhos informais a disposição de tempo é um “pré-requisito” para se inserir no mercado de trabalho. Diante disso percebemos que o trabalho não está no final da sequência anteriormente mencionada, nem a escola inicia, as ordens desses três fatores estão claramente alternadas, levando os jovens a se tornarem massa consumista e indivíduos com baixa escolarização.

De acordo com Branco (2005) as ocupações preenchidas pelos jovens de 16 a 24 anos no Brasil são caracterizadas pela baixa qualidade, vínculos precários sem nenhuma garantia de estabilidade e ainda atrelados a baixas remunerações, tipificado pelo setor informal. Para o autor, isso é uma evidência de uma forte “pressão” dos jovens na procura pela ocupação laboral remunerada. Levando-nos a crer que “se eles estivessem apenas se dedicando às atividades de escolarização e aprendizagem profissional, as taxas de desemprego cairiam substancialmente, uma vez que seu ingresso na força de trabalho seria adiado” (BRANCO, 2005, p. 131).

Muitos desses jovens que vão à busca de trabalho no transcurso da escolarização, são jovens de baixa renda e tal condição os leva a se inserirem no mercado de trabalho precocemente. Essa ida precoce tem uma influência direta no desempenho e permanência desses jovens na escola.

Para Andrade (2008), o adiamento dos jovens no mercado de trabalho tem pontos positivos, e sua inserção antes de terminar as etapas da educação escolar acarreta inúmeros problemas. Segundo o autor, um grande número de pesquisadores argumentam a importância de postergar a inserção no mercado de trabalho pelos jovens, assim permitindo que estes permaneçam na escola, para além do diploma, tenham uma melhor formação para obtenção de melhores trabalhos. No entanto, não se pode afirmar que uma maior escolarização é garantia de um bom trabalho, haja vista que a oferta da mão-de-obra qualificada não segue o mesmo compasso da demanda dos profissionais mais qualificados. Mas, em contrapartida, pode-se afirmar que uma boa formação amplia as possibilidades dos jovens de um bom trabalho e de ter uma visão mais crítica do mundo.

Para o autor, mesmo quando inserção dos jovens no mercado de trabalho não está diretamente ligada a questões orçamentárias familiares, o que já é motivo que por si se justifica, os jovens estão encarando o trabalho precocemente (antes da conclusão das etapas do ensino) para desfrutarem a juventude, pois o fato de estarem trabalhando possibilitam ter acesso a tipos de consumo que não teriam se estivessem apenas estudando, de certa forma o

trabalho também é um atrativo para os jovens viverem a juventude. Ainda assim, segundo o autor, a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho é prejudicial para o curso de sua formação acadêmica e profissional, pois essa juventude que rompe parcialmente com os estudos para trabalhar “têm sido marcadas pelo signo da incerteza: estes ocupam as ofertas de emprego que aparecem, normalmente de curta duração e de baixa remuneração, o que deixa pouca possibilidade de iniciar ou progredir na carreira profissional” (ANDRADE, 2008, p. 29)

Nota-se que o autor vê de forma negativa a inserção precoce no mercado de trabalho pelos jovens. Tomando a trajetória dos jovens com base na escola, pode-se olhar essa inserção como uma âncora que os impede de progredir linearmente sem rupturas no seu processo formativo. De fato, essa ruptura do ensino, por conta do ingresso precoce no mercado de trabalho, prejudica os jovens quanto à sua linearidade acadêmica e pode torná-los massa consumista, alimentando o capital flexível; porém, não se pode negar que o trabalho, principalmente para os jovens das classes populares, possibilita vivenciar a juventude.

Segundo Bauman (2012), os jovens não estão mais incluídos na promessa de um futuro melhor para a sociedade. Em vez disso, são considerados parte de uma população quase que dispensável. O que os salva da dispensabilidade total é sua real contribuição para o consumo.

A existência de sucessivos escalões de jovens significa o eterno suprimento de “terras virgens”, inexploradas e prontas para o cultivo, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível. Pensa-se em juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. (BAUMAN, 2012, p. 97).

Segundo Giroux (2014), com a ascensão do fundamentalismo de mercado e consequente colapso econômico e financeiro, a juventude, principalmente os pobres, não são mais vistos como um investimento social, mas sim como um problema e um ônus social. O mercado, lançando mão dos meios modernos de exposição dos seus múltiplos produtos às massas, trabalha no sentido de formar consumidores, ávidos pela aproximação e consumo de produtos veiculados por seus eficientes meios técnicos. O desenvolvimento de instrumentos de comunicação de grande alcance ampliou a formação de massas destituídas da capacidade crítica, mas também das condições materiais de existência. Assim, os jovens sem poder de compra, configuram-se como um peso social a ser administrado, e em geral são entregues às instituições, que devem cumprir o papel reparador desse desequilíbrio entre interesses de mercado e realidade social. Aos jovens, assim, se impõe a necessidade da organização de reivindicações por uma educação de qualidade e uma democracia radical, que se apresente

não apenas no plano político, mas também social e econômico, incluindo o segmento jovem, na geração de oportunidades de trabalho e distribuição de renda. Essa visão da democracia, ainda que dimensionada como utópica, pode se apresentar como instrumento capaz de enfrentar os crescentes níveis de violência praticados pela sociedade e pelo Estado contra o segmento da juventude. Assim diz Giroux:

Abandonados pelos sistemas políticos existentes, os jovens estão se colocando em posição, ocupando espaços públicos acanhados num gesto simbólico, que toma inclusive medidas concretas, exigindo que sua presença seja reconhecida, quando suas vozes não mais são ouvidas (GIROUX, 2014, p. 16).

Percebemos que o autor nos aponta a posição dos jovens e sua força reivindicatória capaz de instituir mudanças na perspectiva da intervenção social e da representação a respeito do seu valor na sociedade capitalista. Apesar de sua visão pessimista sobre a atual condição juvenil nesse contexto mercadológico e consumista, o autor nos leva a refletir sobre o potencial de transformação social que pode empreender em prol da instituição de melhorias no tecido social.

3.4 A RELAÇÃO DO JOVEM COM A ESCOLA: SENTIDOS E POSSIBILIDADES

Segundo Sposito (2005) a subjetividade da cultura juvenil foi favorecida pela desinstitucionalização da juventude. Isso aconteceu porque as instituições “tradicionais” que tinham como papel a transmissão de uma cultura adulta hegemônica enfraqueceu-se pelo não cumprimento de suas promessas e pela perda de sua eficácia, gerando desdobramentos em “favor” dos jovens.

A partir do que a autora mencionou, podemos tomar as escolas como uma dessas instituições. Até a década de 90, antes da massificação da escolarização básica, as instituições recebiam um público jovem homogêneo, vindo das classes médias e altas “facilitando” assim o que a escola se propunha a fazer, preparar os indivíduos para assumir seus lugares na sociedade. Com a massificação da escolarização básica e seu público heterogêneo e a atual conjuntura do mercado de trabalho produzida pelo capitalismo flexível⁶, a escola se encontra em um ponto de contradição, ao passo que a instituição oculta a realidade socioeconômica da sociedade para os jovens alunos, estes veem a escola além de um espaço privilegiado para

⁶ Para o sociólogo Marxista David Harvey O aumento da jornada de trabalho ou a intensidade do trabalho somado com a redução do padrão de vida através da erosão do salário real e a transferência do capital corporativo para zonas onde o salário são mais baixos – deslocamento espacial – serão facetas encontradas, pelo capitalismo flexível, para aumentar a sua acumulação a partir do aumento da exploração da classe trabalhadora.

galgar patamares superiores na vida, também não conseguem ver solidez por parte dessa instituição para realizar o que ela se propõe e o que os jovens esperam. Levando-os a confrontar a escola, encontrando-se, de certa forma, obrigados a construir por si mesmo o sentido de sua experiência.

Segundo Dayrell (2007), para que possamos conhecer as diversas formas de juventude, principalmente aquelas que existem nas classes populares, é preciso reconhecer a existência de uma nova condição juvenil, do latim *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Diferentemente das gerações anteriores, os jovens que chegam hoje às escolas apresentam características, práticas sociais e um universo simbólico próprio. Segundo o autor, existe uma dupla dimensão quando nos referimos à condição juvenil. A primeira se reporta ao modo como uma sociedade se constitui e dá sentido a esse ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas em uma segunda dimensão se refere ao modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referindo-se às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, idade, etc.

Para o autor, existe certa dificuldade de reconhecer essa nova condição juvenil, pois na escola atual ainda predomina uma determinada concepção de aluno gestada na sociedade moderna; mediante essa perspectiva, a escola é o principal espaço de socialização das novas gerações, responsável pela inculcação de valores considerados universais. Esperava-se que o aluno fosse disciplinado, obediente, pontual e levasse os estudos com eficiência e eficácia, algo muito próximo àquele que regia o mundo do trabalho e o trabalhador. Essa escola não considerava os alunos na sua dimensão de jovens, mas sim tendiam em representar ambos os conceitos como equivalentes. Para Dayrell (2007), nessa ótica homogeneizante da escola moderna, a diversidade sociocultural dos jovens era reduzida “a diferença apreendida no enfoque da cognição (inteligente ou com dificuldade de aprendizagem; esforçado ou preguiçoso, etc.). Diante desse modelo, a única saída para o jovem era submeter-se ou ser excluído da instituição.” (DAYRELL, 2007, p. 1119-1120).

Segundo Charlot (2013, p. 62), a escola é uma instituição que se esforça em utilizar os meios mais eficazes para atingir os fins da educação perseguidos pela sociedade. Transmite aos indivíduos modelos elitizados de comportamento, isto é, modelos esquematizados que se diferenciam daqueles que os indivíduos constroem por meio do contato social direto. Dessa forma, a escola visa a uma transmissão mais eficaz das normas de comportamentos e das ideias sociopolíticas predominantes. A escola também desempenha seu papel político, ao passo que propaga uma educação que tem em si mesma um sentido político. Para Charlot, os grupos sociais e as classes sociais também procuram fazer da escola um instrumento de seus

interesses e finalidades e escoamento de suas ideias, tendo em vista a característica não estática dessa instituição. O Autor ainda enfatiza que não podemos ver a escola como criadora de ideologias das classes dominantes, esta é gerada pelas estruturas e pelas próprias relações sociais que adentram a instituição escolar. Para Charlot (2013), a escola reforça a ideologia dominante ao oferecer uma educação que desconsidera a realidade social (lutas de classes e as diversas culturas).

O autor analisa, ainda, a relação entre a origem social dos jovens estudantes e o seu sucesso ou fracasso escolar, reforçando, portanto, que essa relação não é de causa, sendo necessário “levar em consideração o sujeito na sua singularidade de sua história e atividade que realiza.” (CHARLOT, 2001, p. 40).

Segundo Camacho (2004), a escola vem sofrendo um processo de inadequação no tratamento dos alunos. A autora enfatiza que a instituição escolar tem um grande problema em reconhecer os alunos para além dos muros da escola, ou seja, as juventudes e suas complexidades. Camacho problematiza que muito se fala na fragmentação do trabalho profissional e mesmo escolar, mas pouca ênfase é dada na visão fragmentada que se tem dos jovens.

[...] como o aluno pode se interessar pelo trabalho escolar quando ele é fragmentado, caótico e desconexo, indaga-se, também, como esse aluno pode se interessar pelo seu trabalho se ele é tratado, nas instituições educativas, como um ser fragmentado, separado e desarticulado? Esquece-se da lógica do e para adotar-se a do ou. Isto é, o aluno é concebido ou como aluno ou como criança e muito raramente como jovem. Diante deste quadro, é preciso que as propostas pedagógicas sejam pensadas para aquele que é jovem e aluno. (CAMACHO, 2004, p. 330)

Os jovens não são mais totalmente socializados a partir das orientações das instituições escolares. Eles estão expostos a universos sociais diferentes e espaços de socializações múltiplos. Assim, essa nova realidade com os mais diferentes modos de ser jovem e a utilização do modelo ultrapassado de socialização pela escola pode desencadear no que Camacho chama de processo de inadequação no tratamento do aluno.

Com relação às pesquisas sobre juventude e escola, Sposito (2009) aponta “uma tendência das pesquisas da área da Educação à incorporação de categorias sociológicas a partir de meados dos anos 90, de modo a se constituir uma área sólida de investigação em torno dos estudos sobre juventude no Brasil” (SPOSITO, 2009, p. 51). As pesquisas desta autora vêm subsidiando inúmeros trabalhos e investigações, como por exemplo a pesquisa de Maia (2010), que em sua tese de doutorado nos mostra que as pesquisas voltadas para esse tema vêm privilegiando os jovens moradores das periferias dos grandes centros urbanos, suas

expressões culturais, sua relação com a educação, com a escola, religião, família, política, trabalho e outros temas. Maia afirma que nessas ações pode-se perceber que o debate acerca da juventude ampliou os campos de análises e leituras sobre os jovens, evidenciando a sua diversidade e forma de viver. Assim, segundo a autora, “os campos de análise e leitura deslocaram o eixo do debate da juventude como problemas sociais para concepção dos jovens como problemas políticos, ou das políticas públicas” (MAIA, 2010, p. 15).

Maia (2010, p. 16) destaca a relevância da pesquisa realizada pela pesquisadora Marília Sposito, no trabalho intitulado “Estado do Conhecimento sobre Juventude e Educação”, a pesquisadora descortinou o cenário das pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação brasileiros, entre os anos 1980 e 1988. Segundo a autora, Sposito demonstrou a pouca expressividade nas investigações sobre o tema juventude no campo da educação. A pesquisadora nos traz em seu Estado do Conhecimento que os jovens eram pouco focalizados nas pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação. Fato que lhe surpreendeu diante da importância dos jovens no contexto político-social na atualidade, seja do ponto de vista dos problemas associados às drogas, violência, etc., a conquista do direito do voto, as questões que envolvem os direitos humanos, de cidadania e de formação de uma geração sem perspectiva.

Maia (2010, p. 16) destaca que a pesquisa de Sposito (2000) também mostrou temas presentes na década de 1980 e ausente na década seguinte. Como, por exemplo, quando cita os estudos dos aspectos psicossociais de jovens e adolescentes e as pesquisas sobre jovens alunos do ensino superior, fundamental e médio. De acordo com os dados levantados, o tema juventude/trabalho/escola passa a interessar os pesquisadores na década 1990 e declina no final do período. Já os temas como grupos juvenis e jovens negros só passou a interessar bem recentemente, em meados de 1990. Acerca dessa pesquisa de Marília Sposito, Dayrell (2000), destaca que das teses e dissertações analisadas, apenas 53 abordavam os jovens e a escola, observou ainda que a maioria dos trabalhos analisavam os jovens na condição de alunos, somente uma minoria analisava os alunos contemplando sua diversidade e historicidade. Para Dayrell, essa análise é pobre e impossibilita trazer para a escola respostas mais concretas que contribuam para repensar o papel das escolas na vida dos jovens.

Em outro trabalho, denominado “Estado da Arte sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira”, Marília Sposito abrangeu as produções em termos de dissertações e teses no campo da educação no período de 1999 e 2006. Nesse segundo estudo, foi identificado um total de 1.427 produções, entre teses e dissertações, sendo analisadas 1.293. Maia (2010, p. 16) evidencia que no campo da educação os estudos relacionados aos jovens, no referido

trabalho de Sposito, correspondem a 6% da produção total, tendo um discreto crescimento com relação à produção anterior que foi de 4,5%.

Segundo Maia (2010), as duas pesquisas de Marília Sposito evidenciam que há muito a se explorar na categoria juventude, no Brasil. “Pois se já existem muitos estudos destacando a diversidade e a desigualdade da condição juvenil, ainda são poucos os que abordam, como propôs esse estudo, a complexidade da categoria juventude” (MAIA, 2010, p. 16).

3.5 A JUVENTUDES E O ENSINO MÉDIO

Segundo Weller (2014) o Ensino Médio constitui uma etapa da escolarização que coincide com o período de vivência da juventude, que gira em torno da faixa etária de 14 a 18 anos. Porém, boa parte dos alunos dessa etapa de escolarização não estão nessa faixa etária, fazendo assim com que o ensino médio faça parte da realidade de outros jovens, ou até mesmo dos adultos.

O perfil dos jovens que não estão inseridos na faixa etária que está em consonância com a linearidade escola/trabalho são aqueles que frequentam o Ensino de Jovens e Adultos, que abandonaram parcialmente a escola por diversos fatores, mas os que são considerados motivos recorrentes de abandono são o trabalho, a procura de trabalho e gravidez na juventude.

Para Weller (2014) os rituais que marcavam a vida adulta como primeiro emprego, a casa própria, constituição de família, na atualidade estes eventos estão sofrendo uma ressignificação e se transformando em empasses. Configurando também uma imprecisão com relação à idade em que acontecem.

No passado, a linearidade proporcionada pela escola era bastante clara, o indivíduo ao terminar a escolaridade ingressava no mundo do trabalho, configurando-se assim em uma ordem “natural” escola/formação/trabalho. Hoje o trabalho é visto de certa forma como um impasse, cada vez mais jovens deixam o Ensino Médio para trabalhar e transformam o que deveria ser o “fruto” dos estudos a se tornar em percalço para concluir as etapas de ensino, postergando o processo formação para o trabalho.

Segundo Weller (2014) a escola enquanto instituição de socialização secundária deveria juntamente com a família auxiliar os jovens nos seus projetos de vida, pois é no Ensino Médio que os jovens estão cheios de incertezas e conflitos, muitos desses jovens estudantes ainda não sabem sobre o que realmente querem ser no futuro. Weller nos aponta

que esse auxílio para elaborar projetos de vida não acontece devido alguns contextos nos quais as escolas estão inseridas. “Vem sendo atribuída pouca prioridade a essa função, julgando que a elaboração de projetos de vida é papel das famílias e que as instituições de ensino devem concentrar seus esforços na preparação do jovem para a inserção no mercado de trabalho” (WELLER, 2014, p. 139). Para a autora, não existem receitas prontas para as escolas, principalmente àquelas de ensino médio para auxiliar na construção de projetos futuros dos jovens. Porém ela afirma que:

Um olhar mais atento às biografias desses jovens e às demandas que são trazidas para a escola permitirá que cada instituição de ensino possa incluir ações que contribuam no sentido de ampliar as possibilidades, não só de construção, mas também de viabilização de projetos de vida. (WELLER, 2014, p. 139)

Os jovens chegam ao Ensino Médio cheios de expectativas, anseios e também muitas dúvidas, uma delas é qual caminho percorrer após terminar a educação básica. Para Weller, a escola, como uma instituição social, deveria juntamente com a família auxiliar os jovens em seus projetos de vida, mas segundo a autora outras demandas são prioridades para a escola.

Para Arroyo (2014) os jovens que estão chegando hoje no Ensino Médio têm seu perfil marcado pela diversificação de outras origens sociais, raciais, étnicas, dos campos e das periferias. Esses jovens são diferentes daqueles que outrora frequentavam essa etapa de ensino. Estes, advindos das classes médias e altas, eram vistos de maneira uniforme, ocasionada pela forma de tratamento comum para todos, com o intuito de perpetuar o poder nas mãos dessa minoria favorecida. Com a expansão da educação básica e o surgimento de um público diversificado de jovens que estão entrando no Ensino Médio, Arroyo aponta para algumas inquietações: como garantir seus direitos ao conhecimento, à cultura, aos valores, à formação plena? Que Ensino Médio e que currículo? “Com essa crescente diversidade dos alunos no Ensino Médio, cresce a preocupação com os profissionais da educação de repensar como ser profissionais, da garantia dos direitos desses outros educandos a conhecimentos e a que conhecimento” (ARROYO, 2014, p. 54).

Para Arroyo, avança-se a consciência que os alunos têm direitos ao saber, que as suas experiências como sujeitos sociais sejam interpretadas, sobretudo as indagações que se referem às condições juvenis, suas histórias como membros da sociedade, raciais, de gênero, de classes. Para o autor, esses pontos devem ser aprofundados nos conhecimentos curriculares do Ensino Médio, assim trazendo uma visão mais holística dos jovens sobre o mundo e tirando a visão dos conteúdos como utilitários. O autor frisa os pontos mencionados para

inovar o Ensino Médio a partir de pontos que colocam o jovem como sujeitos histórico-culturais:

Valorizar suas experiências sociais de que são sujeitos ou vítimas; levantar as indagações que trazem sobre essas experiências históricas; reconhecer os saberes, leituras e modos de se pensar nessas relações sociais, políticas e incorporá-las nos currículos, colocá-las em diálogos horizontais com os conhecimentos sistematizados. Trata-se de reconhecer os mestres e alunos sujeitos da produção de outros conhecimentos, não meros transmissores-aprendizes do conhecimento hegemônico. (ARROYO, 2014, p. 54).

Porém, Arroyo destaca a dificuldade de trabalhar com os jovens dentro dessa perspectiva curricular, pois segundo o autor um dado que limita a criatividade do docente é a condição precária de viver de tantos jovens que chegam ao Ensino Médio. Fato este que inquieta e instiga os docentes a serem ainda mais criativos, renovarem currículos, conhecimentos, formas de lecionar e material didático, que dentro da atual conjuntura da educação é uma missão nada fácil. “Há um avançar tenso de reinvenção da docência e dos currículos como resposta ao precário e injusto viver dos novos educandos e educandas que acedem à educação média” (ARROYO, 2014, p. 59).

Para Arroyo (2014, p. 60) a ênfase no caráter propedêutico gera diversas tensões na construção da própria identidade do Ensino Médio, entre professores e alunos. O professor não chega a ter firmeza sobre a função dos conteúdos passados, chegando a gerar conflitos entre os jovens devido seus anseios e expectativas com relação a instituição, que em alguns momentos se demonstra confusa no que se propõe.

No próximo capítulo, serão apresentadas as características dos sujeitos participantes da pesquisa e as repostas dos jovens com relação às questões voltadas para as visões sobre a escola, como os sentidos que atribuem a essa instituição. As respostas obtidas por meio da aplicação do questionário nos trazem indicadores importantes sobre esses sentidos.

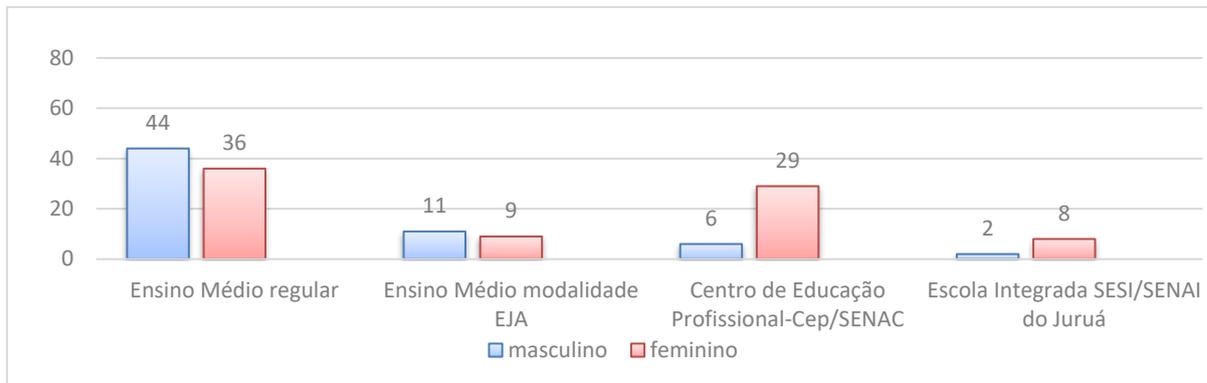
04 – OS SUJEITOS DA PESQUISA: CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesse capítulo, apresenta-se com base nos dados recolhidos junto ao banco de dados, constituídos a partir das informações obtidas nos questionários, a caracterização dos jovens participantes da pesquisa, os sentidos e a função que os jovens atribuem à escola. A intenção é, além de traçar as características dos sujeitos da pesquisa, apresentar por meios de tabelas e gráficos indicadores que possam mostrar o que pensam os jovens sobre a escola.

4.1 OS JOVENS QUANTO AO GÊNERO

Participaram dessa pesquisa 145 (cento e quarenta e cinco) jovens, dentre eles homens e mulheres estudantes de escolas públicas e instituições técnico-profissionalizantes, dos quais 80 (oitenta) estudam no ensino médio, 20 (vinte) na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, 35 (trinta e cinco) no Centro de Educação Profissional – Cep e 10 (dez) jovens estudam na Escola Integrada SESI SENAI do Juruá. Ao analisar os dados, destaca-se um número maior de mulheres como participantes desta pesquisa, com uma predominância bastante significativa nas instituições de cunho técnico-profissionalizantes. Esses dados podem ser vistos como possíveis indicadores da progressiva presença das mulheres nos sistemas de ensino e o aumento da procura delas por cursos técnicos preparatórios para o mercado de trabalho. Os dados mencionados, de certa forma, dialogam com as ideias de Sposito (2005), sobre as mulheres e a busca por maior escolaridade. Ao analisar os dados da pesquisa intitulada “perfil da juventude brasileira” que teve como amostra 3.501 jovens de 15 a 24 anos em 196 municípios do Brasil, Sposito pôde inferir que as jovens estão crescendo vertiginosamente no ensino. Pode-se destacar que as jovens desta pesquisa, por estarem em maior número nas instituições de cunho profissionalizantes, apontam que estão em busca da inserção no mercado de trabalho com conhecimento técnico específico.

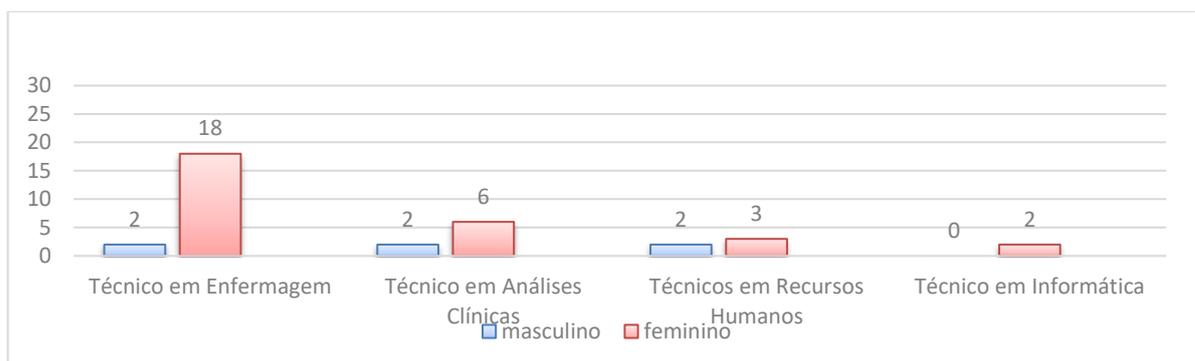
GRÁFICO 02: DADOS REFERENTES AO GÊNERO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Ao analisar os dados por curso ofertado no Centro de Educação Profissional – Cep/SENAC, com relação ao gênero, notou-se que os participantes da pesquisa que estudam nessa instituição estão concentrados em sua maioria no curso de Técnico de Enfermagem, com uma grande predominância das mulheres em todos os cursos ofertados, reforçando o que foi mencionado anteriormente sobre a procura das mulheres após o fim da educação básica, por cursos que as habilitem tecnicamente para o mercado de trabalho. Abaixo uma representação gráfica dos dados aqui mencionados.

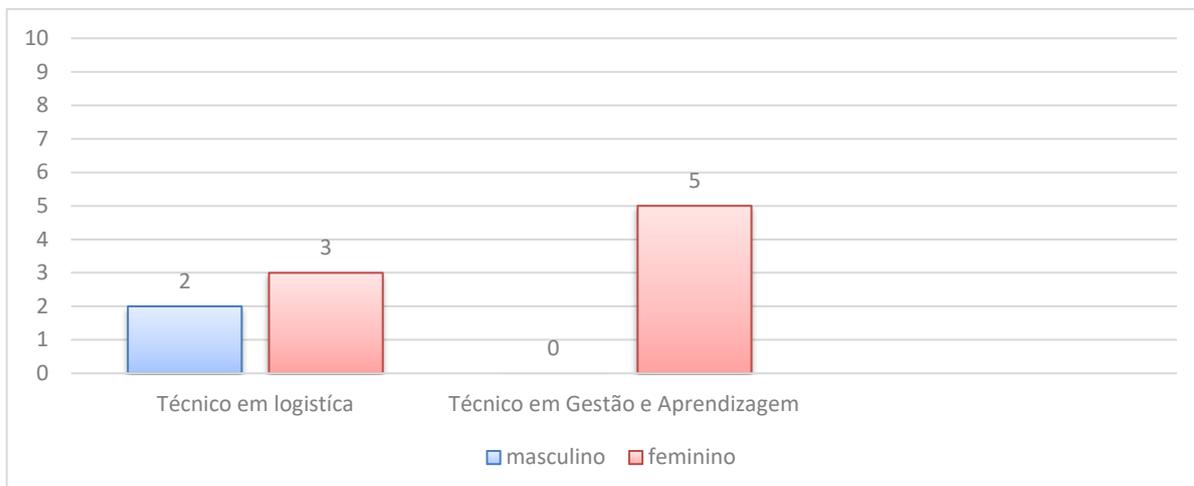
GRÁFICO 03: DADOS REFERENTES AO GÊNERO DOS JOVENS QUE ESTUDAM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEP/SENAC



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Os dados referentes aos jovens que estudam no programa Jovem Aprendiz Industrial, ofertado pela Escola Integrada SESI SENAI, apresentam-se com predominância das mulheres na participação dessa pesquisa se constituindo 80% do total dos participantes nessa instituição.

GRÁFICO 04: DADOS DOS JOVENS REFERENTES AO GÊNERO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA INTEGRADA SESI/SENAI DO JURUÁ



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Os dados acima apresentados mostram-nos que o gênero por si só já traz diversas variáveis que influenciam diretamente na juventude, contrapondo a visão homogeneizadora com ênfase no fator biológico para explicar “a juventude”.

Segundo Marques (2014), gênero é uma categoria construída socialmente, assim distinguindo-se do sexo que responde a uma categoria natural. Apesar de existir defesas relacionadas aos sexos masculino e feminino como uma construção social, “em geral é consensual que o sexo é uma categoria biológica, que se define pela posse de propriedades físicas concretas” (MARQUES, 2014, p. 550).

Ciente disso, Dayrell (2003) nos apresenta que a essência do indivíduo não gira em torno de si mesmo. Para o autor, a condição humana se desenvolve a partir do contato com o outro, suas ações na sociedade, o que ele chama de natureza social. O jovem não se desenvolve a partir do seu fator biológico, mas sim com seu contato com o mundo. Diante disso, Dayrell enfatiza que o gênero é uma das variáveis da diversidade juvenil.

4.2 IDADE DOS JOVENS

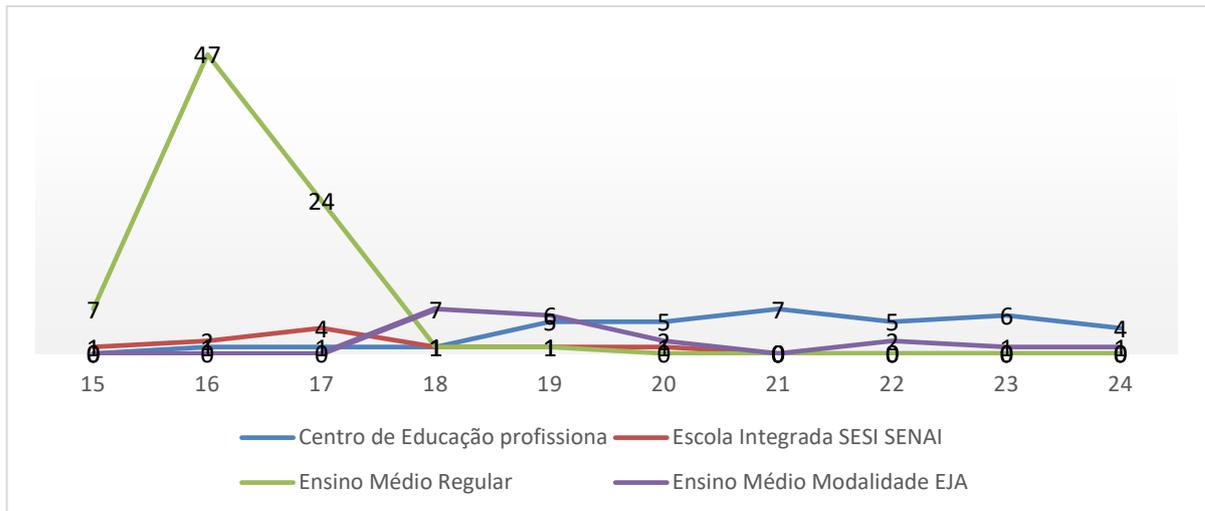
Os dados revelam que os sujeitos dessa pesquisa majoritariamente estão inseridos na faixa etária de 15 a 17 anos. Essa quantidade pode ser justificada pelo maior contingente de sujeitos participantes da pesquisa se encontrar no Ensino Médio, ou seja, 80 dos 145 sujeitos participantes estão na faixa mencionada anterior. Apenas dois alunos do Ensino Médio não estão nessa faixa etária, sendo um jovem com 18 anos e outro com 19 anos. Este dado mostra

que os jovens estudantes do Ensino Médio, em sua maioria, estão em idade ideal nessa etapa da educação básica. Esses dados também mostram que os jovens participantes que estudam no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) abandonaram o ensino regular muito cedo, pois dos 20 jovens participantes, 15 estão inseridos na faixa etária entre 18 e 19 anos, idade que possivelmente teriam após a conclusão da educação básica, caso não houvesse nenhuma ruptura na trajetória escolar. Notou-se também que os jovens participantes estão recorrendo a outros meios de aprendizagem além da escola, pois dos 10 jovens que estudam na escola Integrada SESI SENAI (80% mulheres), 07 deles estão na faixa etária entre 15 a 17 anos. Com base nesses dados, pode-se inferir que o surgimento do programa Jovem Aprendiz Industrial na cidade fez com que esses jovens enxergassem uma oportunidade de se apropriar de saberes técnicos específicos voltados para o trabalho cada vez mais cedo.

Percebe-se que esses jovens que estudam na Escola Integrada SESI SENAI refletem uma tendência muito forte de preocupação da juventude voltada para o trabalho, haja vista a procura, cada vez mais cedo, de saberes específicos voltados para esse fim. Ao fazer esse movimento de busca por conhecimentos específicos não escolares, possivelmente esses jovens estão mostrando que têm ciência da complexidade contemporânea de se inserirem no mercado de trabalho. Para Sposito (2005), nas últimas três décadas ocorreram mudanças significativas na sociedade principalmente voltadas para o trabalho, dificultando a trajetória dos jovens para a vida adulta, principalmente aquelas que se referem a emancipação financeira.

Com isso, a vida dos jovens também mudou, cresceu uma maior preocupação por parte deles com relação ao trabalho, levando-os a procurarem outros meios de aprender saberes para além das escolas, pois possivelmente identificaram que “a escolaridade não se afigura como elemento garantidor da entrada do mundo do trabalho, [...] mercado formal de ocupações e as posições dos estratos menos privilegiados da sociedade” (SPOSITO, 2005, p. 90).

GRÁFICO 05: IDADE DOS JOVENS POR INSTITUIÇÃO



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Segundo Sposito (2005), a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira” aponta um significativo crescimento no acesso a população juvenil nas escolas com uma acentuação a partir da década de 1990. Ao analisar os dados da pesquisa, a autora infere que houve um aumento de 6,6 milhões de jovens entre 15 a 24 anos nas escolas no ano de 2001. Sposito atribui a esse aumento vertiginoso ao fato de um crescimento da crise econômica, aumento do desemprego e acentuação na desigualdade social, levando os jovens a uma maior procura pelas escolas. A partir do gráfico acima, pode-se inferir que os problemas socioeconômicos e desemprego estão presentes na vida dos jovens participantes da pesquisa, se levar em conta a procura cada vez mais cedo de cursos de cunho profissionalizantes.

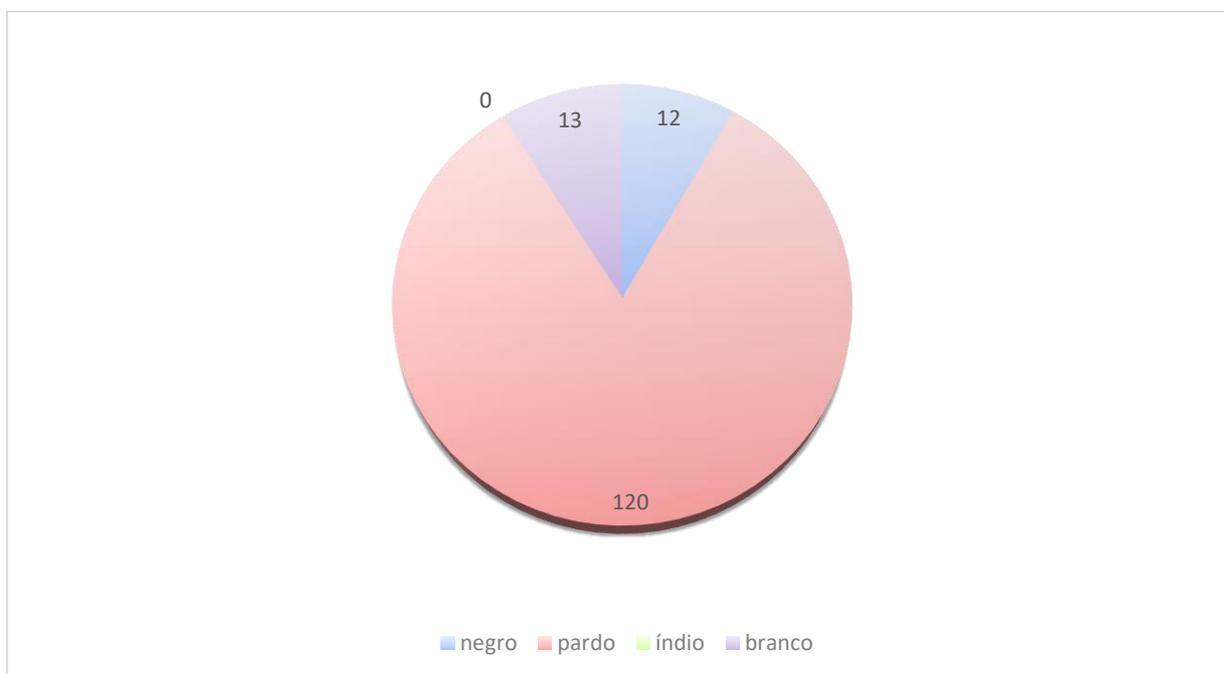
4.3 COR/RAÇA: COMO OS JOVENS SE AUTODECLARAM

Ao analisar os dados referentes à autodeclaração de cor/raça dos sujeitos da pesquisa, notou-se uma predominância daqueles que se autodeclararam pardos, com 120 jovens do total de 145, correspondendo a 82,75%. Aqueles que se autodeclararam negros corresponderam a 12 sujeitos, o que equivale a 8,27%. Não tivemos nenhum jovem se autodeclarando índio na pesquisa e os que se declararam brancos totalizam 13 participantes que correspondem a 8,96%.

Os dados mostraram ainda que os jovens desta pesquisa que estudam em escola pública, tanto no Ensino médio como na modalidade EJA, em sua maioria se autodeclararam negros ou pardos. Dos 100 jovens participantes que estudam no nível de ensino médio e na modalidade EJA, 92 se autodeclararam negros e pardos. Nas Instituições Técnicas

Profissionalizantes também há um predomínio dos jovens que se autodeclararam pardos, de 45 participantes, 39 são pardos a partir da autodeclaração. O maior número de jovens autodeclarados brancos estuda na Escola Integrada SESI SENAI, contabilizando 04 jovens.

GRÁFICO 06: COR/RAÇA DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Pode-se inferir, a partir dos dados apresentados, que os jovens participantes dessa pesquisa que estudam na rede pública, como nas Instituições técnicas profissionalizantes são em sua maioria negros e pardos. Segundo a análise de Sposito (2005) sobre os dados levantados da pesquisa “perfil da juventude brasileira”, a autora observou que os jovens negros e pardos estão ancorados na educação básica com pouco acesso ao ensino superior, algo diferente do que acontece com os jovens brancos, pois a pesquisa mostra que estes têm uma maior porcentagem de inserção na etapa superior do ensino. Abaixo podemos ver graficamente a representação dos dados referentes à cor/raça dos jovens participantes da pesquisa.

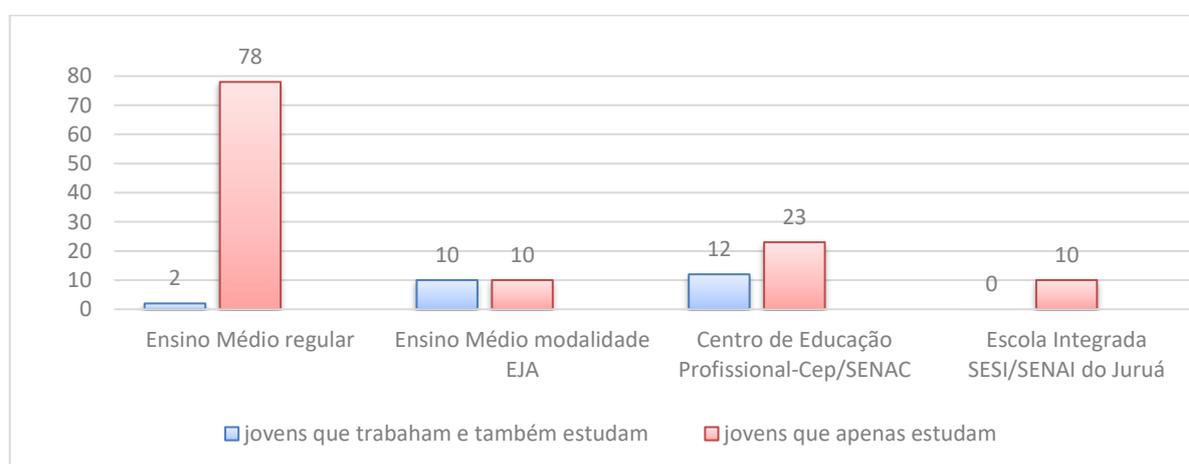
4.4 ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS JOVENS

Ao se analisar os dados referentes à ocupação dos jovens participantes dessa pesquisa notou-se que a grande maioria dos jovens, estudantes do Ensino Médio possivelmente não fazem parte da população economicamente ativa (PEA) da cidade, pois 78 dos 80 jovens

responderam que apenas estudam. Quando verificado esses mesmos dados referente aos jovens que frequentam a modalidade EJA, percebe-se uma realidade diferente daquela encontrada no Ensino Médio. De acordo com os dados levantados, dos 20 jovens participantes, estudantes dessa modalidade, 10 deles têm ocupação que na sua maioria não necessitam ter nível de ensino básico completo, como podemos ver na quantidade de jovens e suas respectivas ocupações: 04 (quatro) jovens trabalham como mecânicos, 02 (duas) como empregadas domésticas, 01 (uma) como babá, 01 (um) como pedreiro, 01 (uma) cozinheira e 01 (um) comerciante. Esses jovens, apesar da jornada de trabalho exploratória, características dos trabalhos informais, possivelmente continuam na escola em buscar de melhorias para seu contexto atual. Dos outros 10 jovens que responderam que não trabalham, 04 são jovens que tiveram filhos, motivo este que explica a opção por esta modalidade de ensino, porém os outros 06 optaram por estudarem no EJA para procurarem emprego.

Ao se analisar os dados referentes aos jovens estudantes do Centro de Educação profissional – CEP/SENAC e da Escola Integrada SESI SENAI, percebe-se que os sujeitos participantes (maioria mulheres) não estão trabalhando, porém estão se preparando para se inserirem no mercado de trabalho.

GRÁFICO 07: JOVENS QUE ESTUDAM E TRABALHAM



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Ao verificar os dados apresentados sobre todos os jovens participantes referentes à ocupação laboral, percebe-se que grande maioria deles não trabalham e apenas estudam, ou seja, 121 jovens responderam que não exercem nenhum tipo de trabalho remunerado. Mas o fato de grande parte desses jovens apenas estudarem, não mostra o afastamento do interesse deles pelo trabalho. Pelo contrário, os sujeitos dessa pesquisa estão preocupados com seu futuro, e o trabalho está como pauta primeira. Ao se verificar apenas os jovens que não estão

trabalhando, exceto aqueles que estudam no ensino médio, percebe-se que ou estão em busca de trabalho, que é o caso dos jovens que estudam no EJA, ou estão se preparando para o mercado de trabalho, que é o caso dos jovens que estudam nas Instituições Técnico-Profissionalizantes. Segundo Guimarães (2005) o trabalho é um assunto atraente e ao mesmo tempo preocupante para “os jovens de todas as faixas de escolaridade” (GUIMARÃES, 2005, p. 160). Para a autora, o desemprego e a falta de empregos, problemas do trabalho na sociedade contemporânea, estão preocupando os jovens, principalmente aqueles que são de baixa renda.

4.5 ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS

Ao analisar os dados referentes à ocupação dos pais dos jovens participantes da pesquisa, percebe-se que a maioria das ocupações exercidas pertence às camadas populares, pois em sua grande maioria são trabalhos que não exigem grau de escolaridade. Percebe-se que existe certa disparidade entre as atividades que exigem algum grau de escolaridade e aquelas que não exigem. Os jovens participantes da pesquisa apontaram que 74 dos pais exercem atividades que para atuar precisam ter algum grau de escolaridade, já aqueles que estão em ocupações que necessariamente não precisam ter o Ensino Médio ou algum grau de escolaridade como pré-requisito, somam 166 pais. Quando separado esse total por instituição, notou-se que mais de 50% dos jovens, independentemente de qual instituição esteja estudando, tem pais que exercem ocupações que não têm como pré-requisito algum grau de escolaridade para ocupá-las. As ocupações com maior prestígio dentre as mencionadas, como a de professor, funcionário público e enfermeiro e que pelas normas legais precisam ter um nível de instrução específico, são na sua grande maioria pais de alunos do ensino médio.

QUADRO 04: ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS

OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	PAI				MÃE				Total
	E.M	EJA	SENAC	SESI/SENAI	E.M	EJA	SENAC	SESI/SENAI	
Técnico em Análise clínicas	1						1		2
Do lar	2				25	9	12	1	49
Agricultor(a)	5		5		2		1		13
Aposentado(a)	2	1	3	1		1	4		12
Pedreiro/carpinteiro (a)	13	3	1	1					18
Técnico em Enfermagem	1	1			3	1	2		8

Administrador	4					1	1		6
Pastor de Igreja	1	1			1				3
Funcionário Público	12	2	7	1	9		1		32
Açougueiro(a)	2								2
Costureiro(a)					2	1	1		4
Empregada Doméstica					7	1	1	2	11
Pescador(a)	2	2							4
Comerciante	5		1	2	1				9
Professor(a)	2		4	2	15		6	4	31
Motorista	5								5
Enfermeiro(a)	1				1				2
Cozinheira					7	1		1	9
Mecânico	2	2	1	1					6
Taxista	1		2						3
Vendedora						1			1
Microscopista								1	1
Autônomo			3					1	4
microempresário(a)		1	1	1			1	1	5
Recepcionista							1		1
Cabeleireiro			1						1
Não responderam	19	5	8	1	9	3	2		47

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

A análise desses dados nos permite inferir que a maioria dos jovens participantes desta pesquisa pertencem a famílias inseridas nas classes populares sem grande poder aquisitivo, tendo como base para tal interpretação o número de pais em ocupações que não exijam nível de escolaridade. De acordo com Dayrell (2007), a heterogeneidade da juventude se encontra principalmente nas classes populares da população, e uma das variáveis que diversifica as formas de viver a juventude é o fator socioeconômico.

4.6 ESCOLARIDADE DOS PAIS

Ao analisar os dados referentes à escolaridade dos pais dos jovens participantes, nota-se que aqueles com escolaridade menor que a última etapa da educação básica se concentram no Ensino Médio, e os pais com maior escolaridade se encontram no Centro de Educação Profissional. Porém, se tomarmos a premissa de que os jovens que não declaram a escolaridade dos pais omitiram a informação por se sentirem constrangidos, levando em consideração o cruzamento dos dados entre a atividade profissional dos pais e a escolaridade destes, as porcentagens aumentam significativamente, como é o EJA que passa a ter 80% dos pais com escolaridade abaixo do ensino médio. Ainda seguindo essa lógica, o Centro de Educação Profissional aumenta para 65,84% a quantidade de pais com baixa escolaridade, a

Escola Integrada SESI SENAI também aumenta para 60%, seguido do Ensino Médio com 57,75% referente aos pais eu tem escolaridade abaixo do ensino médio. Ratifica-se que esse aumento é com base em uma possível omissão por parte dos jovens, tendo em vista que os dados referentes à ocupação dos pais, apresentados anteriormente, trazem números maiores que os aqui expostos, ou seja, dados divergentes. Diante desses dados, pode-se perceber que uma quantidade bastante significativa dos jovens participantes dessa pesquisa tem pais com baixa escolaridade. Segundo Soto e León (2005 apud Caierão, 2008, p. 123), o nível de escolaridade dos pais dos alunos se constitui em um “elemento fundamental para compreendermos e conhecermos os jovens estudantes, pois as diferenças na escolaridade tendem a uma distinção dos próprios alunos na vida escolar”. É inegável que pais que têm acesso ou se permitem ter acesso aos mais diversos meios disponíveis pelo capital cultural, tendem a dar aos seus filhos maiores possibilidades no que se refere à educação. Abaixo o quadro com as informações apresentadas.

QUADRO 05: ESCOLARIDADE DO PAI

Escola/instituição participantes da pesquisa	Escolaridade do pai	%
Ensino médio (80 participantes)	Menor que o ensino médio	29 jovens/36,25%
	Ensino médio ou mais	29 jovens/36,25%
	Não declarou	22 jovens/27,5%
Ensino Médio modalidade EJA (20 participantes)	Menor que o ensino médio	9 jovens/45%
	Ensino médio ou mais	4 jovens/20%
	Não declarou	7 jovens/35%
Centro de Educação Profissional-CEP SENAC (35 participantes)	Menor que o ensino médio	18 jovens/51,42%
	Ensino médio ou mais	13 jovens/37,14%
	Não declarou	4 jovens/11,42%
Escola Integrada SESI SENAI do Juruá (10 participantes)	Menor que o ensino médio	5 jovens/50%
	Ensino médio ou mais	4 jovens/40%
	Não declarou	1 jovem/10%

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Ao compararmos o nível de escolaridade da mãe com a tabela anterior, que se refere ao nível de escolaridade dos pais, percebe-se uma maior formação por parte delas, possivelmente esse dado está relacionado, entre outras causas, à educação como principal

caminho para a integração efetiva das mulheres no mundo do trabalho. Porém, a quantidade de mães com baixa escolaridade é significativa como mostra o quadro abaixo.

QUADRO 06: ESCOLARIDADE DA MÃE

Escola/instituição participantes da pesquisa	Escolaridade da mãe	%
Ensino Médio Regular (80 participantes)	Menor que o ensino médio	20 jovens/25%
	Ensino médio ou mais	41 jovens/51,25%
	Não declarou	19 jovens/23,75%
Ensino Médio modalidade EJA (20 participantes)	Menor que o ensino médio	10 jovens/50%
	Ensino médio ou mais	4 jovens/20%
	Não declarou	6 jovens/30%
Centro de Educação Profissional-CEP SENAC (35 participantes)	Menor que o ensino médio	12 jovens/37,5%
	Ensino médio ou mais	22 jovens/62,85%
	Não declarou	1 jovem/2,85%
Escola Integrada SESI SENAI do Juruá (10 participantes)	Menor que o ensino médio	1 jovem/10%
	Ensino médio ou mais	8 jovens/80%
	Não declarou	1 jovem/10%

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

A baixa escolaridade dos pais, aliada ao baixo poder aquisitivo, pode ser um empecilho para esses jovens terem acessos aos bens culturais validados pela sociedade, assim prejudicando o desempenho escolar deles. Para que diminua as chances disso acontecer, segundo Bourdieu (1979), a escola tem que incorporar no conjunto de estratégias educativas aqueles conhecimentos adquiridos junto à família e o meio onde está inserido, pois é a partir desse reconhecimento que se evidencia um paradoxo necessário, onde fica mais claro que os jovens inseridos em um contexto social econômico favorável terão maiores condições de apropriação do capital cultural, ou seja, aquele conhecimento legitimado e valorizado pela sociedade. Dessa forma, mostra-se para os jovens que estão inseridos no contexto das classes

populares, que sua realidade socioeconômica influencia diretamente na aprendizagem, tirando a concepção que são menos inteligentes ou até mesmo incapazes de realizarem certas atividades.

4.7 SENTIDOS QUE OS JOVENS ATRIBUEM À ESCOLA

Diante da abrangência e amplitude desses dados, serão focalizados aqueles apontados pelos jovens como mais importantes para eles. Ao final de cada bloco de questões os sujeitos apontaram três alternativas consideradas mais relevantes.

A questão de nº 12 do questionário traz indagações sobre os sentidos que os jovens atribuem ao fato de frequentarem a instituição escolar. Esta questão contemplava treze explicações que levavam os jovens a responderem sobre sua relação com a escola, que são elas: frequenta a escola por obrigatoriedade; porque há relações com seus valores; porque é seu direito como cidadão; para aprender os conhecimentos que a instituição ensina; porque é importante para conseguir um bom futuro; para entrar no ensino superior; para ter melhores condições de vida; para fazer amigos; para namorar e paquerar; como uma forma de lazer; ou porque gosta do intervalo. Dentre as proposições, os jovens deveriam marcar a alternativa sim, não ou em parte. Abaixo apresenta-se o percentual de alunos do Ensino Médio que disseram “sim” a cada um dos itens desta questão.

QUADRO 07: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO REGULAR

Questões	Sim/%	Não/%	Em parte
12.1. Você sabe por que frequenta a Instituição escolar?	97,5%	1,25%	1,25%
12.2. Você vai para a escola devido a obrigatoriedade de frequentá-la?	27,5%	72,5%	
12.3. Você vai à escola por que há alguma relação com seus valores (sociais, pessoais, familiares e religiosos)?	80%	20%	
12.4. Você vai à escola por que é seu direito como cidadão?	81,25%	18,75%	
12.5. Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona?	93,75%	6,25%	
12.6. Você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro?	100%	0%	
12.7. Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior?	100%	0%	

12.8. Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a do que a dos seus pais/responsáveis?	97,5%	2,5%	
12.9. Você vai para fazer amigos?	60%	40%	
12.10. Você vai à escola por que seus amigos vão?	15%	85%	
12.11. Você vai à escola para paquerar ou namorar?	13,75%	86,25 %	
12.12. Você vai para à escola para se divertir? Como uma forma de lazer?	11,25%	88,75%	
	17,5%	82,5%	
12.13. Você vai por que gosta do intervalo?			
Total: 80 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Nota-se que a grande maioria dos jovens estudantes do ensino médio (97,5%) tem clareza das razões que os levam a frequentar a escola. Apenas um aluno respondeu que não tem certeza quais são as razões que o levam ir para a escola. Verificou-se que se trata de um jovem de 16 anos que estuda o 3º ano à tarde, com renda familiar vinda do trabalho do pai, que é pedreiro, e do avô que recebe aposentadoria. Ao verificar a escolaridade dos pais, constatou-se que tanto o pai quanto a mãe não tem a etapa fundamental da educação básica completa.

Ao verificar as repostas dos jovens quanto à questão 12, identificou-se que os itens que mais receberam a quantidade de respostas “sim” foram as alternativas 12.5 *Você vai à escola para aprender os conhecimentos que a escola proporciona*, 12.6 *Você vai porque acha importante para conseguir um trabalho no futuro*, 12.7 *Vai à escola para entrar na faculdade/ensino superior*, 12.8 *Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a dos seus pais/responsáveis*, cada item compondo mais de 90% dos jovens participantes da pesquisa, que estudam no ensino médio.

No quadro 02, registram-se os dados obtidos com os jovens que estudam no ensino médio na modalidade EJA.

QUADRO 08: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO
MODALIDADE EJA

Questões	Sim/%	Não/%	Em partes
1.Você sabe por que frequenta a Instituição escolar?	100%	0%	0%
12.2. Você vai para a escola devido a obrigatoriedade de frequentá-la?	20%	80%	
12.3. Você vai à escola por que há alguma relação com seus valores (sociais, pessoais, familiares e religiosos)?	40%	60%	
12.4. Você vai à escola por que é seu direito como cidadão?	80%	20%	

12.5. Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona?	95%	5%	
12.6. Você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro?	100%	0%	
12.7. Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior?	95%	5%	
12.8. Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a do que a dos seus pais/responsáveis?	95%	5%	
12.9. Você vai para fazer amigos?	80%	20%	
12.10. Você vai à escola por que seus amigos vão?	10%	90%	
12.11. Você vai à escola para paquerar ou namorar?	5%	95%	
12.12. Você vai para à escola para se divertir? Como uma forma de lazer?	15%	85%	
12.13. Você vai por que gosta do intervalo?	10%	90%	
Total: 20 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Ao analisar o quadro, percebe-se que todos os Jovens entre 18 a 24 anos que estudam na modalidade de EJA demonstraram clareza nas razões que os levam a buscar a escola, apontando-nos um maior número de respostas positivas nas alternativas 12.5 *Você vai à escola para aprender os conhecimentos que a escola proporciona*, 12.6 *Você vai por que acha importante para conseguir um trabalho no futuro*, 12.7 *Vai à escola para entrar na faculdade/ensino superior*, 12.8 *Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a do que a dos seus pais/responsáveis* com mais de 90% das respostas dos jovens participantes.

Abaixo, as resposta dos jovens que frequentam cursos técnicos profissionalizantes do Centro de Educação Profissional de Cruzeiro do Sul-Cep e da Escola Integrada SESI SENAI e a percentagem de recorrência quanto as respostas.

QUADRO 09: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INSTITUIÇÕES TÉCNICAS PROFISSIONALIZANTES

Questões	Sim/%	Não/%	Em partes
12.1.Você sabe por que frequenta a Instituição escolar?	97,77%	0%	2,22%
12.2. Você vai para a escola devido a obrigatoriedade de frequentá-la?	15%	85%	
12.3. Você vai à escola por que há alguma relação com seus valores (sociais, pessoais, familiares e religiosos)?	92,5%	7,5%	
12.4. Você vai à escola por que é seu direito como cidadão?	82,5%	17,5%	

12.5. Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona?	100%	0%	
12.6. Você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro?	100%	0%	
12.7. Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior?	97,5%	2,5%	
12.8. Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a do que a dos seus pais/responsáveis?	97,5%	2,5%	
12.9. Você vai para fazer amigos?	42,5%	57,5%	
12.10. Você vai à escola por que seus amigos vão?	10%	90%	
12.11. Você vai à escola para paquerar ou namorar?	0%	100%	
12.12. Você vai para à escola para se divertir? Como uma forma de lazer?	2,5%	97,5%	
12.13. Você vai por que gosta do intervalo?	0%	100%	
Total: 45 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Os jovens que frequentam as instituições técnico-profissionalizantes expressaram em sua grande maioria porque frequentam ou frequentaram a escola, obtendo 97,77%. Somente uma jovem que respondeu que sabe em partes porque frequentou a escola, a jovem tem 21 anos é casada, sua renda família é a do marido e de um benefício social. A jovem não respondeu as questões sobre a escolaridade dos pais e a ocupação de trabalho destes. Com relação as perguntas, o “sim” predominou nas questões: 12.3 *Você vai à escola por que há alguma relação com seus valores (sociais, pessoais, familiares e religiosos)*, 12.5 *Você vai à escola para aprender os conhecimentos que a escola proporciona*, 12.6 *Você vai por que acha importante para conseguir um trabalho no futuro*, 12.7 *Vai à escola para entrar na faculdade/ensino superior*, 12.8 *Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a do que a dos seus pais/responsáveis*, sendo que mais de 90% dos jovens responderam positivamente a essas questões. O gráficos 7 a 10 mostram a importância das questões apontadas pelos jovens, ao final do rol de itens da questão 12 os sujeitos da pesquisa teriam que marcar quais eram as 3 proposições mais importantes respondidas por eles, o resultado se mostra nos gráficos mencionados.

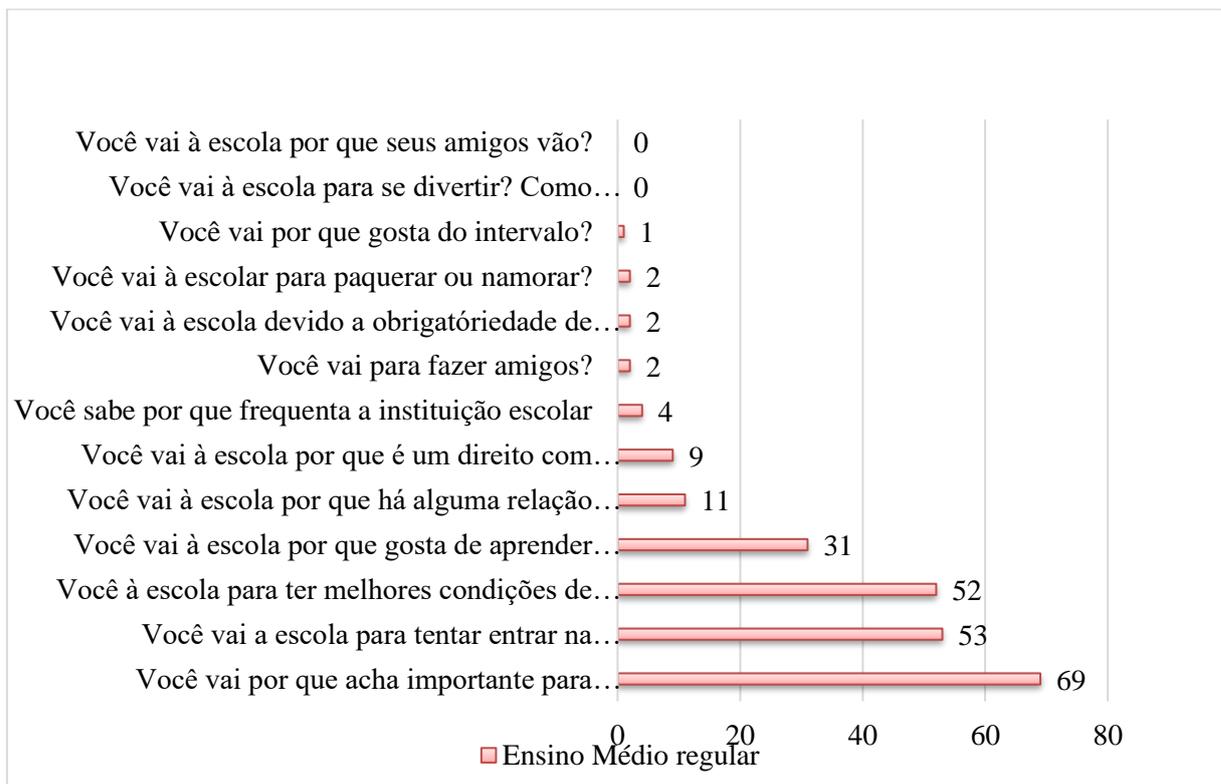
Dos 80 jovens do ensino médio que participaram da pesquisa, 69 indicaram como item mais importante: 12.6 *“Você vai à escola para conseguir um bom trabalho no futuro”*, correspondendo a 86,25%, apontados por eles. O segundo foi o item 12.7 *“Você vai à escola para entrar na faculdade/ensino superior”* e o terceiro foi 12.8 *“Você vai à escola para ter*

melhores condições de vida do que seus pais ou responsáveis”. Respostas estas obtidas pelos jovens do Ensino Médio com idade entre 15 a 18 anos.

Considerando as questões analisadas pelos jovens do ensino médio ressalta-se que os mesmos identificaram como mais importantes aquelas relacionadas ao trabalho, a busca de mais conhecimentos, percebe-se pela ênfase nas respostas direcionadas para o ingresso no nível superior. De acordo com Branco (2005, p. 139) o olhar de futuro, por parte dos jovens, não se desassocia dos problemas que o trabalho encerra na atualidade. Esses buscam conhecimentos na escola e se voltam tanto para obtenção de novos conhecimentos, no caso seria a inserção no nível superior, como de preparação para o mercado de trabalho, pois os problemas do desemprego já se encontram no imaginário dos jovens. Diante disso, o autor ressalta que “a necessidade de um futuro breve, ter de encontrar emprego/atividade profissional não está declarando com isso [...] a imediata obtenção de um emprego” (BRANCO, 2005, p. 139).

O gráfico 08 sintetiza as respostas obtidas na questão 12, expressando as treze alternativas apresentadas, e dentre elas o gráfico mostra as três questões mais importantes apontadas pelos jovens.

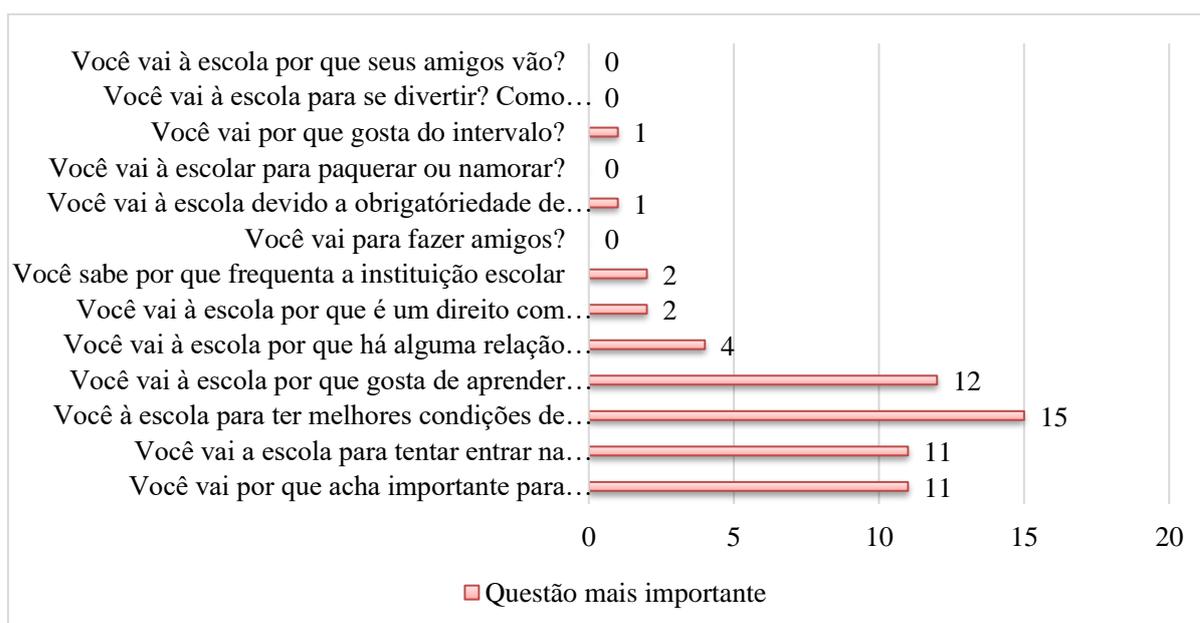
GRÁFICO 08: SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PELOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO REGULAR



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Para os jovens que estudam no Ensino de Jovens e Adultos, as alternativas que melhor retratam os sentidos que atribuem a escola são: 12.8 “*Você vai à escola para ter melhores condições do que a dos seus pais/responsáveis*” com 75%; o segundo item apontado foi 12.5 “*Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona*” e em terceiro ficaram duas questões, 12.7 “*Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior*” e 12.6 “*Você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro*”. Percebe-se que a respostas dos jovens que estudam no EJA está ligada diretamente ao seu contexto socioeconômico. São jovens que em algum momento tiveram uma ruptura na trajetória acadêmica por conta da inserção em uma ocupação profissional, porém retornam para a escola para terem uma vida melhor e através dos conhecimentos que a escola proporciona. Segundo Weller (2014) o Ensino Médio é uma etapa da escolarização que coincide com o período de vivência da juventude, geralmente esse jovem está entre 15 e 18 anos. Porém, a autora ressalta que os jovens estão voltando para o ensino médio com idade mais avançada, recorrendo ao Ensino de Jovens e adultos para continuar com o percurso escolar. Fazendo isso, trazem também seus principais anseios que giram em torno de seu contexto socioeconômico. No gráfico a seguir estão as questões mais importantes apontadas pelos jovens que frequentam o Ensino de Jovens e Adultos.

GRÁFICO 09: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO MODALIDADE EJA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

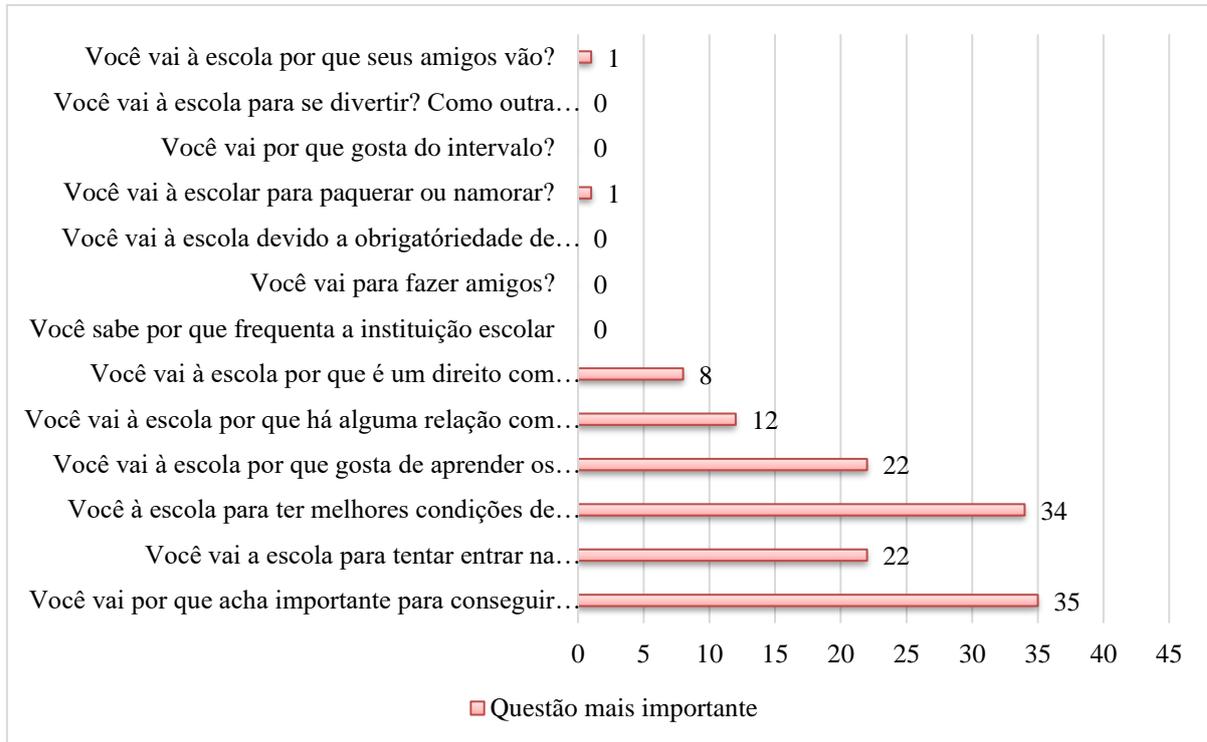
Os itens mais importantes apontados por esses jovens que estudam nas instituições técnico-profissionalizantes são: 12.6 “*Você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro*” com 77,77%. O segundo foi o item 12.8 “*Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a dos seus pais/responsáveis*” e o terceiro ficou empatado entre dois itens da questão, o item 12.5 “*Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona*” e o item 12.7 “*Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior*”.

Aqui se encontram as respostas de egressos do Ensino Médio e jovens que estudam de forma concomitante o ensino médio e cursos técnicos e profissionalizantes. Tanto os jovens egressos do ensino médio, quanto aqueles que o frequentam juntamente com os cursos técnicos, trazem respostas que apontam que a escola tem uma grande importância para apropriar de novos saberes que a instituição oferece, mas também veem a escola um como caminho para conseguir um trabalho e a inserção no nível superior. Identifica-se que os jovens que responderam o questionário trazem algumas demandas que devem ser diagnosticadas pelas escolas, haja vista uma procura dos jovens de certa forma muito precoce as instituições de ensino técnico-profissionalizantes.

Para Weller (2014), um olhar mais atento para as biografias dos jovens possibilitariam reconhecer essas demandas, trabalhando com mais ênfase a importância da escola com mais objetividade, evitando assim esse “êxodo” dos jovens a instituições técnicas enquanto estudam no ensino regular. Diante disso, a autora afirma que “cada instituição de ensino possa incluir ações que contribuam no sentido de ampliar as possibilidades, não só de construção, mas também de viabilização de projetos de vida” (WELLER, 2014, p. 139).

Abaixo o gráfico mostra os três itens mais importantes na visão dos alunos que frequentam as instituições técnico-profissionalizantes, como o Centro de Educação Profissional – Cep/SENAC e Escola Integrada SESI/SENAI do Juruá.

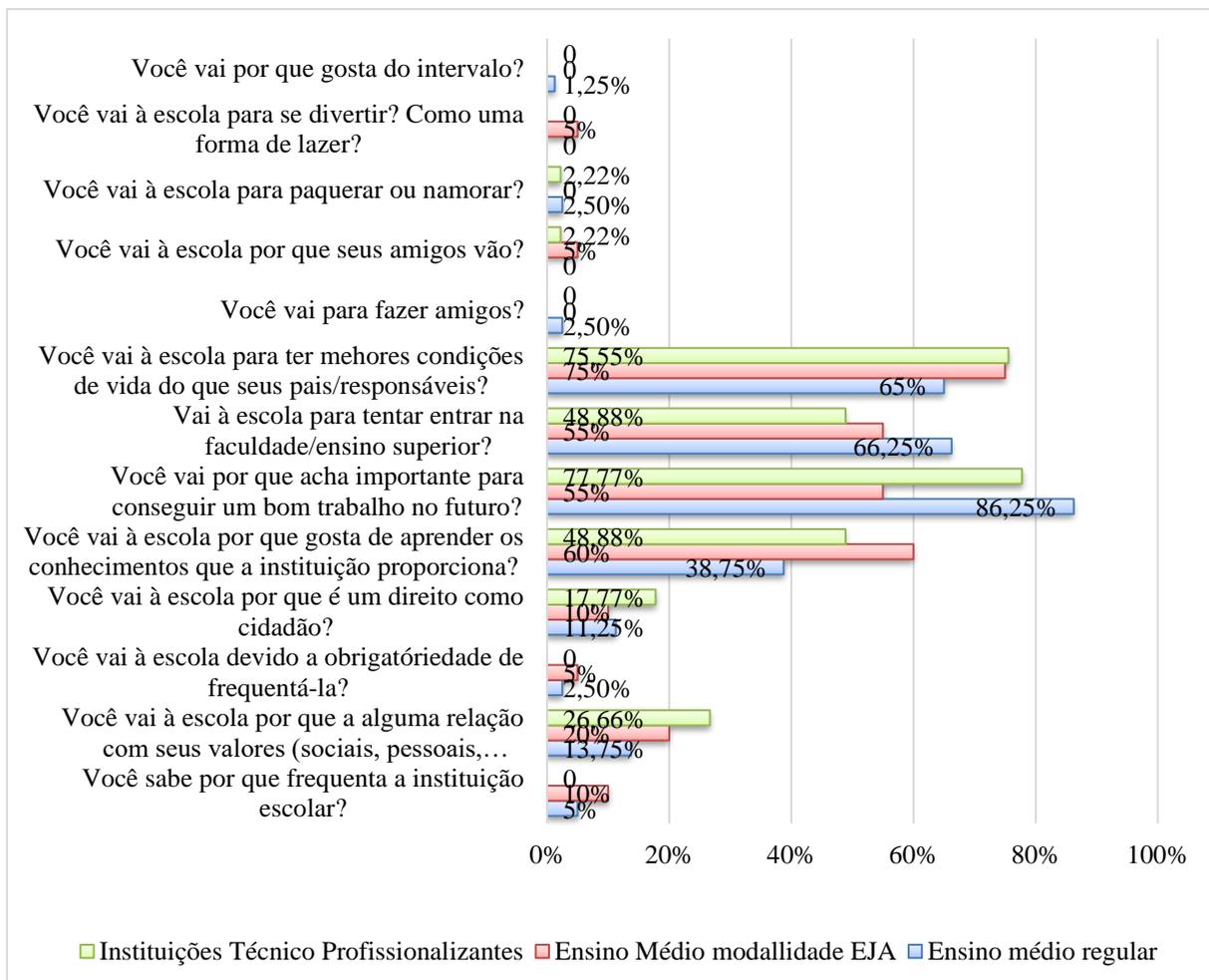
GRÁFICO 10: SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INSTITUIÇÕES TÉCNICO-PROFISSIONALIZANTES



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Em seguida apresenta-se o gráfico com as comparações de respostas dos jovens vinculados as diferentes instituições que fizeram parte da pesquisa.

GRÁFICO 11: COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS JOVENS SOBRE OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Nota-se que através das respostas dos jovens podemos inferir que os itens mais importantes apontados por eles culminam no trabalho, melhores condições de vida e inserção no nível superior, na pauta de prioridade. O que se pode perceber é que os jovens estão cientes da dificuldade de se conseguir um emprego, focando na sua preparação como prioridade e interesses, mas também enfatizam a importância de continuar a vida acadêmica almejando o ingresso no nível superior.

Segundo Guimarães (2005), com base na pesquisa intitulada “Perfil da juventude Brasileira” realizada de novembro a dezembro de 2003, entrevistando 3.501 jovens da faixa etária de 15 a 24 anos, nos mostra que essa pesquisa traz indicadores que a maior preocupação dos jovens está voltada para o emprego, tendo em vista a disjunção entre escola e trabalho que impera na atualidade. Para o autor, essa nova conjuntura do “trabalho” na contemporaneidade e seu real risco de desemprego está levando os jovens a se preocuparem e focarem sua

preparação na escola para se inserirem no mercado de trabalho. O autor ainda menciona que essa preocupação não está restrita apenas aos jovens que ainda não trabalham, também aqueles já tem um emprego estão preocupados esse inchaço e a alta rotatividade no mercado de trabalho.

Os dados dessa pesquisa também mostram que os jovens estão realmente preocupados com o emprego e a real possibilidade do desemprego. Mas também apontam para uma boa formação para que isso ocorra. Buscou-se também identificar as concepções dos jovens sobre a importância da escola para suas vidas. No quadro 04 apresenta os percentuais dos jovens estudantes do Ensino médio que responderam “sim” a cada um dos itens apresentados na questão 16 do questionário.

QUADRO 10: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO

Questões	Sim/%	Não/%	
16.1. Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola?	93,75%	6,25%	
16.2. Do seu ponto de vista a sociedade acha importante você frequentar a escola?	90%	10%	
16.3. Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida?	100%	0%	
16.4. Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida?	91,25%	8,75%	
16.5. Você acha que a escola oferece qualificação profissional?	70%	30%	
16.6. Você acha que é muito tempo (anos) que se passa indo na escola?	43,75%	56,25%	
16.7. Você acha que ir à escola é tempo perdido?	2,5%	97,5%	
16.8. Você acredita que a escola o (a) forma para ser um bom cidadão?	86,25%	13,75%	
16.9. Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo?	90%	10%	
16.10. Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade?	92,5%	7,5%	
16.11. Você concorda com a obrigatoriedade escolar?	83,75%	16,25%	
Total: 80 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Nos itens da tabela acima, obteve-se uma maior quantidade de “sim” nas questões: 16.1 *Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola*, 16.3 *Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida*, 16.4 *Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida*, 16.10 *Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade*. Essas respostas tiveram uma

maior ênfase por representarem 90% das respostas dos jovens entre 15 a 18 anos que estudam no Ensino Médio. O quadro seguinte nos mostra o percentual das respostas obtidas pelos jovens estudantes na modalidade EJA.

QUADRO 11: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NO ENSINO MÉDIO MODALIDADE EJA

Questões	Sim/%	Não/%	
1. Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola?	100%	0%	
2. Do seu ponto de vista a sociedade acha importante você frequentar a escola?	85%	15%	
3. Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida?	100%	0%	
4. Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida?	100%	0%	
5. Você acha que a escola oferece qualificação profissional?	75%	25%	
6. Você acha que é muito tempo (anos) que se passa indo na escola?	60%	40%	
7. Você acha que ir à escola é tempo perdido?	0%	100%	
8. Você acredita que a escola o (a) forma para ser um bom cidadão?	100%	0%	
9. Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo?	90%	10%	
10. Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade?	100%	0%	
11. Você concorda com a obrigatoriedade escolar?	85%	25%	
Total: 20 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Os itens com maior número de “sim” apontados pelos jovens de 18 a 24 anos que estudam na modalidade EJA foram: 16.1 *Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola*, 3 *Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida*, 16.4 *Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida*, 16.8 *Você acredita que a escola o (a) forma para ser um bom cidadão* e 16.10 *Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade?* (Apêndice B).

O quadro seguinte nos mostra as respostas com maior quantidade de “sim” destacadas pelos jovens de 15 a 24 anos que estudam no Centro de Educação Profissional e na Escola Integrada SESI SENAI.

QUADRO 12: MOTIVOS DE ESTAR E DE FREQUENTAR A ESCOLA APONTADOS PELOS JOVENS QUE ESTUDAM NAS INTUIÇÕES TÉCNICO PROFISSIONALIZANTES

Questões	Sim/%	Não/%	
1. Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola?	82,22%	17,77%	
2. Do seu ponto de vista a sociedade acha importante você frequentar a escola?	84,44%	15,55%	
3. Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida?	100%	0%	
4. Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida?	91,11%	8,88%	
5. Você acha que a escola oferece qualificação profissional?	66,66%	33,33%	
6. Você acha que é muito tempo (anos) que se passa indo na escola?	40%	60%	
7. Você acha que ir à escola é tempo perdido?	0%	100%	
8. Você acredita que a escola o (a) forma para ser um bom cidadão?	97,77%	2,22%	
9. Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo?	97,77%	2,22%	
10. Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade?	100%	0%	
11. Você concorda com a obrigatoriedade escolar?	88,88%	11,11%	
Total: 45 jovens responderam as questões			

Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Os 45 jovens que estudam nas duas instituições de cunho técnico-profissionalizantes, de idade entre 15 a 24 anos, assinalaram com o maior número de “sim” as questões: 16.3 *Você acha que a escola possibilita alcançar melhores posições na vida*, 16.4 *Você acha que a escola prepara/ajuda-o (a) a realizar seu projeto de vida*, 16.8 *Você acredita que a escola o (a) forma para ser um bom cidadão*, 16.9 *Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo* e 16.10 *Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade* (Apêndice B).

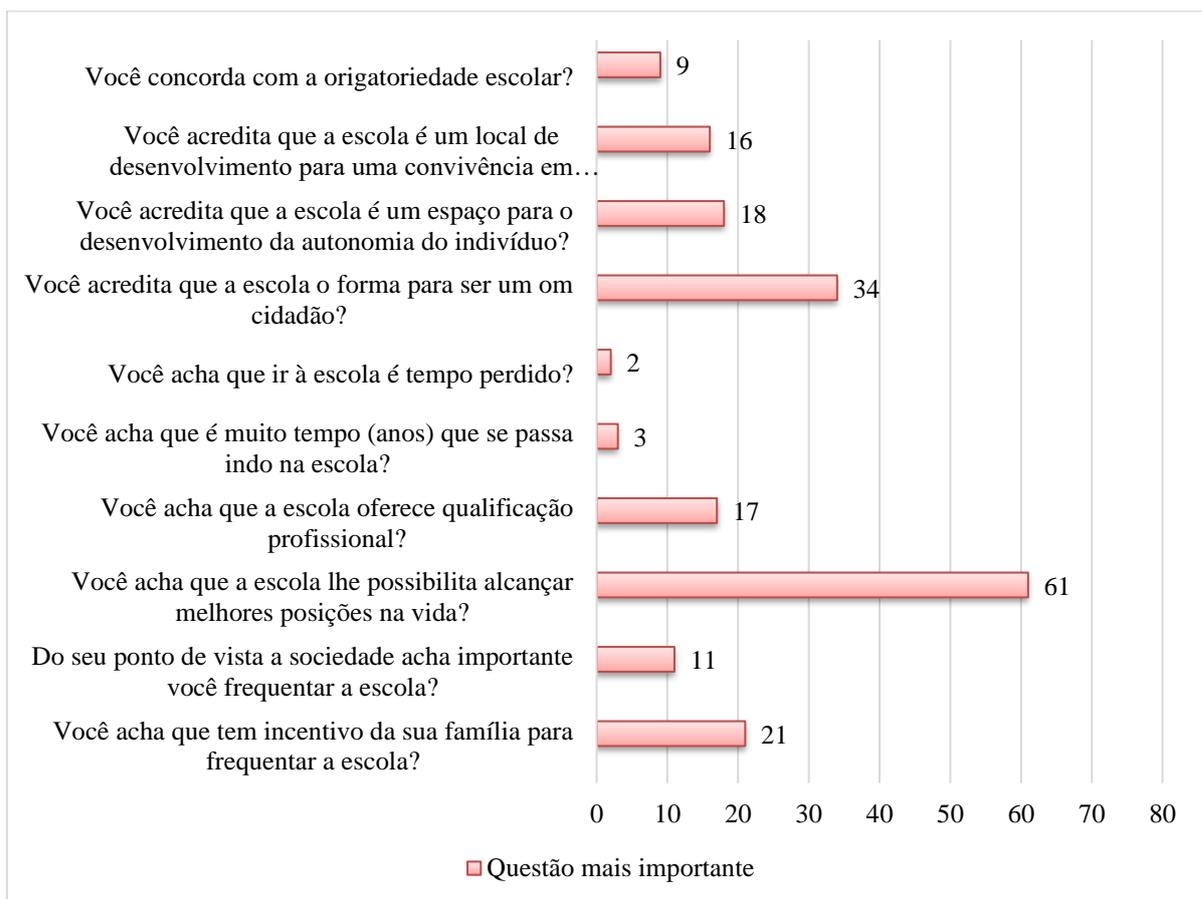
O gráfico seguinte sintetiza os dados relativos à questão 16, sobre as percepções dos jovens acerca da função da escola. Das onze alternativas apresentadas nesta questão, cada jovem tinha que apontar três alternativas consideradas como mais importantes.

Das respostas dos 80 jovens estudantes do ensino médio regular, destaca-se que para esses jovens a função da escola está diretamente relacionada à possibilidade de alcançar outros patamares, tanto profissional como social. Tal fato pode ser comprovado pelo grau de importância que deram à alternativa: 16.3 *“Você acha que a escola lhe possibilita alcançar melhores posições na vida”* com 61 (76,25%) dos jovens apontando-o como item mais importante. Em termos de ocorrência, em segundo lugar, destaca-se a crença de que a escola

forma para ser um bom cidadão, ou seja, os jovens acreditam que uma das funções da escola é formar cidadãos para um bom convívio em sociedade, com 34 deles apontando esse item como segundo mais importante, e o terceiro foi 12.1 “*Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola*” e *A escola forma você como cidadão*. Para os jovens do Ensino Médio os pais são grandes incentivadores para irem à escola.

Esses jovens também ressaltam a importância da escola lhes proporcionar melhores possibilidades na vida e também de prepará-los como cidadão. Percebe-se que eles não veem a escola como um caminho para um fim determinado; mostram que ela proporciona algo mais amplo, como a formação do indivíduo. De acordo com Masschelein e Simons (2017) a escola é o espaço onde os jovens são providos de conhecimentos que devem aprender para encontrar seu lugar na sociedade.

GRÁFICO 12: CONCEPÇÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA

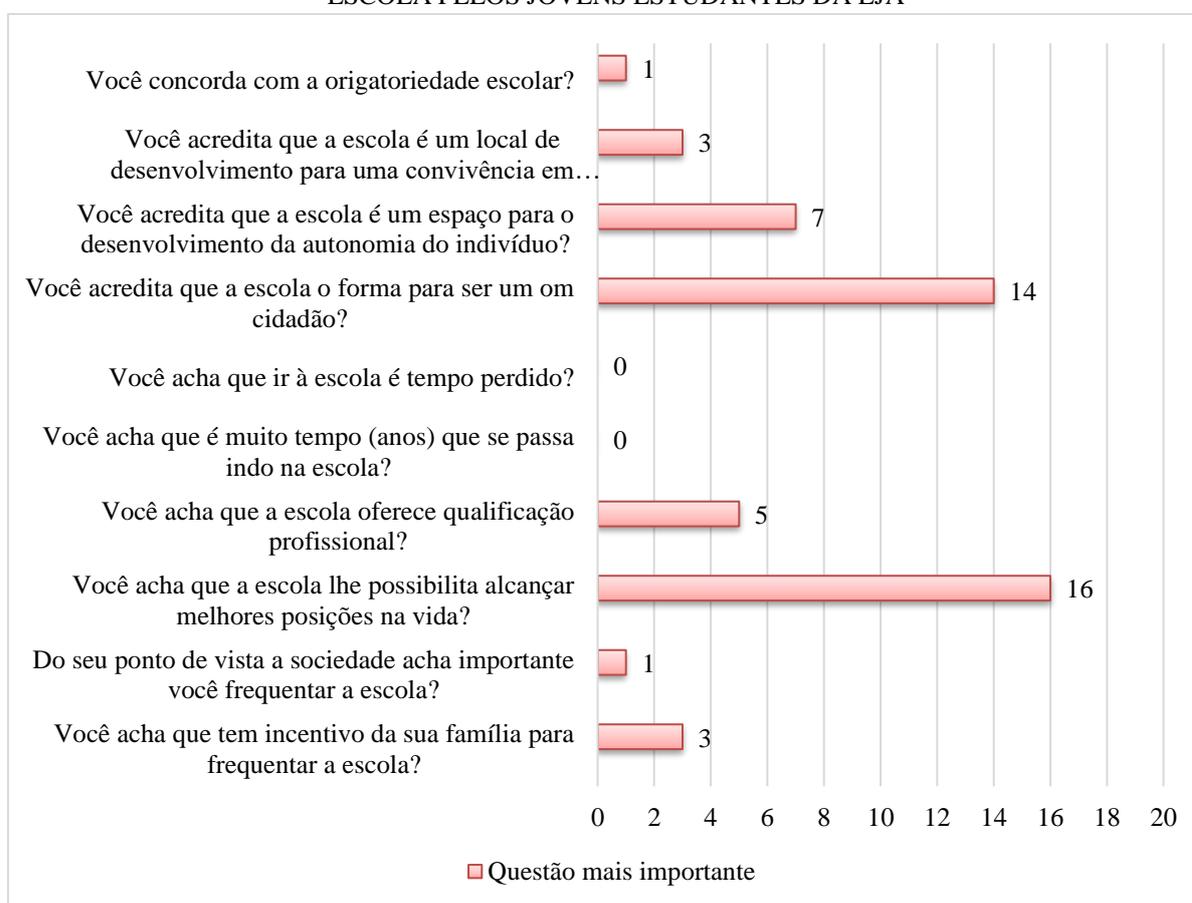


Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Para os jovens que estudam no Ensino de Jovens e Adultos, os itens mais importante foram: 16.3 “*Você acredita que a escola lhe possibilita alcançar melhores posições na vida*” com 80%. Em termos de ocorrência, segue a alternativa: 16.8 “*Você acredita que a escola o forma para ser um bom cidadão*” e a alternativa 18.9 “*Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo*”.

No gráfico seguinte, estão os itens mais importantes apontados pelos jovens que estudam na EJA referentes à questão 16 (Apêndice B).

GRÁFICO 13: CONCEPÇÕES DOS JOVENS APONTADOS COMO MAIS IMPORTANTES SOBRE A ESCOLA PELOS JOVENS ESTUDANTES DA EJA



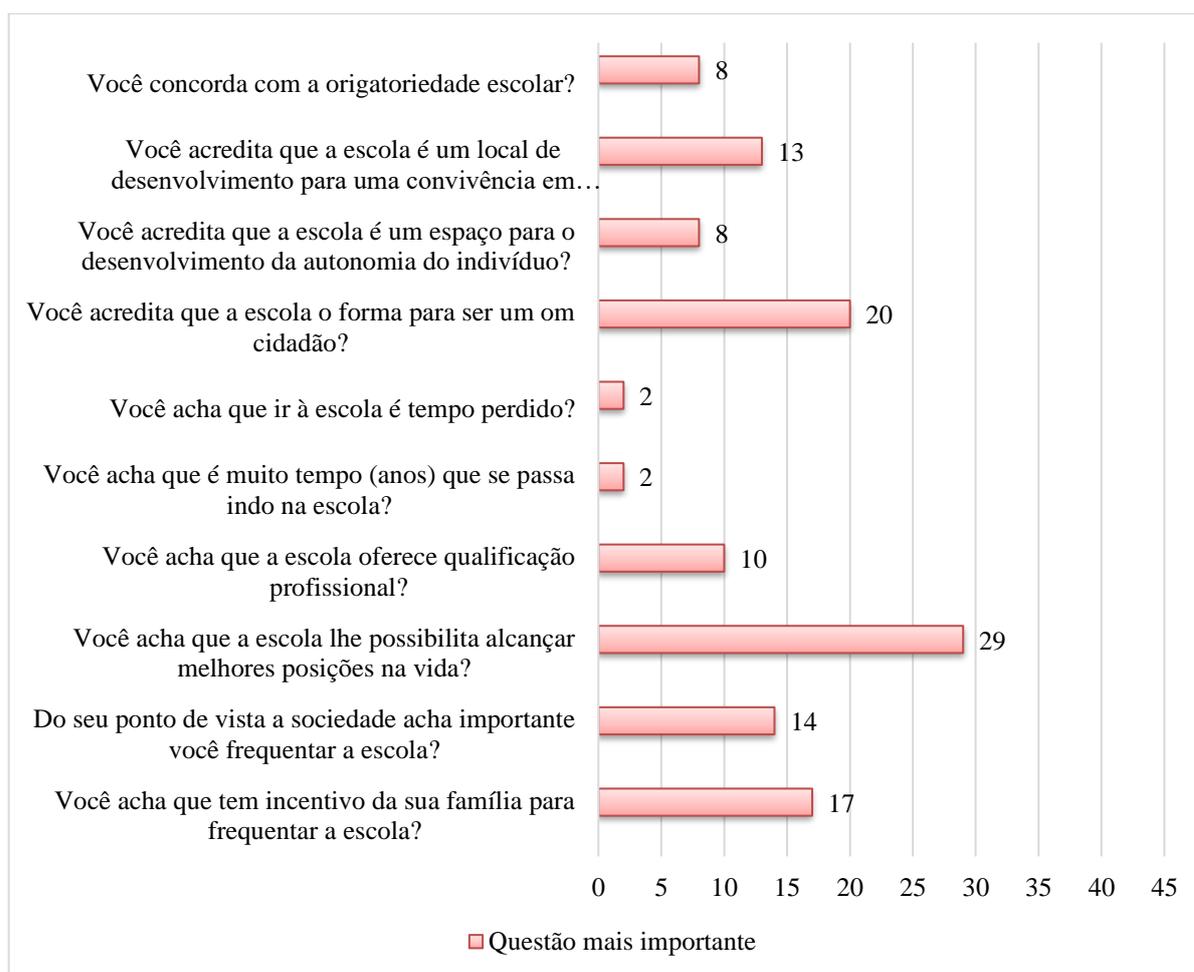
Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

As alternativas dadas como mais importantes para esses jovens são: 16.3 “*Você acha que a escola lhe possibilita alcançar melhores posições na vida*” com 64,44%; em segundo lugar, o item 16.8 “*Você acredita que a escola o forma para ser um bom cidadão*”; e o terceiro foi o item 16.1 “*Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola*”. Os jovens que passaram pela instituição escolar enfatizam sua importância quanto à formação do indivíduo e alcançar novos patamares. Importante ressaltar é a participação da família no processo de formação dos jovens e possíveis projetos de vida. Segundo Weller

(2014) é fundamental a participação da escola como socialização secundária, ajudar a família auxiliar os jovens nos seus projetos de vida.

O gráfico 14, abaixo, mostra as respostas relativas à visão dos alunos que frequentam as instituições técnico-profissionalizantes como o Centro de Educação Profissional-CEP/SENAC e Escola Integrada SESI/SENAI do Juruá.

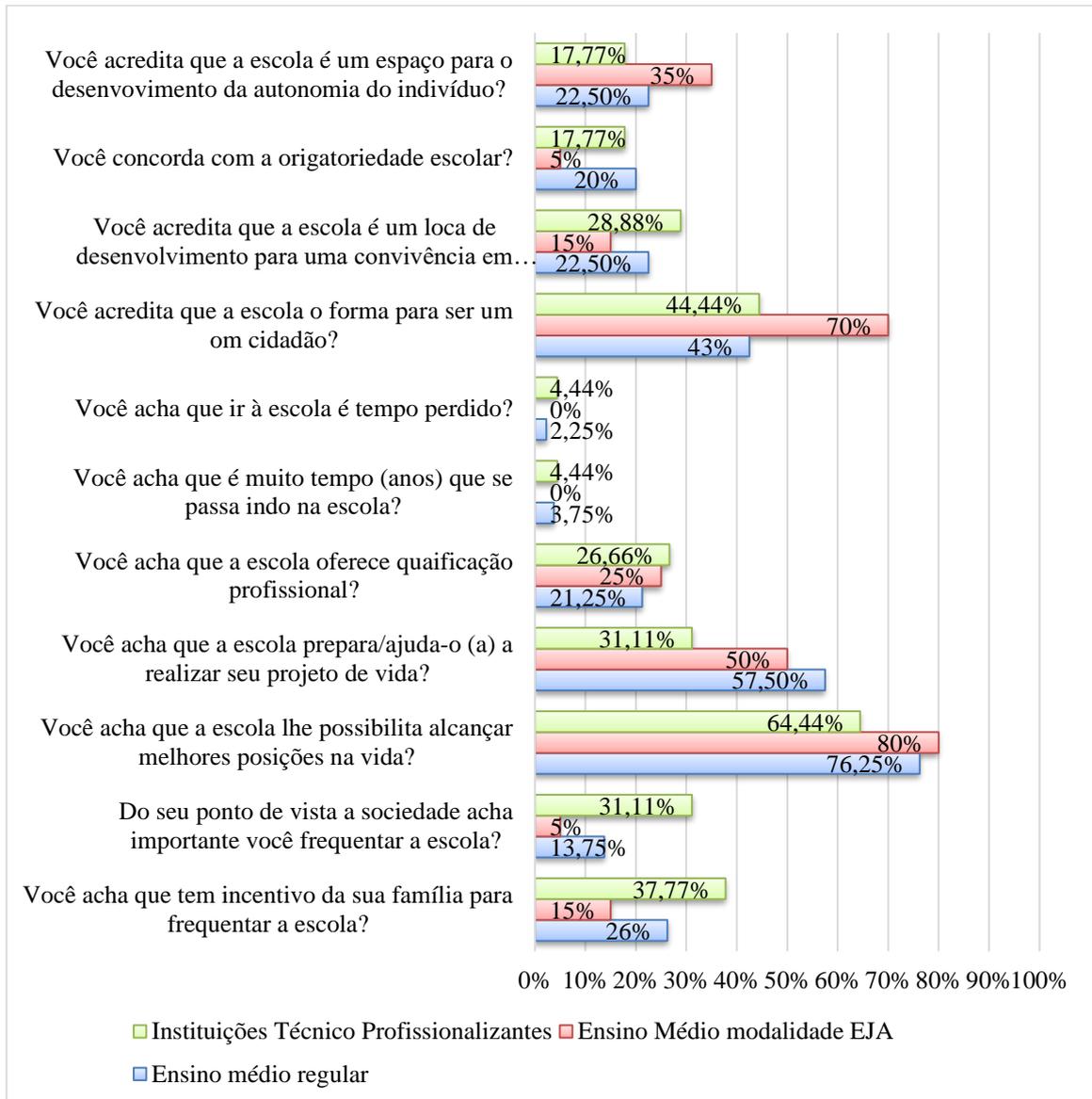
GRÁFICO 14: CONCEPÇÕES MAIS IMPORTANTES APONTADOS PELOS JOVENS ESTUDANTES DAS INSTITUIÇÕES TÉCNICO PROFISSIONALIZANTES SOBRE A ESCOLA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

O gráfico seguinte apresenta de forma articulada os dados sobre a questão 16, em comparação com as respostas dos jovens de diferentes instituições e modalidades de ensino, a partir da proporção de jovens por instituição e suas respectivas respostas.

GRÁFICO 15: COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS JOVENS RELACIONADAS AO MOTIVO DE ESTAR E PERMANECER NA ESCOLA



Fonte: Dados empíricos obtidos a partir da aplicação do questionário, 2018

Ao analisar os dados desse subitem, percebem-se diversos elementos presentes nas indicações feitas pelos jovens que são base dessa pesquisa. Os jovens pesquisados têm ciência do contexto em que estão inseridos e atribuem às possibilidades de mudanças a ida para a escola, enfatizando, assim, a importância dessa instituição para a juventude. Indicam também uma variedade de anseios e perspectivas a partir de contextos diferentes que vivem esses jovens, enfatizando a heterogeneidade da juventude. Para Dayrell (2003), essas diversas variáveis que fazem as juventudes devem ser consideradas e vistas como parte importante no processo de formação dos jovens, não se reduzindo a uma passagem da vida adulta e ocultando elementos de sua diversidade. Importante aqui salientar que o intuito não é tipificar

os jovens a partir das instituições ou grau de escolaridade que tenham, mas sim enfatizar a pluralidade dos jovens e os sentidos que apontam com relação à instituição escolar.

O próximo capítulo examina as diversas manifestações dos jovens participantes da pesquisa sobre os sentidos que atribuem à escola. Esse capítulo é composto pela análise das entrevistas recolhidas junto aos jovens que participaram da amostra dessa pesquisa.

05 – SENTIDOS QUE OS JOVENS ATRIBUEM À SUA EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO

Neste capítulo será apresentada a relação entre juventude e escolarização a partir dos sentidos que os jovens atribuem à instituição escolar. Considerando como aspectos relevantes a visão desses jovens a respeito da própria definição de juventude, da importância do conhecimento escolar e indicar possíveis respostas para os problemas levantados pelo tema abordado nessa pesquisa. A partir dos dados recolhidos por meio da entrevista semiestruturada, essa parte do texto será subsidiada pela análise das entrevistas realizadas com os jovens.

A importante representatividade dos dados obtidos por meio do questionário e analisados por meio de uma abordagem quantitativa, juntamente com os dados obtidos na entrevista, possibilitaram a recolha de indicadores relevantes sobre o que pensam os jovens sobre a instituição escolar, a importância e finalidade dos conhecimentos que ela socializa e especialmente como os jovens explicam que vivenciam os processos de escolarização. Diante disso, é necessário considerar suas críticas fundamentadas e interpretá-las como uma forma de construir elementos que possam fomentar as melhorias das escolas.

5.1 PERCEPÇÕES DOS JOVENS SOBRE O QUE É SER JOVEM

Ao realizar as entrevistas com os jovens ficou muito clara a heterogeneidade dessa categoria, expressa na autopercepção destes em relação à vivência da própria juventude. Notou-se que eles trazem visões diferentes sobre esse momento de suas vidas, reforçando a concepção dos autores como Bourdieu (1983), Pais (1990), Dayrell (2003), Sposito (2005), ao ressaltarem que não existe apenas uma juventude, mas sim juventudes, influenciadas por diversos fatores como contexto socioeconômico, raça/cor, gênero, etc. Segundo Dayrell (2003) para conseguir compreender esses jovens na perspectiva de suas diversidades, implica em livrar-se primeiramente de uma visão homogeneizadora, que vê a juventude presa a critérios rígidos ao tentar conceituá-la. Ao fazer isso, pode-se enxergar a juventude “como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos nos conjuntos das experiências vividas pelos indivíduos em seu contexto social” (DAYRELL, 2003, p. 24).

Ao indagar os entrevistados se eles consideravam-se jovens, disseram que sim, porém apresentaram visões diferentes. Uma delas é a autopercepção vinculada à idade, ou seja,

atrelada ao fator biológico. Alguns dos entrevistados se consideram jovens porque para eles estão em uma idade “própria” da juventude. Essa autopercepção contrasta com a concepção de ideia de juventude apresentada por Bourdieu (1983). Para o autor, a juventude não se resume ao fator biológico, ela é mais ampla, influenciada por diversos fatores que demonstram que existem juventudes e não juventude. Os entrevistados que responderam ser jovens por estarem em uma idade “propícia” correm o risco de negarem a própria juventude e supervalorizar a etapa adulta da vida, ou seja, eles podem cair em uma visão homogênea da própria juventude, vendo-a como fase transitória da vida. Como ilustra a fala de uma jovem:

Eu percebo que eu sou uma jovem, mas com uma mentalidade adulta, pelo fato de não ir pela opinião dos outros tão facilmente ou pelo que a sociedade impõe, porque penso que fui muito instruída e educada pela minha família e sei o que é o certo errado (JOVEM A1, SESI SENAI, 18 anos).

Pode-se perceber que a jovem ao falar “sou uma jovem, mas com mentalidade de adulta” mostra um posicionamento adversativo com relação ao posicionamento crítico que as juventudes podem ter. Ao continuar com a leitura de sua fala, percebe-se que ela atribui seu posicionamento crítico ao fato de ter essa mentalidade de adulta. De certa forma, ela acaba negando o posicionamento crítico dos jovens e enaltecendo e validando o posicionamento dos adultos. Diante disso, percebe-se que a própria jovem não está isenta de se tornar manipulada pela visão homogeneizante que a sociedade atribui a essa categoria. Segundo Bordieu (1983), quando o fator biológico se sobressai em detrimento de fatores sociais para definir a juventude, se configura em uma manipulação, pois ele oculta outras variáveis que influenciam e constroem as diversas juventudes.

Outros entrevistados se consideram jovens porque suas responsabilidades são diferentes daquelas dos adultos. Eles reconhecem que essa etapa é peculiar da vida com responsabilidades próprias. Não enxergam essa etapa como fase da vida que se finda na chegada adulta. Eles veem a juventude como construção de si, ao passo que enfatizam a importância, contribuição e a experimentação do viver o hoje, como pode ser visto na fala dos jovens abaixo:

Sou jovem porque o que eu faço não me considera um adulto, referente às responsabilidades elas são bem menores do que as dos adultos. Praticamente chego em casa, já tem a comidinha feita a roupa lavada tudo arrumadinho. Também não me considero uma criança, então fico nessa parte intermediária que seria ser jovem. Eu sou jovem porque gosto de coisas que um jovem gosta, como sair para conversar com amigos, jogar, ver coisas na internet, rede sociais, coisas que me interessam. O jovem tem um certa liberdade, não tem tanta liberdade como a maioria dos jovens gostaria de ter, mas essa liberdade nos possibilita traçar o rumo que queremos seguir. (JOVEM M13, ENSINO MÉDIO, 17 ANOS).

Eu acho que eu me considero jovem, porque tenho muito a aprender e quero conhecer coisas novas e minha experiência não é de adulta (JOVEM G8, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Ser jovem é não ter tanta responsabilidade quanto os adultos, é poder sair para namorar sem ter tanto compromisso, sair para festa. É isso, curtir um pouco a vida, porque quando se é adulto você não pode mais fazer isso, devido as responsabilidades que já são maiores do que as dos jovens (JOVEM M7, EJA, 20 anos).

Esses jovens reforçam a concepção trabalhada pelos autores Dayrell (2003), Sposito (2005) e Pais (1990), pois percebe-se em suas falas que não veem a juventude como uma “fase transitória” da vida, mas sim parte de um processo regido por sua peculiaridade e relação com o outro e com o mundo, enfatizando-os como sujeito social. É um momento “no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes em algum modo ao longo da vida” (DAYRELL, 2003, p. 24). Para os jovens entrevistados, viver a juventude é um momento de descobertas e construção de si. Eles mostram que constroem suas concepções de mundo a partir de suas próprias vivências.

Alguns dos entrevistados veem a juventude como etapa de experimentação que lhes ajuda a construir conceitos, confrontar “verdades”, conhecer as coisas novas da vida e a prepará-los para assumir responsabilidades de adultos. Diante disso, pode-se interpretar que esses jovens têm ciência que ainda lhes faltam alguns valores e experiências, que serão absolvidos e acumulados com essa experimentação do presente, que tendem a prepará-los a se tornarem cidadãos cada vez mais críticos. De acordo com a visão dos jovens, Groppo (2004, p. 16) acredita que a experimentação é uma condição onde os indivíduos “vivenciam uma relação experimental com valores e estruturas sociais”, levando-os a se tornarem protagonistas em determinadas situações, que possibilitaram a construção de conceitos e novas formas de verem o mundo e a si mesmos. Ao vincularem a juventude como experimentação, dois jovens relatam o seguinte:

É uma parte da vida que os jovens desfrutam e aprendem as coisas que são propostas. Essa etapa serve para amadurecimento da juventude, existem algumas limitações, mas vejo que ela é útil para nós não cometermos coisas erradas quando formos adultos. (JOVEM K6, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Acho que é uma etapa onde experimentamos muitas coisas, mas sem muita responsabilidade de adulto como ser o dono da casa, sem responsabilidades financeiras para manter o lar. Para mim isso é ser jovem, viver sem as responsabilidades de adulto (JOVEM A2, SENAC, 20 anos).

Ser jovem é viver esse momento de conhecer o mundo e tudo ao seu redor, não como uma criança, mas conhecer e adquirir experiências para a vida adulta. É pensar

sobre seu futuro e qual carreira vai seguir entre outras coisas (JOVEM C11, ENSINO MÉDIO, 17 ANOS).

Segundo Groppo (2004, p. 17) essa forma de experimentação apresentada pelos jovens podem ser sabotadas e tolhidas pelas “agências oficiais, saberes disciplinares, igrejas...” quando estas se dispõem a institucionalizar a juventude aos moldes homogeneizadores, tendem a tornar essa experimentação em uma vivência do imediato e da espontaneidade, fazendo com que os jovens tenham experimentações “que valorizem ideologias que enfatizam ‘a vivência’, a espontaneidade e a ação imediata” (GROPPO, 2004, p. 17). Algo muito próximo foi identificado por um dos entrevistados:

Ser jovem é uma etapa de experimentação antes da vida adulta, mas eu vejo que hoje é difícil viver isso, porque a instituição escolar não dá espaço para a criatividade e imaginação do aluno. Raras as vezes que a escola possibilita espaço para o jovem mostrar sua opinião sobre as coisas e talvez isso leve ele a se acomodar. Vejo que muitas vezes a sua individualidade é padronizada pela escola. Um argumento também interessante sobre a escola é que ela tira a individualidade dos jovens como a criatividade e outros tipos de inteligência. É como se eles não fossem valorizados pela instituição. Pode-se reparar que no ensino de nível fundamental os adolescentes têm mais sonhos grandes, ele almeja o seu futuro. Se você perguntar a um aluno que estuda no ensino fundamental o que ele quer ser quando ficar mais velho vão responder que querem ser médicos, presidentes. Com o passar dos anos dentro da instituição os alunos vão começando a ter uma visão mais materialista e menos espiritual. Eles se preocupam mais em ter do que em ser, mas no dinheiro e é por isso que eles não se sentem bem na escola porque não são eles mesmos (JOVEM A5, ENSINO MÉDIO, 17 ANOS).

Percebe-se que os jovens entrevistados demonstram que a experimentação mencionada por eles está voltada para a construção de conceitos, ampliação de conhecimentos que tendem não apenas prepará-los para a vida adulta, mas também para construção de si. Mostram consciência que fazem parte de uma etapa peculiar da vida. Não veem a juventude como “fase transitória”, pelo contrário, são cientes que essa etapa é crucial para formação do indivíduo, pois eles acreditam que essa etapa é formada por momento de escolhas e de muitas dúvidas, de construir e desconstruir “verdades”. Sabem que suas responsabilidades se diferem daquelas dos adultos, e ao ter ciência disso procuram viver a juventude, e ao fazer, constroem-se como sujeitos de sua própria história. Diante disso, concorda-se com a perspectiva de Pais (1990, p. 149) quando ele enfatiza a importância de uma “desconstrução/desmistificação de alguns aspectos da construção ideológica acerca da juventude que nos é dada como uma entidade homogênea”. Para o autor, a juventude é uma categoria socialmente construída através de variáveis que não devem ser ignoradas como circunstâncias sociais, econômicas e políticas.

De acordo com Dayrell (2003, p. 156) “nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens.” Segundo o autor somos levados a vê-los de forma negativa quando enxergamo-los como seres inacabados por não serem adultos. Outra imagem equivocada é ver a juventude como estilo de vida, ou seja, reduzir essa categoria social, apenas em um signo, que se resumem em roupas adornos, lugares, etc...A partir das falas dos jovens que participaram desta pesquisa, percebe-se o quanto a categoria da juventude é complexa e particular. Percebe-se na fala dos jovens, que se utiliza de argumentos concisos, quanto a concepção da juventude, porém com profundidade e coerência muito grande. Esses jovens apontam com muita contundência as particularidades de ser jovens, ao mesmo tempo que mostra a necessidade dos adultos e instituições sociais terem uma visão mais profunda sobre e, não vistos de forma homogênea, como alerta Dayrell em seus mais diversos textos sobre a diversidade das juventudes.

5.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA E AO QUE ELA ENSINA

Nesse tópico será analisadas as entrevistas que se encontram nos eixos: os sentidos da escola; sobre os conteúdos ensinados na escola; os motivos que levam os jovens à escola. Dessa forma, acredita-se na possibilidade de identificar quais os sentidos que os jovens participantes atribuem à escola, a importância dada por eles com relação aos conteúdos escolares ensinados e, por último, identificar os motivos que os levam a ir e permanecer nessa instituição escolar.

Ao indagar aos entrevistados sobre a importância da escola para a vida dos jovens, responderam de forma unânime que essa instituição é de fundamental importância. Atribuem essa importância ao fato de a escola possibilitá-los a oportunidade de um crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Percebe-se que esses jovens, ao olhar para seu futuro, não conseguem idealizar um contexto promissor sem sua passagem pela escola, seja ela motivada pelo querer aprender novos saberes, por obrigação, necessidade ou qualquer que seja o argumento, o fato é que os entrevistados ao traçarem o percurso de suas vidas colocam a escola como elemento central do discurso quando mencionam um futuro que almejam. A importância que esses jovens atribuem à escola se contrapõe à ideia apresentada por Dayrell (2007), pois segundo o autor a escola se mostra distante de interesses dos jovens, reduzindo-se a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco contribuem para a sua formação, gerando um sentimento de aversão por parte dos jovens a rotina escolar e a vendo apenas

como uma “obrigação” necessária para adquirir o diploma. A seguir falas que mostram a importância atribuída à escola:

A escola em todos os sentidos é muito importante para a vida do ser humano, da formação dele tanto pessoal quanto profissional. A escola é um dos pilares que sustenta o indivíduo no decorrer de sua vida. Vejo a escola como um campo que você semeia, ou seja, estuda e depois vem a colheita (JOVEM M3, ENSINO MÉDIO, 17anos).

A escola é importante para obter os conhecimentos que precisamos. Tem matérias que eu não gosto, mas eu sei que tenho que estudar porque elas vão facilitar minha vida em algum momento de minha trajetória pessoal. Como por exemplo, não gosto de estudar história, mas tenho consciência da importância de ter conhecimentos da história para conhecer a nossa sociedade. Também acho importante a escola porque ela estimula o convívio com outras pessoas diferentes como o pobre, o rico, negro, amarelo, e isso é muito bom (JOVEM V16, ENSINO MÉDIO, 16 anos)

Notou-se também que os entrevistados identificam certa dificuldade da escola em cumprir com o papel que eles esperam dela. Associam essa dificuldade ao fato da instituição não acompanhar as mudanças da modernidade, e à figura do professor, que não consegue ensinar os conhecimentos para os alunos. Sobre essa perspectiva trazida pelos jovens, Camacho (2004, p. 330) aponta que com as mudanças da sociedade e os múltiplos jovens que frequentam a escola pública na contemporaneidade, a instituição escolar passa por um processo de inadequação com relação ao tratamento dos alunos. Segundo a autora, isso deve estar associado ao fato de a escola ter um grande problema em reconhecer os alunos para além dos seus muros, ou seja, reconhecê-los como jovens. Segundo os entrevistados:

A escola é o local onde pessoas se unem para poder ensinar outras pessoas conhecimentos que elas já têm. É onde os jovens buscam o conhecimento. Porém a escola muitas das vezes ela é falha com relação a essa função. Falo isso porque às vezes nos deparamos com professores que não estão capacitados de forma suficiente para executar isso que falei sobre a escola. Penso que no período de faculdade eles falharam em algum aspecto e agora falham em ensinar ao aluno (JOVEM T13, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Eu penso que a escola é importante, mas tem dificuldade de acompanhar as mudanças, ela nem sempre muda. Percebemos que a sociedade vai mudando e a escola não muda, ela não é flexível, principalmente com relação aos conteúdos ensinados (JOVEM A7, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Percebe-se que, apesar desses jovens identificarem algumas das dificuldades que a escola tem em cumprir com seu papel social, eles não desmerecem a importância dela para as suas vidas. Pelo contrário, por atribuir tal importância, leva-os a enxergar problemas que precisam ser solucionados.

Pode-se identificar na fala dos jovens que a instituição escolar está atrelada ao futuro deles, não somente a um futuro que se finda na obtenção de um trabalho ou uma formação

profissional. Percebe-se que é algo mais amplo, como “crescer na vida”, “formar valores”, “outros aspectos da vida”. Denota-se, através de suas falas, que atribuem à escola uma grande importância a partir de anseios e expectativas geradas pela própria instituição. Em relação a isso, Young (2007) acredita que a escola pode capacitar os jovens a adquirir conhecimentos importantes e distintos daqueles adquiridos no meio onde estão inseridos. Porém o autor não descarta a importância dos conhecimentos adquiridos em casa e no meio onde os jovens se encontram, pois eles têm um grande valor para a construção de situações contraditórias que evidenciam a realidade, derrubando conceitos de meritocracia dentro da sociedade. Esses conhecimentos construídos a partir da contradição faz surgir o que o autor chama de *conhecimento poderoso*, este desenvolve e fornece generalizações não unicamente relacionadas às ciências, mas sim uma visão mais ampla. Esse conhecimento possibilita aos jovens ampliar sua visão de mundo, tornando-lhes pessoas mais críticas.

Os jovens pesquisados reconhecem que a escola pode lhe transmitir esse *conhecimento poderoso* mencionado pelo autor, daí a grande importância que eles atribuem à escola, pois estão em busca desses conhecimentos que essa instituição se propõe a oferecer.

Pode-se ver na figura 03, logo abaixo, uma análise lexical de todas as entrevistas do eixo “os sentidos da escola”. A referida análise traz ocorrências de palavras encontradas no corpus textual, apresentando de forma quantitativa os elementos lexicais relacionados aos pensamentos sobre a escola e qual a importância dessa instituição para a vida deles.

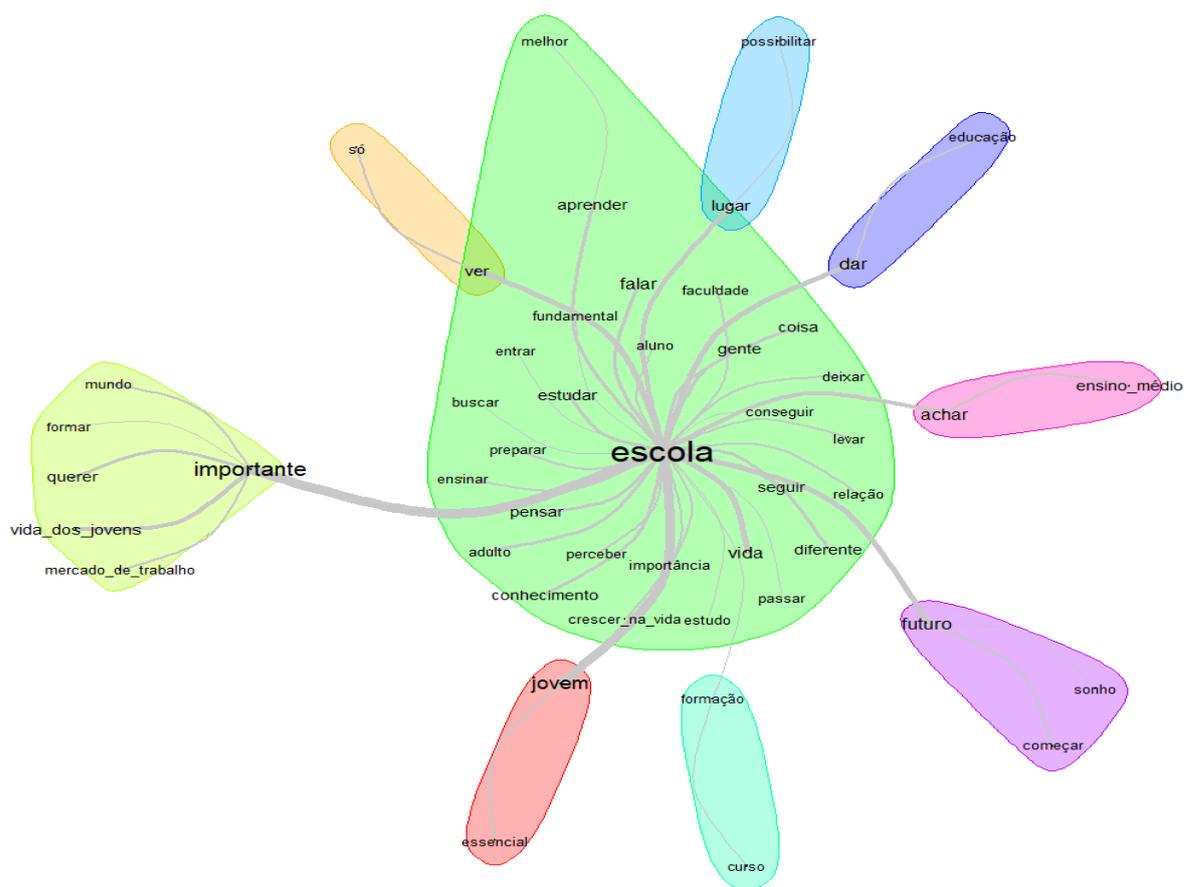


Figura 03: Análise de similitude do corpus os sentidos da Escola, IRAMUTEQ 0.7 ALPHA 2, 2018

A partir dos resultados gerados pelo IRAMUTEQ em uma análise de similitude apresentados acima, identifica-se que a palavra “escola” está em destaque e centralizada na figura. Ao seu entorno aparecem outras palavras dentro do campo verde que se ligam a palavra escola, como conhecimento, fundamental, preparar, aprender, melhor, vida, perceber, crescer na vida, buscar, adulto, faculdade, importância... Ligadas à palavra “escola”, percebe-se também a existência de palavras apresentadas em sub-ramificações como: Jovem, essencial; formação, curso; futuro, começar, sonhar; achar, Ensino Médio; dar, educação; lugar, possibilitar; ver, só; importante, mundo, formar, querer, vida dos jovens, mercado de trabalho. Diante dessas palavras geradas pelo software, a partir dos dados relatados pelos jovens entrevistados na pesquisa, ressalta-se da leitura e interpretação que a figura nos possibilita compreender que de modo geral os jovens reconhecem e reafirmam a importância da escola. Ainda seguindo a lógica das palavras apresentadas na análise de similitude, elas reforçam o que já foi apresentado anteriormente. Esses jovens veem a instituição escolar não apenas como um caminho preparatório para o mercado de trabalho, nem seu acesso ao nível

superior; a escola é vista por eles como uma instituição que tem em sua principal função prepará-los para o mundo e não para um fim preestabelecido. Perspectiva essa que Masschelein e Simons (2017) acreditam ser o objetivo da escola, pois os autores apontam que a aprendizagem escolar é uma aprendizagem “destituída” de uma finalidade predeterminada, ou seja, “é um evento ilimitado que só pode ocorrer se não houver propósito de fim para ele e nenhuma funcionalidade externa estabelecida. É o conhecimento pelo bem do conhecimento, e habilidades pelo bem das habilidades, sem um [...] destino definido” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2017, p. 91-92).

Ainda com relação à escola, Charlot (2013, p.161) aponta que “talvez uma das coisas mais importantes a se ensinar aos alunos seja o que significa ir à escola, a especificidade da escola, o que se faz na escola”. O autor argumenta que inegável admitirmos que não exista aprendizagem fora da escola, pois a aprendizagem é heterogênea e aprender na escola é uma das inúmeras formas de aprender os saberes. Todavia, a escola é a única instituição que tem como principal objetivo transmitir de forma sistemática os conhecimentos construídos pela humanidade. Charlot (2013) salienta que, o reconhecimento pela escola dessas inúmeras formas de aprender é fundamental para combater a ideia que existe carência no aluno das classes populares com relação a aprendizagem. Levando muitas vezes uma imposição, ou uma forma de aprender arbitrária, negando outras formas de relacionar com o mundo pelos jovens que não seja na escola. Percebe-se que os jovens entrevistados reconhecem o significado da escola e atribuem a ela uma enorme importância, porém a escola deve enfatizar sua importância para a juventude, tornando assim os percalços enfrentados pelos jovens sejam diminuídos, principalmente àqueles advindos pelo imediatismo financeiro.

Ao serem questionados sobre os conteúdos ensinados na escola e sua vinculação com a preparação para o trabalho, esses jovens, em sua maioria, disseram que os saberes ensinados pela instituição escolar não são claros com relação à sua função. Esses conteúdos são vistos por eles como insuficientes e fragmentados, e a forma como são transmitidos é acelerada, pragmática e descontextualizada. Para a maioria deles, os conteúdos não preparam para o trabalho, e mesmo aqueles que veem como preparação admite serem insuficientes. Para Charlot (2013, 74) a educação “na sua forma escolar, que se afasta do trabalho, desconheça o seu valor, ou, pelo menos não prepare conveniente para o trabalho”, mas esse trabalho mencionado é aquele que constrói o indivíduo no ato de sua ação. Para o autor, o conteúdo escolar não deve se distanciar do trabalho mencionado, muito menos daquele “trabalho” esvaziado de sentidos, fruto do estado regulador, pois trazidos aos jovens podem gerar contradições, construindo assim nexos entre os conteúdos ministrados e a configuração atual

do “trabalho” que predomina na contemporaneidade. Podemos notar essa falta de nexos entre conteúdo e o “trabalho” no relato dos jovens:

Eu acho que não prepara muito bem para o mercado de trabalho, porque ele é muito competitivo e o ensino é muito apressado na escola. Eles ensinam a você passar de ano na escola, nós mais decoramos do que aprendemos. (JOVEM A7, ENSINO MÉDIO, 17 ANOS).

Sim e não. Vejo que eles deveriam exigir mais, não somente aqui na escola, mas focar no dia a dia do aluno. Vejo que é muito conteúdo e pouca absorção por parte dos alunos. O professor chega e explica e passa atividade, vem outro explica e passa atividade, isso é muito pesado. Dessa forma penso que nós não absorvemos os conteúdos como deveria ser. E tudo isso que eu falei resulta na nota, muitos dizem que a nota é o reflexo do desempenho do aluno, mas muitos sabem que não, existem estratégias de burlar as provas como a cola, outros pagam os trabalhos para os alunos melhores fazerem. Então é isso, acho que ajuda sim em partes, mas vejo que o excesso de conteúdo atrapalha com relação a preparação para o mercado de trabalho. (JOVEM V15, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Diante da fala do jovem V15, estudante do ensino médio, percebe-se que ele gostaria que os conteúdos saíssem desse campo avaliativo com fim em uma nota, para uma relação maior com seu dia a dia, ou seja, com o mundo. Essa perspectiva está de acordo com os apontamentos de Charlot (2000), pois para o autor há uma necessidade de se trabalhar os saberes relacionados com o mundo, tornando-se mais necessário na sociedade contemporânea, pois “a definição do homem enquanto sujeito de saber se confronta à pluralidade das relações que ele mantém com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 60).

De acordo com Charlot (2013, p.165) “cada um de nós tem uma história que é, ao mesmo tempo, uma história social e uma história singular”. Para o autor, para entender melhor o que acontece em na sala de aula e com os jovens que estudam, é necessário que a instituição escolar, não negligencie essa história, pois cada sujeito tem uma forma singular de viver na sociedade. Portanto, para entender a subjetividade dos jovens a escola precisa valorizar a historicidade particular dos alunos/jovens que a frequentam, permitindo uma compreensão mútua entre escola e juventude, ou seja, de lado a escola conhece os anseios e expectativas que as juventudes atribuem a escola, do outro, os jovens constroem conceitos positivos sobre a escola e sua função social.

Nota-se também na fala dos entrevistados que não apenas apontam as deficiências com relação aos conteúdos, eles criam novas estratégias para aprendê-los, como demonstra a fala de um jovem:

Depende. Muitas da área que você quer a escola não conseguem contemplar, porque lá aprendemos coisas básicas, um exemplo é o Enem, se o aluno não pesquisar em

casa ele não vai se dá bem na prova. Eu gosto muito de pesquisar, às vezes vejo tantas coisas interessantes na internet que poderia ser passado em sala e não são...poxa! Seria tão legal se esses conteúdos fossem passados em sala, assim poderíamos ir mais preparados para as provas e não precisaríamos recorrer a cursinhos preparatórios na internet. (JOVEM M10, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Percebe-se que o jovem M10 vê os conteúdos escolares como conhecimentos básicos, que em determinado momento devem ser complementados. Segundo o jovem, é o caso da prova do ENEM. Ele admite que somente com os conteúdos aprendidos na escola não consegue realizar essa prova com êxito, recorrendo, assim, à internet para complementar sua bagagem de conhecimento. De acordo com Charlot (2000) existem diversas formas de aprender o saber no mundo, mostrando que a dimensão do aprender é muito maior que a do saber, pois “existem maneiras que não estão ligadas à apropriação de um saber” (CHARLOT, 2000, p. 59). Pode-se constatar que o jovem cria outras estratégias para a apropriação do saber, quando estes se apresentam “insuficientes”.

Diferentemente da concepção anterior sobre a relação dos conteúdos ensinados na escola com a preparação para o trabalho, os jovens entrevistados apontam que os conteúdos escolares lhe possibilitam ter umas visões mais amplas das coisas, como família, o contexto onde vivem ou sobre sua cidade. Para esses jovens, o conhecimento adquirido por meio da escola torna-os pessoas menos ingênuas, mais esclarecidas sobre si e os outros, mais capazes de resolver problemas a partir de possíveis soluções apresentadas por esses saberes. Para eles, os conteúdos escolares possibilitam aumentar suas visões sobre o mundo. De acordo com Masschelein e Simons (2017) a escola se configura em um tempo onde alguém se desenvolve como indivíduo e cidadão. Para os autores, a instituição escolar abre “as portas” do mundo para os jovens, ela é a “concessão de autoridade para o mundo, não só por falar sobre o mundo, mas também e sobretudo por dialogar (encontrar, comprometer-se) com ele (MASSCHELEIN e SIMONS, 2017, p. 98). Nota-se nas falas do jovens certa consciência com relação a essa função da escola, pois ao indagá-los sobre a possibilidade dos conteúdos escolares ampliarem sua visão das coisas e mundo, apresentaram as seguintes respostas:

Sim, possibilitam. Principalmente os conteúdos de história, geografia, Filosofia e Sociologia que são aquelas matérias que envolvem o cidadão. Nos fala sobre como a gente ver as coisas da forma certa. Levando a gente ter uma melhor compreensão do mundo e conseqüentemente às traz para o dia a dia (JOVEM G9, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Sim, possibilitam. A escola lhe possibilita ter outra visão de mundo, uma visão menos ingênuo, quando falo com meus pais, no caso eles tem pouca escolarização, eu vejo um pouco de inocência na fala deles sobre quando conversamos sobre algo.

Penso que minha visão sobre as coisas mudaram devido a escola. (JOVEM M7, EJA, 23 anos).

Posso dizer que sim possibilitam. Na escola os professores passam um conteúdo de Biologia relacionado a sustentabilidade, quando você chega em casa você vai ver, então olho na minha casa e penso que poderia mudar esse problema com base no conteúdo que vi na escola. Assim, digamos que você tem uma determinada aula e quando o jovem chega no meio onde vive ou até com os amigos você tenta aplicar aquilo que aprendeu (JOVEM M5, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Percebe-se que os jovens conseguem relacionar os conteúdos com o mundo, não apenas aprendendo sobre ele, mas experimentam um envolvimento no mundo pela história, geografia, filosofia e sociologia, apresentados pela jovem G9 estudante do ensino médio. Segundo os autores Masschelein e Simons (2017), esse movimento de apresentação das coisas do mundo (conteúdos) e aplicação delas no mundo, traz “o elemento democrático – e político – da educação [...] localizados nessa dupla experiência com o bem comum e do ‘eu posso’ (em oposição a “eu devo”)” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2017, p. 98). Os autores enfatizam que essa apresentação (conteúdos) e experimentação das coisas do mundo é um movimento necessário que torna os conhecimentos significativos para os jovens.

Quando indagado aos jovens qual a maior dificuldade com relação à aprendizagem desses conteúdos, dentre outras respostas, alguns apontaram para disciplinas que acham mais complexas, como a matemática e a física que exigem deles uma maior atenção. Outros alunos atribuíram sua dificuldade na aprendizagem dos conteúdos à sua falta de organização. Porém, a maioria dos entrevistados indicou o professor como eixo das dificuldades em aprender os conteúdos ensinados. Para eles, o professor apenas transmite os conteúdos, não estabelece um ponto de debate com os alunos e nem propõe aulas mais dinâmicas. De acordo com Charlot (2014) ensinar é mobilizar os alunos para que construam saberes a partir da transmissão de saberes sistematizados que gerações anteriores deixaram, porém para que isso aconteça o docente “não seja apenas professor de conteúdos, isto é, de respostas, mas também, e em primeiro lugar, professor de questionamento” (CHARLOT, 2014, p. 114). Pode-se ver abaixo algumas falas dos jovens com relação às dificuldades de aprendizagem dos conteúdos:

A matemática. Esse conteúdo me prejudica muito. Esforço me muito, mas na hora da prova me dou mal. Penso que os professores, principalmente da matemática, física e química poderiam ter uma aula mais dinâmica, penso que assim talvez eu melhore meu desempenho (JOVEM L2, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Como estou no primeiro ano, até agora minha maior dificuldade é física, mas te falo que o professor contribui para isso. Impressionante, ele não estabelece uma relação com o aluno e isso não é somente em nossa sala não. Quase toda escola reclama desse professor, eu me pergunto por que ainda não tomaram uma atitude. Ele se quer conversa com a gente (JOVEM M9, ENSINO MÉDIO, 15 anos).

A principal dificuldade muitas vezes é deparar com professores que não tem muito conhecimento naquela área específica. Quando isso acontece eu tenho que pesquisar na internet porque não deu para aprender na escola e eu percebo que o professor não estava preparado para aquela disciplina. Outra coisa que nos leva a ter dificuldade, é a falta de oportunidade para participar em sala de aula. Não sei o que acontece, porque alguns professores abrem para o debate, mas outros cansam a gente com aulas chatas (JOVEM K6, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Importante frisar é que os jovens reconhecem a importância dos conteúdos para além dos muros da escola, não os veem de forma utilitária para obtenção de uma boa nota na prova ou até mesmo o tão sonhado diploma. Pode-se inferir que esses jovens e os conteúdos ensinados existem uma relação dialética, pois ao passo que eles articulam esses conhecimentos com o mundo, ampliam-se seus conhecimentos sobre si, e o outro, levando-os a significar os conteúdos perante o mundo. Assim, levando-os a querer mais e mais saberes, movimento que os torna mais críticos e sensíveis sobre os próprios conteúdos passados, a ponto de enxergar os benefícios e os problemas atrelados na sua transmissão, principalmente em sala de aula.

A figura 3, abaixo, mostra o resultado da análise lexical do eixo “sobre os conteúdos ensinados na escola”, obtida por meio do software IRAMUTEQ. Esse programa analisou as 51 respostas. Por meio de ocorrência das palavras, o programa apresenta uma síntese de todas as entrevistas do referido eixo em forma de nuvem de palavras.

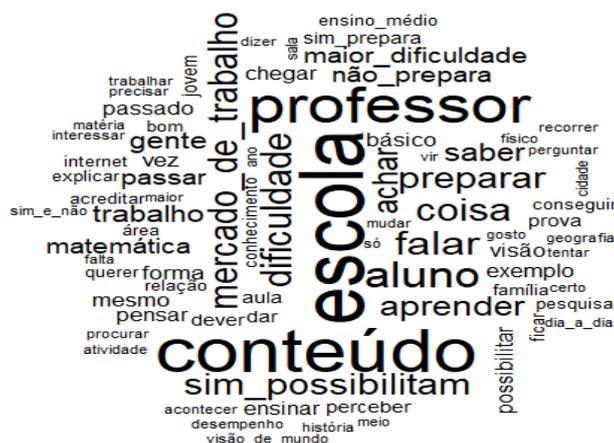


Figura 04: Análise de recorrência em Nuvem de Palavras, IRAMUTEQ 0.7, alpha 2, 2018

Ao se analisar a nuvem de palavras recorrentes obtidas por meio dos discursos dos participantes, verificou-se que as palavras com mais destaques foram: escola, conteúdo, aluno, professor, não prepara, dificuldade, preparar, achar, sim possibilitam, mercado de trabalho, falar, maior dificuldade. As palavras que estão nas extremidades se ligam às com destaque, complementando-as. Por exemplo, a palavras sim possibilitam é a resposta da maioria dos jovens quando perguntado se os conteúdos possibilitam ter uma maior visão mais ampliada, apareceram nas extremidades visão de mundo, família, cidade. Essa lógica acontece também com as demais palavras.

Pode-se inferir por meio dessas palavras em destaque que os conteúdos transmitidos pela escola, para a maioria dos jovens, não preparam para o mercado de trabalho; já para outros preparam, mostrando-se na nuvem “sim prepara”. Ainda analisando as palavras em destaque, percebe-se que a maioria dos jovens por meio das ocorrências de palavras aponta que esses conteúdos lhe possibilitam ter uma visão mais ampliada das coisas que os cercam, pode-se perceber nas palavras com menos destaques na parte extrema da nuvem, como “visão de mundo”, “família” e “cidade”. Com relação às dificuldades desses conteúdos vista pelos

jovens, partindo da análise da nuvem de palavras e tendo como base as palavras “escola”, “conteúdo”, “dificuldade” e “professor”, reforça-se o que já foi dito anteriormente. O professor, por ser o mediador desses conteúdos, é apontado pelos jovens com ponto de dificuldade na aprendizagem e apropriação dos saberes.

Ao questionar os jovens sobre os motivos que levam eles a frequentar a escola, uma parte dos jovens não apontou diretamente para um motivo em específico, como trabalho e ensino superior, por exemplo, mas sim a apropriação dos saberes ensinados na escola como algo primordial para o crescimento deles como indivíduo. Como se pode ver nas falas dos jovens abaixo:

Eu gosto muito de ir para a escola, até parece brincadeira, mas realmente gosto muito. Gosto de aprender coisas novas. Eu não vou por obrigação e nem por que é uma obrigação necessária. Vou por que gosto de aprender (JOVEM G8, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Minha motivação tem muito a ver com a obtenção dos conhecimentos mesmo, nunca foi uma obrigação ir para escola, vou porque gosto. Fui alfabetizado dentro de casa e minha mãe e meu pai sempre me mostraram a importância da escola. Hoje eu tenho uma percepção que o mundo ao meu redor me mostra que tenho que obter o máximo de conhecimentos possíveis (JOVEM G9, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Para mim não é obrigação ir para a escola. Eu acho que ela nos forma como indivíduos pensantes. O que me motiva a ir para a escola desde pequeno é o fato de aprender sempre mais, gosto de aprender coisas novas. Por que esse aprendizado que a escola nos passa vai ficar com a gente para o resto de nossas vidas (JOVEM L2, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Eu vou para a escola porque eu busco conhecimento e quanto mais conhecimento se adquire mais conhecimento lhe falta. Você começa a perceber que é limitado em certos campos, assim motiva mais ainda o indivíduo sair de suas limitações e buscar novos conhecimentos. Isso que é a escola, ela prende o ser, mas ela quer que esse mesmo ser saia e busque mais conhecimento, que se complete (JOVEM K6, ENSINO MÉDIO, 17anos).

Observa-se nas falas dos jovens que aprender novos saberes ensinados pela escola é visto por eles como principal “motivação” e também “molas” propulsoras para a construção do indivíduo. De acordo com Charlot (2000) o homem desde o nascer já mantém uma relação inevitável com o saber. Porém, para viver e relacionar-se com o mundo ele precisa do aprender, diferentemente do animal que ao nascer já é tudo que pode ser, pois suas ações serão sempre baseadas em instintos por toda sua vida. Para o autor, o homem precisa de uma troca com outros e com o mundo, pois essa relação é essencial para o indivíduo se encontrar e construir-se. Diante disso, Charlot (2000) enfatiza que “o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal deve ser educado por aqueles que suprem sua fraqueza inicial e deve educar-se, ‘tornar-se por si só’ (CHARLOT, 2000, p. 54). Nota-se certa consciência dos jovens

entrevistados com relação à importância de se aprender saberes e, demonstram em suas falas que aqueles que suprem sua fraqueza inicial, apontado pelo autor, estão na escola.

Aos jovens participantes da entrevista, também foi questionado sobre os motivos que os levam à escola. Para a grande maioria deles, a instituição escolar se mostra como principal meio para se ter um bom futuro, tanto pessoal como profissional. Percebe-se que nas falas dos jovens a escola não é vista como uma obrigação necessária, mas sim um local onde terão acesso a novos saberes que lhe ajudarão na realização de sonhos e possíveis projetos de vida.

Outros jovens associaram a motivação de ir à escola à possibilidade de conseguir um bom emprego e o acesso ao nível superior. Segundo eles, a concorrência e o desemprego chegaram a níveis muito altos, e somente frequentando a escola que podem ter alguma chance de se inserirem no mercado de trabalho. O trabalho e o nível superior para esses jovens são apontados como principal motivo pelo qual frequentam a instituição escolar, como podemos ver nas falas dos entrevistados:

Eu não vejo como uma obrigação ir para a escola, mas como uma forma de aumentar meu potencial, meu saber para ingressar ou competir no mercado de trabalho. É muito concorrido, existem muitas pessoas desempregadas que não tem o que comer. Então a gente tem que ter o conhecimento, tem que ter algum estudo para poder evoluir e aumentar as chances de conseguir um emprego digno de seu esforço pessoal (JOVEM M9, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

O jovem M9, estudante do ensino médio, representa a perspectiva apontada por Almeida (2014). Pois se pode perceber que o jovem enfatiza a importância de ir à escola como uma forma de aumentar suas chances de conseguir um bom emprego. O entrevistado não aponta que ao final de uma determinada etapa de ensino consiga um emprego, pelo contrário, a permanência dele na vida acadêmica vai melhorar as possibilidades de conseguir se inserir no mercado de trabalho. Isso pode ser reflexo do que Almeida vem argumentando sobre a reversão da linearidade entre escola-formação-trabalho, que veio se modificando nas últimas décadas, ocasionada pela nova conjuntura de trabalho no capitalismo. Pode-se ver algo similar na fala do jovem de 23 anos que estuda na modalidade de Educação de Jovens e Adultos:

O que me motiva é crescer na vida, melhorar minhas condições, comprar uma casa e prosseguir nos meus estudos, pois ainda não tenho faculdade, tenho alguns cursos técnicos, mas faculdade não. É chegar aos meus 40 ou 50 anos realizado com a vida alicerçada no conhecimento da escola (JOVEM M7, EJA, 23 anos).

Pode-se perceber na fala dos jovens que, além do ingresso no nível superior, a motivação deles está atribuída ao binômio educação e trabalho, pois os entrevistados associam a quantidade de conhecimento adquirido na escola à possibilidade de conseguir um bom

emprego. Para Branco (2005) uma das razões e motivações para os jovens na atualidade estudarem se refere ao emprego/atividade profissional, pois eles relacionam à escola a possibilidade de uma boa inserção ocupacional. Ainda segundo o autor “é suficiente e adequado o entendimento de que ao valorizar tal assunto os jovens estão conhecendo sua grande relevância [...] por certo aqueles temas relacionados à suas expectativas com respeito ao futuro imediato” (BRANCO, 2005, p. 140).

Ao jovem foi perguntado o que poderia tornar a escola melhor para motivá-lo ainda mais. Alguns apontaram a parte estrutural da escola, como salas não climatizadas, banheiros sujos, laboratório de informática não utilizado. Para eles, a estrutura de uma escola deve girar em função da aprendizagem do aluno. Apontam que esses problemas estruturais mostram certo descaso com o aprender do jovem. Argumentam ser inviável o aluno estudar sem as mínimas condições para tal como, por exemplo, salas muito quentes. Enfatizam que ninguém aprende dentro dessas condições. Apesar dos questionamentos contundentes, sobre os problemas estruturais, os entrevistados, em sua maioria, apontaram como principal elemento que deve mudar para que a escola se torne melhor o professor. Os jovens dessa pesquisa criticam o docente, porque este não constrói aulas mais dinâmicas, onde os questionamentos e posicionamentos dos jovens possam ter espaço. Dessa forma, enxergam que a aprendizagem seria maior e mais agradável.

Outro ponto que apontam com relação ao docente é a falta de articulação dos saberes com o cotidiano do aluno. Para os jovens, os professores não mostram qual é a função daqueles conteúdos em suas vidas. Questionamentos que podem ser observados na fala dos entrevistados sobre o que poderia mudar na escola:

Primeiro seria a questão estrutural da escola, as sala são quentes não tem ar condicionado, não tem climatização e muitos alunos ficam às vezes estressados na sala só por causa daquele clima de calor abafado. O auno estressado não rende bem, não tem como você estudar no calor. A higienização dos banheiros é péssima. Outra coisa importante para motivar mais nós jovens, é a utilização de alguns espaços que existem, mas ninguém usa. Por exemplo, na minha escola tem sala de informática e a gente praticamente não usa a gente vai às vezes, uma vez no ano talvez, a escola tem que ofertar o que ela tem, não guardar aquilo pra sei lá o quê. Tudo bem que tem alunos que não reconhecem o valor dessas coisas, e a escola quer cuidar, mas devia cuidar de outra maneira e não deixando de lado. Uma coisa que eu acho interessante que os alunos que quebram por exemplo, uma cadeira é sempre aqueles que vão reivindicar (JOVEM M3, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Os professores só passam trabalhos e nos mostra as regras que devem ser seguidas. Regras essas que delimitam o aluno dentro da própria sala de aula, como não responder professor, no meu caso eu me sinto incomodado quando uma pessoa me questiona ou me crítica, vejo a necessidade de ter um espaço para respostas, eu também sou ser humano e posso responder sem ofender, mas esse espaço de respostas dificilmente tem em sala (JOVEM K11, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Um espaço adequado na escola para que tenham aquelas aulas mais dinâmica. Porque muitos professores chegam falar para gente que a escola não há espaço adequado para dinamizar a aula, assim ficando somente nos livros e em sala, impedindo de explorar o conteúdo de uma forma melhor. Outra seria a utilização da sala de informática, eu acho que essa sala deve ser usada. Temos computadores, mas ninguém chega nem perto (JOVEM A7, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Poderiam ter outras formas de ensinar, não só apenas falar escrever e ler texto, porque às vezes a gente não consegue aprender tudo nessa forma de decorar. Poderia ter alternativas mais dinâmicas para poder aprender. Os professores ficam muito preocupados com a nota do aluno, se ele vai conseguir alcançar essa determinada nota, se vai conseguir preencher o diário dele, e no final não se preocupa realmente se o jovem está aprendendo (JOVEM L2, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Percebe-se nas falas dos jovens algumas variantes que podem levar à desmotivação do aluno com relação à escola. Apontam de forma contundente para elementos que influenciam diretamente no aprender e articulação dos saberes com o mundo. A maioria deles coloca o professor como “dificultador” que deve refletir sobre suas práticas para tornar o ensino mais eficiente.

Em consonância com as perspectivas dos jovens, Camacho (2004) aponta que a escola vem sofrendo com um processo de inadequação com o tratamento do aluno. Para a autora, essa inadequação está ligada ao fato de a instituição escolar ter dificuldade em reconhecer os jovens para além dos alunos, ao passo que o professor não enxerga o aluno também como jovem, pode se desdobrar em algumas tensões de cunho relacional e dificuldades em articular os saberes ensinados ao contexto dos jovens. Para a autora, a escola “esquece-se da lógica do para adotar-se do eu. Isso é, o aluno é concebido ou como aluno ou como criança e muito raramente como jovem. [...] é preciso que as propostas pedagógicas sejam pensadas para aquele que é jovem e aluno” (CAMACHO, 2004, p. 330).

De acordo com essa perspectiva, Masschelein e Simons (2017) falam que os professores devem transformar a sala em um ambiente onde os alunos se sintam desafiados pela aprendizagem, tornem-na um espaço de debate articulando os conteúdos e o mundo, pois na maioria das vezes os jovens fazem perguntas legítimas voltadas para a aprendizagem dos saberes. Porém, os autores alertam que tais críticas devam ser levantadas de forma reflexiva para contribuir com o papel da escola, não utilizadas para desprezear essa instituição, pois existem acusadores da instituição escolar que se utilizam dessas críticas para argumentar que ela deva se dedicar a criar ambientes de aprendizagem que centralize os talentos, escolhas e necessidades de treinamento dos alunos como primordial. Diante disso, os autores argumentam que “a escola não é sobre o bem-estar, e que falar em termos de (des)motivação é

o sintoma infeliz de uma escola enlouquecida, que confunde atenção com terapia e gerar interesse com satisfazer necessidades” (MASSCHELEIN e SIMONS,2017, p. 17).

Pode-se se notar através dos resultados obtidos pela análise de similitude, uma síntese das entrevistas dos jovens voltadas para o eixo “motivos que levam os jovens à escola”. Diante dessa análise lexical, observa-se por meio da figura os dados analisados anteriormente.

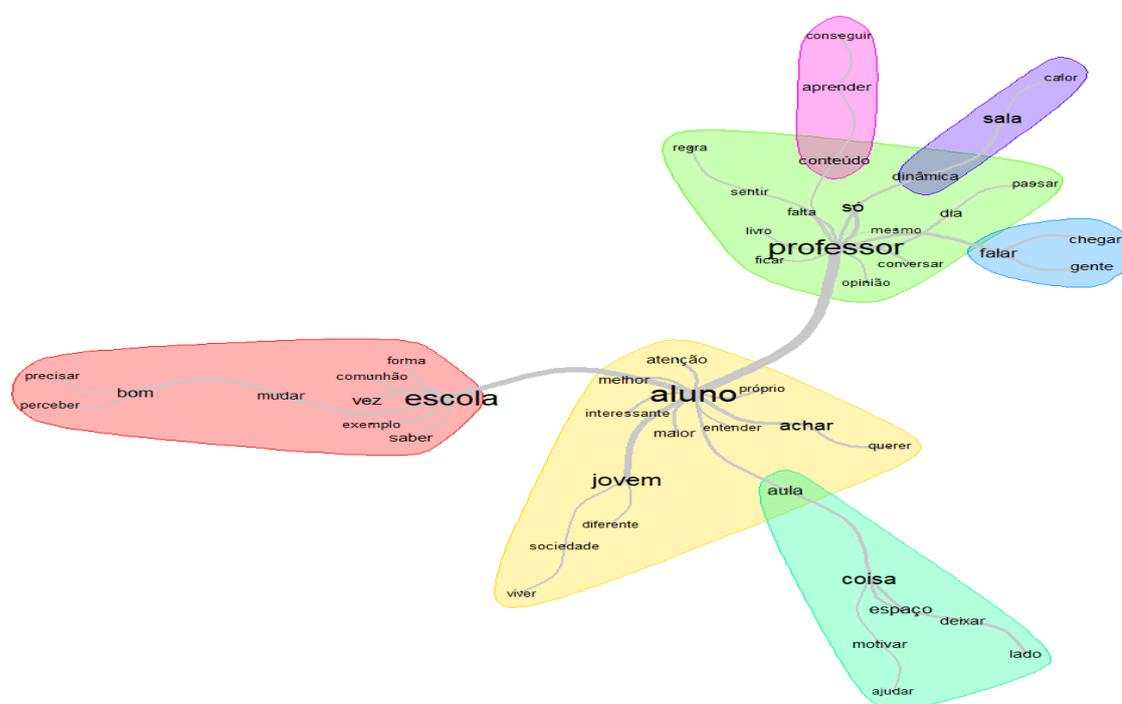


Figura 05: Análise de similitude do corpus os sentidos da Escola, IRAMUTEQ 0.7 ALPHA 2, 2018

Percebe-se que a palavra central é aluno, a partir dessa palavra originam-se duas ramificações mais fortes, uma com a palavra escola e a outra professor. Tendo como base a pergunta que foi feita aos jovens, *o que poderia mudar na escola para motivar ainda mais o aluno a frequentá-la*, observa-se que as palavras que circundam aluno enfatizam os dados analisados, pois a ligação das palavras entender, maior, melhor, jovem, sociedade, viver enfatizam a importância da escola para os jovens. Seguindo com a análise, a escola também é vista pelos jovens como um fator de mudanças, pois ao analisar o campo vermelho onde se

encontra a palavra escola existem outras palavras que trazem sentidos que enfatizam a importância da instituição para os jovens como saber, perceber, precisar. Ao se analisar o campo onde está a palavra professor e as palavras que ligam a ela como ficar, opinião, sentir, regra, conteúdo, dinâmica, enfatizam a crítica feita ao professor em sala. Onde se encontra a palavra “aula”, representa a crítica ao professor. Também é mencionada a parte estrutural como um problema levantado pelos jovens, pode-se perceber que no canto superior da figura está a palavra sala ligada à palavra calor.

5.3 COMO SÃO VIVIDAS AS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

Ao relatar as experiências escolares, os jovens enfatizam que o intervalo escolar é um momento de se encontrar com os amigos e colegas. De acordo com Dayrell, Brenner e Carrano (2005, p. 176) o intervalo pode ser visto como “espaços de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação”. Para os autores, a aprendizagem advinda das relações sociais é primordial para a construção de identidades coletivas e individuais dos grupos. Os jovens entrevistados, quando descrevem a experiência escolar, relatam seu dia a dia na escola e atribuem ao intervalo o momento do encontro entre os pares:

A rotina da minha escola é diferente das outras escolas onde já estudei. Nós trocamos de sala a cada horário. Por exemplo, nós temos aula de português no pavilhão 2 e no próximo horário nós podemos está na sala 14 lá no pavilhão 3, então nesse é o percurso na escola, nós saímos quando trocamos de horário, aproveitamos esse tempo para falar um pouquinho com os colegas. Nos dias de segunda feira nós temos avaliação da semana então toda semana nós temos uma avaliação de duas matérias. Essas avaliações são divididas por semana e, na sétima semana temos simulados voltados para o Enem com questões objetivas e também temos o texto dissertativo argumentativo. Durante a troca de horários nós temos o intervalo de 15 minutos durante a manhã, depois só iremos ter outro à tarde na hora do almoço. Na aula a tarde temos outro intervalo de 15 minutos. Nesse intervalo que falo com os colegas, geralmente são os que fazem parte do clube de protagonismos. Esses grupos são formados por jovens que tem interesses em comum, no meu caso faço parte do “CSA maniacos”, abordamos temas voltados para o campo jurídico. Recentemente meu grupo apresentou um júri simulado voltado para o livro de Dom Casmurro (JOVEM G9, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Eu vou para aula a tarde, tento estudar com a sala quente, no intervalo converso sempre com meus amigos mais próximos, voltamos a estudar e depois vou para casa (JOVEM M9, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Chego às 07h00min da manhã, estudo, vou para o intervalo, socializo com meus colegas. Às vezes as aulas passam rápido, outras vezes não. Não tenho muito que relatar (JOVEM K6, 17 anos).

Segundo os autores Dayrell, Brenner e Carrano (2005) os principais locais para se fazer amigos são o bairro e a escola, pois são vistos como lócus de encontro entre jovens que possibilitam uma maior sociabilidade. Segundo os autores, a instituição escolar deve refletir sobre sua importância “como espaço de encontro para os jovens, atentando para a dimensão educativa da sociabilidade que se faz em espaço de encontros entre pares não regulados pelos adultos” (DAYRELL, BRENNER e CARRANO 2005, p. 208).

Pode-se perceber na figura abaixo, na análise lexical no formato de nuvem de palavras geradas pelo software IRAMUTEQ, uma recorrência de palavras que demonstram a importância que os jovens atribuem ao intervalo no momento de se encontrar com os amigos e colegas.

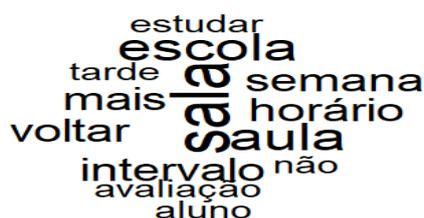


Figura 06: Análise de recorrência em Nuvem de Palavras, IRAMUTEQ 0.7, alpha 2, 2018

Na nuvem de palavras indicada na figura 5, percebe-se que as palavras mais recorrentes indicam que os jovens aproveitam o intervalo para encontrar com seus pares, enfatizando a escola com um espaço também de sociabilidade da juventude. De acordo com Dayrell et al (2011), a sociabilidade é o produto das interações individuais, que seu fim é a própria socialização, uma relação prazerosa que é indispensável na vida dos jovens, que acontece principalmente na escola.

5.4 OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO

A questão elaborada sobre Ensino Médio teve como objetivo identificar qual é a concepção dos jovens desta pesquisa a respeito dessa última etapa da educação básica a partir de suas expectativas em relação ao trabalho e ao Ensino Superior. De acordo com a maioria dos jovens entrevistados, o Ensino Médio é uma etapa da educação que lhes proporciona conhecimentos básicos que não tem um fim específico. Para eles, o Ensino Médio prepara tanto para o trabalho como para o Ensino superior, porém, argumentam que essa preparação não é direta, haja vista considerarem-no uma etapa de conhecimentos básicos. Demonstram ter ciência que ao terminar o ensino básico não necessariamente conseguirão um trabalho de forma imediata por conta da conclusão desse ensino, contudo admitem que o ensino médio ajuda a realizarem seus projetos de vida. Como pode ser notado na fala dos jovens:

Vejo o Ensino Médio como uma base para um futuro promissor que me ajudará a conseguir um trabalho bom e entrar na faculdade (JOVEM J10, 16 anos).

Sim, facilitará a realização dos meus projetos de vida, mas como falei a escola não vai lhe colocar diretamente no trabalho, temos que usar os conteúdos da escola como uma base e estudar em outros lugares para melhorar. Mas ele vai ajudar sim (JOVEM A2, 23 anos).

Acredito que além de nos preparar para o mercado de trabalho, ele nos prepara para o ensino superior, pois são conhecimentos básicos. O ensino médio prepara sim para esses pontos, mas também prepara para algo maior. Porque eu vejo que ele tem a função de nos preparar como cidadão para sabermos respeitar as diferenças e sermos bons profissionais com uma visão humana (JOVEM L2, ENSINO MÉDIO, 16 anos).

Nota-se na fala dos jovens que o ensino médio não prepara somente para o mercado de trabalho, o ensino superior e intelectualmente, mas mostram que também existe uma formação humana. De acordo com Weller (2014, p.140) “o ensino médio representa uma etapa de formação intelectual, mas também de formação humana significativa. Ao mesmo tempo, o Ensino Médio coincide com um momento próprio da juventude enquanto grupo geracional”. Para a autora, é nesse momento que há uma grande reflexão sobre seu futuro e criam projetos, enfatizando, assim, a importância do ensino médio para a juventude.

Outros jovens entrevistados apontam que o Ensino Médio não prepara para o mercado de trabalho porque se mostra insuficiente. Para eles, a concorrência para conseguir um emprego está muito grande e somente os conteúdos passados na escola não preparam para competir nessa concorrente corrida pelo emprego. Como se pode notar na fala dos jovens:

Eu vejo que o ensino médio não é suficiente para o mercado de trabalho. Porque vejo que o ensino que é dado não deixa a gente tão competitiva, e hoje está muito difícil conseguir um trabalho sem estar bem preparado. Eu vejo o ensino médio

como uma base, não como um real preparo para o trabalho (JOVEM G8, ENSINO MÉDIO, 17anos).

O ensino médio costuma ser quase sempre insuficiente, pessoalmente, acho que na nossa região o ensino é insuficiente e precisamos recorrer a outros meios para tentar às vezes até conseguir um emprego simples, não desmerecendo os empregos, mas quem tem faculdade tem um grau de conhecimento maior e possivelmente poderá concorrer a empregos melhores. Com relação a função do ensino médio eu acho que ele te dar uma base para conseguir um trabalho não muito bom e te dar um norte para ingressar no nível superior, mas também essa base é muito cheias de lacunas. (JOVEM K6, ENSINO MÉDIO, 17 anos)

Ele não é suficiente nem para o trabalho e nem para o ENEM, porque os conteúdos são insuficientes. As provas do ENEM requerem um aprofundamento maior dos professores e acho que por causa do tempo que é corrido, eles não conseguem dar esses conteúdos de forma mais aprofundada. Eu vejo que a culpa não é só do professor, porque é muito horário para ele pegar não tem como ensinar bem o jovem dessa forma. (JOVEM M10, ENSINO MÉDIO, 17 anos).

Pode-se perceber na fala dos jovens que o grande problema está nos conteúdos ensinados no ensino médio. Pois, segundo os entrevistados, apenas com os conteúdos, tidos por eles como fragmentados, não será suficiente para a inserção no mercado de trabalho e nem para o ensino superior. Para Weller (2014, p. 144) “a conclusão do Ensino Médio não a conduzirá automaticamente à Educação Superior ou a um ‘emprego com carteira assinada’”. Esse percurso “escola-formação-trabalho” perdeu sua linearidade na atual conjuntura do “trabalho” na contemporaneidade, levando os jovens a ficarem por um grande tempo sem emprego.

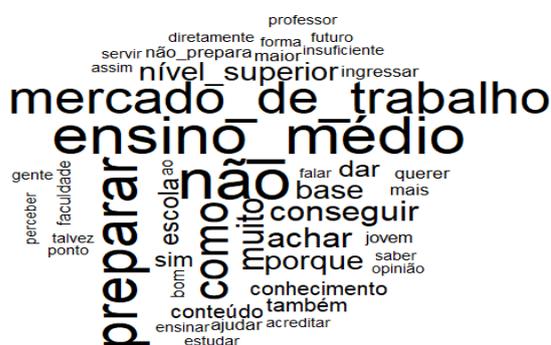


Figura 07: Análise de recorrência em Nuvem de Palavras, IRAMUTEQ 0.7, alpha 2, 2018

A figura obtida através da análise lexical gerada pelo software IRAMUTEQ reforça o que foi examinado anteriormente com relação ao ensino médio. Por meio das ocorrências das palavras trazidas em forma de nuvem, aponta que os jovens admitem que o ensino médio prepara, mas não de forma direta para o mercado de trabalho e o ensino superior, mas em certa medida contribui para tal fim.

Possivelmente essa falta de exatidão por parte dos jovens entrevistados deve estar associado à certa crise de identidade do ensino médio. Segundo os autores Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 255) “há uma permanente tensão entre a formação geral e/ou profissional, ensino propedêutico e/ou técnico que diz respeito ao papel da escola média como etapa do ensino básico e sua relação com mercado de trabalho e com o ensino superior”. Para os autores, desde a década de 1990, com uma expansão sem planejamento, os problemas da educação básica vêm se alargando, principalmente a última etapa da educação básica. Ainda segundo os autores, os problemas encontrados particularmente no ensino médio, tende a não possibilitar uma formação humana e ampla para os jovens. Por isso os autores alertam que as escolas devem contribuir para os jovens terem uma compreensão de si, dos seus desejos e, também da realidade onde estão inseridos, assim tendo mais clareza sobre seus projetos de vida.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa sinalizam para um entendimento mais ampliado da temática de estudo, bem como a revisão de várias pressuposições sobre os jovens, o que eles pensam, especialmente sobre a escola e sua importância como instituição social. Contribuindo, assim, para uma maior reflexão sobre a relação juventude e escolarização a partir dos sentidos que os jovens atribuem à escola, considerando aspectos como trabalho, socialização e a relação com o conhecimento escolar. Diante disso, os resultados encontrados por essa pesquisa serão aqui sintetizados para oferecer possíveis respostas aos questionamentos levantados nesse estudo.

Para realização desse estudo lançamos mão do questionário e de entrevistas semiestruturada para recolher dados empíricos para subsidiar essa pesquisa, com o intuito de relacioná-los com referencial teórico trazido por este estudo para oferecer possíveis repostas ao **problema de pesquisa** levantado, construído a partir do problema mencionado acima: Qual a percepção dos jovens sobre a juventude? Qual a importância dada pelos jovens à escola e o que ela ensina em termos de saberes e de preparação para a vida social? O que buscam os jovens na escola e, o que poderia ser mudado nessa instituição para otimizar esta busca? Qual a concepção dos jovens com relação ao ensino médio a partir de suas expectativas de trabalho e ingresso no nível superior.

Com relação à percepção dos jovens sobre a juventude, eles reforçaram a tese que existem várias juventudes e não apenas juventude, pois associam a vivência dessa etapa às suas particularidades. Os jovens participantes se mostram conscientes que essa etapa da vida é própria deles, que se difere da adulta, principalmente com relação à responsabilidade. Enxergam que ser adulto é ter responsabilidades que não são as suas, como ser o responsável de uma casa e suas despesas, cuidar de filhos, trabalho, etc. Porém, ressaltam que viver a juventude não é ser irresponsável, preguiçoso, desinteressado, dentre outros termos taxativos de cunho pejorativo. Pelo contrário, reconhecem que viver a juventude é ter responsabilidades que são próprias dos jovens.

Segundo os jovens entrevistados, suas responsabilidades estão ligadas intimamente às experimentações dessa etapa. Eles se constroem através dessa experimentação ao passo que vivenciam o hoje, ou seja, quando dialogam com o mundo, momento em negam ou afirmam conceitos que lhes são introjetados. Apontam como exemplo dessa experimentação os espaços de sociabilidades, onde trocam ideias com seus pares. Considerados como válidos e primordiais para o crescimento do indivíduo, numa perspectiva omnilateral.

Percebe-se que os jovens da pesquisa apontam que ao chegarem na escola, veem uma grande dificuldade com relação a questão da sociabilidade. Para eles, a escola tende a silenciá-los, não dando espaço para sanar suas dúvidas e questionamentos, algo que encontram em outros espaços socializadores. As regras impostas pela escola é um dos pontos que mais recaem suas críticas, principalmente na figura do professor. Para eles, alguns docentes não conseguem enxergá-los como jovens, apenas como alunos, que se traduzem nas práticas em sala. Esses jovens apontam que os professores não abrem espaço para o diálogo e questionamento, e lhe apresentam conteúdos sem nexos com o mundo e muitas vezes se utilizam do livro didático de forma maçante, levando-os apenas a decorar.

Com relação à importância dada pelos jovens à escola e o que ela ensina em termos de saberes e de preparação para a vida social, esses jovens admitem que a escola é o principal caminho para mudança de um contexto atual ou para realização de sonhos. Ao contrário de Dayrell (2007), que traz em suas pesquisas que a escola está se tornando distante dos interesses dos jovens pelo fato dessa instituição ter dificuldade de reconhecê-los em sua complexidade, a ponto de não dar o valor real para a sociabilidade no aprendizado dos indivíduos, os sujeitos dessa pesquisa apontam que de fato a escola tem dificuldade em vê-los para além dos seus muros, mas isso não é suficiente para tirar a importância dessa instituição para a vida deles. Afirmam que os saberes ensinados na escola são de extrema importância para a formação do indivíduo.

Segundo os jovens, os conteúdos ensinados na escola são uma base que lhes ajudarão a entrar no mercado de trabalho e no nível superior. Mas não enxergam esses saberes ensinados como “receitas” que ao terminar estarão prontos para assumir uma ocupação profissional e ingressarem no nível superior. Afirmam veementemente a importância desses conhecimentos escolares como saberes que lhes ajudarão em todos os aspectos de sua vida.

Os jovens afirmam buscar na escola saberes que não são ensinados em outros lugares. Segundo eles os conhecimentos que adquirem os preparam não para uma finalidade preestabelecida. É visto por eles como saberes que lhes constroem como indivíduos pensantes, dotados de criticidade voltados para uma formação humana, mas admitem que existam dificuldades na aprendizagem desses saberes. Alegam que as salas são quentes e, além disso, apontam que alguns professores devam rever suas práticas. Segundo eles, os docentes ministram suas aulas sem abrir espaços para debates e questionamentos, utilizam muito o livro didático e priorizam a memorização dos conteúdos, chamados por eles de “decorar”. Afirmam ainda que os métodos utilizados por alguns professores para ensinar os

conteúdos não fazem nexos com suas vivências e cotidianos, levando assim, algumas aulas se tornarem maçantes o que torna difícil de aprender os saberes ensinados.

Com relação ao Ensino Médio, os jovens reafirmam algo que já foi dito sobre os conteúdos ensinados na escola, que essa etapa da educação básica não prepara de forma direta para o mercado de trabalho e nem para o Ensino Superior. Ela lhe dá conhecimentos básicos que ajudarão na busca desses fins.

Essa pesquisa produziu muitos dados empíricos e no “curto” espaço de tempo proporcionado para a realização das análises, admite-se que muitos aspectos ficaram por ser explorados, podendo ser explorados em pesquisas futuras. Assim, como resultado das análises efetuadas pode-se destacar alguns aspectos: os jovens dessa pesquisa mostraram que a juventude é heterogênea e que ela se constrói nos mais diversos espaços sociais. Não é algo imposto, muito menos única. A juventude é uma categoria analítica e social, levando-nos a necessidade de conhecê-la para além dos rótulos taxativos impostos pela sociedade. E isso se torna muito importante quando existem grupos no próprio governo que defendem a redução da maioria penal, e um futuro presidente que é a favor da “lei do abate” caso esse jovem seja visto com um fuzil na mão. Esse mesmo grupo não consegue enxergar o percurso que levou esse jovem a se encontrar nessa condição, ou se sabem, ocultam, pois têm ciência que o estado se eximiu quanto ao processo de formação desses mesmos indivíduos que querem ceifar.

Com relação à escola, os jovens mostram que ela é muito importante para sua vida e imprescindível para sua formação omnilateral, porém, mostram que o espaço de sociabilidade, muito importante na aprendizagem, deve ser revisto e refletido, pois como Dayrell afirma, a escola não acompanhou a modernidade e as diversas formas de ser jovem que existem na contemporaneidade. O espaço para o debate e questionamento em sala de aula deve acontecer corriqueiramente, pois ela é uma das estratégias para conhecer o jovem e tornar significantes os saberes ensinados.

Diante dos dados analisados pela pesquisa, podemos concluir que a escola realmente tem dificuldade em reconhecer os alunos para além dos seus muros e isso tem gerado problemas relacionais. Porém, não podemos enfatizar que a escola está distante dos interesses dos jovens, pois os grupos que são contra a escola podem tornar isso como subsídios para fortalecer seus argumentos. A escola deve se reinventar diante desses problemas levantados. A partir dos resultados obtidos construiu-se outro questionamento: a escola, apesar dos seus problemas internos e externos, contribui para as juventudes? Os jovens dessa pesquisa responderam que sim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et al; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO; MEC, 2003.

ALMEIDA, M.S. A transição da escola para o mundo do trabalho constituída em objeto de estudo: uma abordagem teórico-metodológica. **Cad. Cedes**. Campinas, v.34, n. 94, p. 385-400, set.-dez., 2014.

AMARAL, M. F. **Culturas juvenis e experiência social: modo de ser jovem na periferia**. Porto Alegre, 2011, 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa em Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ANDRADE. C. C. Juventude e Trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Ipea mercado de trabalho**. n. 37, nov. 2008

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BATALHA, Camila Fernanda. **Introdução. O fordismo. Do fordismo à acumulação flexível. Teorizando a Transição. Acumulação Flexível – transformação sólida ou reparo temporário? - Fichamento**. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC, 26 Nov. 2010. Disponível em: investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/economia/174297-introducao-o-fordismo-do-fordismo-a-acumulacao-flexivel-teorizando-a-transicao-acumulacao-flexivel--transformacao-solida-ou-reparo-temporario-fichamento. Acesso em: 02 Out. 2018

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121, 1983.

BRASIL, **2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude: Juventude, Desenvolvimento e Efetivação de Direitos**. Conquistar direitos, desenvolver o Brasil. Brasília, 2010.

BRASIL, **Secretaria Nacional de Juventude**. Estatuto da juventude: lei nº5 12.852, de 5 de agosto de 2013 / Secretaria Nacional de Juventude. – Brasília: SNJ, 2017.

CAIERÃO, I.S. **Os jovens e escola: trajetórias, sentidos e significados: um estudo em escolas públicas de Ensino Médio**. 2008. 355p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A invisibilidade da juventude na vida escolar. Perspectiva**, v. 22, n. 02, jul-dez/2004, p. 325-343.

CAMARGO, B. V., JUSTO, A. M. **Temas em Psicologia**. Vol. 21, nº 2, 513-518, 2013.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.**— Brasília :UNESCO, MEC, RAAAB, 200.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Identidades juvenis e escola.** Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), nov. 2000. n.10.

CHARLOT, B. (2000). **Da relação com o saber** - Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica:** realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação—ed. rev. e ampl.—São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, B. **Os jovens e o saber:** perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber e as práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) **Caminhos investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996, p.7-18.

DAYRELL, J.T.; GOMES, N.L. **Formação de agentes culturais juvenis.** In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 6, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: PROEX; UFMG, 2003. p. 1-4.

DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil. In: SPOSITO, M. (Org.). **Espaços públicos e tempos juvenis:** um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Set /Out /Nov /Dez 2003 n° 24.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2000.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de gerações nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, maio/agosto, 2010, volume 5, n°2.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Pioneira (Editora da USP), 1972.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, Z. A.; MASCAROLA, J. **Revista de administração.** São Paulo, v. 35, n. 14, p. 105-112, julho/setembro 2000.

GATTI. A. B. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004

GERHARDT, E. T.; SILVEIRA, T. D. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIROUX, A, H. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 14-23, jan./abr. 2014.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

[HTTP://diocesecruzeirosul.org.br/vidapastoral/jm-juventude-missionaria](http://diocesecruzeirosul.org.br/vidapastoral/jm-juventude-missionaria) acessado em 02 de agosto de 2018.

[HTTP://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulgados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulgados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206) acessado em 02 de agosto de 2018.

[HTTP://www.insper.edu.br/cpp/](http://www.insper.edu.br/cpp/)> acessado em 02 de agosto de 2018.

[HTTPS://www.cruzeirosul.ac.gov.br/uploads/norma/16803/anexo_unico.pdf](https://www.cruzeirosul.ac.gov.br/uploads/norma/16803/anexo_unico.pdf) acessado em 02 de agosto de 2018.

[HTTPS://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,3,4,128&ind=4701](https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,3,4,128&ind=4701)> acessado em 6 maio de 2018.

[HTTPS://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=18971&t=sobre](https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=18971&t=sobre) > acessado em 6 de maio de 2018.

IBOPE, 2011. **Audiência do Ensino Médio**. São Paulo: Ibope/Instituto Unibanco (apresentação ppt).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Indicadores educacionais**. Brasília: MEC, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Concepções e práticas de organização e Gestão Escolar: considerações introdutórias para um exame crítico da discussão atual no Brasil. **Revista Española de Educación Comparada**, Madrid, Espanha, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização/ José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi—10. Ed. rev. e ampl.—São Paulo: Cortez, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Carla Valeira Vieira Linhares. **Cartografias Juvenis**: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem. Tese de doutorado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

MARQUES, T. É o gênero uma construção social? .In A. P. Mesquita, C. Beckert, J. L. Pérez & Xavier M. L. L. O. (eds.) **A Paixão da Razão**. Homenagem a Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. pp. 561-578 (2014).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

NEGREIROS, F.; SILVA, C.F.C.; SOUZA, G.L.Y.; SANTOS, L. **Psicologia em pesquisa**. UFRJ, v11, n. 1, p. 1-11, janeiro-junho, 2017.

PÁDUA, E. M. M. Análise de conteúdo, análise de discurso: questões teórico-metodológicas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 13, p. 21-30, nov. 2002.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, v. XXV, 1990, p. 139-165.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel e EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PEREIRA, Beatriz Prado. **Por que ir à escola?** O que dizem os jovens do ensino médio. 2014. Dissertação (Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez 2016.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SPOSITO, Marília Pontes (coord). **Juventude e escolarização** (1980-1998) Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009. Volume 1.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009. Volume 2.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da**

juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

VENANZI, Délvio et al. **O método de pesquisa Survey.** Disponível em: http://www.feb.unesp.br/posgrad_prod2/metodologiacientifica/O_metodo_de_pesquisa_Survey.ppt#260,5, Propósito.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, agosto 2010 volume 5 n°2.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, **Carlos Augusto de Santana Sobral**, aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, RG: 395309, CPF: 683385892-68, na condição de pesquisador da linha de pesquisa Trabalho e Formação docente, venho solicitar a autorização para acessar o espaço desta Instituição de Ensino para a aplicação de questionário referente a investigação em desenvolvimento, sob o título **JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS JOVENS DE CRUZEIRO DO SUL À ESCOLA**, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Elizabeth Miranda de Lima, do Centro de Educação, Letras e Artes—CELA/UFAC.

A coleta de dados para esta pesquisa será feita através da aplicação de um questionário objetivo e posteriormente entrevista aos jovens na faixa etária de 15 a 24 anos que frequentam esta Instituição.

Informo que haverá sigilo a fim de assegurar a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, ou divulgação do nome do participante quando for de interesse do mesmo.

Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação e havendo liberdade de recusa a participar ou reiterar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Os benefícios da pesquisa podem ser expressos na ampliação das referências acadêmicas sobre a relação Juventude e a Escola e os resultados devem ser apresentados através da publicação da dissertação, artigos científicos e mesmo na forma de devolutiva para a escola dos resultados do estudo.

Caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável.

Qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (carlospedagogia33@gmail.com) ou contato(s) telefônico(s): (68)999734012.

Cruzeiro do Sul – AC, ___ de _____ de 2018.

INSTITUIÇÃO:

NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL INSTITUCIONAL:

CARGO _____; RG _____

(Assinatura e Carimbo)

Carlos Augusto de Santana Sobral

(Aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre)

(Profa. Dra. Elizabeth Miranda de Lima – Orientadora)

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA JOVENS MENORES DE 18 ANOS)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para jovens menores de 18 anos)

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Juventude e Escolarização: sentidos atribuídos pelos jovens acreanos de Cruzeiro do Sul à escola”, com o objetivo de compreender a relação da juventude com a escola, com foco nos sentidos e anseios que os jovens atribuem à instituição escolar. Para isso, a pesquisa contará com a participação voluntária de jovens menores de 18 anos e necessita do consentimento de seus pais ou responsáveis. Gostaríamos de convidá-lo a contribuir com essa pesquisa, autorizando que o jovem _____, sob sua responsabilidade, responda a um formulário pesquisa, na forma de questionário, e posteriormente, responda uma entrevista, que será gravada se houver seu consentimento. É importante ressaltar que o anonimato do (a) entrevistado (a) é assegurado e que, se alguma questão lhe causar constrangimento, ele (a) tem o direito de não respondê-la. As informações dos (as) entrevistados (as) serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas exclusivamente com fins acadêmicos e de pesquisa científica. A participação na pesquisa não implicará nenhum custo ou recompensa financeira para os envolvidos. Será necessária apenas a disponibilização do jovem para preencher o formulário de identificação e responder a entrevista. Caso algum entrevistado desista de participar deste estudo poderá fazê-lo a qualquer momento, sem que haja nenhum tipo de penalização. Vale ressaltar que esse formulário atende a Resolução N° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Caso aceite colaborar com esta pesquisa, solicitamos que assine este termo de consentimento, que possui duas vias. Uma destas ficará com você e a outra conosco. Em caso de dúvidas ou esclarecimentos sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no telefone (68) 99973-4012.

Agradecemos a sua colaboração.

Cruzeiro do Sul-Acre _____ de _____ 2018.

Carlos Augusto de Santana Sobral

(Aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre)

Participante da pesquisa

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Juventude e Escolarização: sentidos atribuídos pelos jovens acreanos de Cruzeiro do Sul à escola”, com o objetivo de compreender a relação da juventude com a escola, com foco nos sentidos e anseios que os jovens atribuem à instituição escolar no Município de Cruzeiro do Sul/Acre. Gostaríamos de convidá-lo a contribuir com essa pesquisa, preenchendo a um formulário de pesquisa, na forma de um questionário, e posteriormente, respondendo a uma entrevista, que será gravada se houver seu consentimento. É importante ressaltar que o anonimato do (a) entrevistado (a) é assegurado e que, se alguma questão lhe causar constrangimento, terá o direito de não respondê-la. As informações dos (as) entrevistados (as) serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas exclusivamente para fins desta pesquisa. A participação na pesquisa não implicará nenhum custo ou recompensa financeira para os envolvidos. Será necessária apenas a sua disponibilização para preencher o formulário de identificação e responder a entrevista. Caso algum entrevistado desista de participar deste estudo poderá fazê-lo a qualquer momento, sem que haja nenhum tipo de penalização. Vale ressaltar que esse formulário atende a Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Caso aceite colaborar com esta pesquisa, solicitamos que assine este termo de consentimento, que possui duas vias. Uma destas ficará com você e a outra conosco. Em caso de dúvidas ou esclarecimentos sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no telefone (68) 99973-4012.

Agradecemos a sua colaboração.

Cruzeiro do Sul-Acre ____ de _____ 2018.

Carlos Augusto de Santana Sobral

(Aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre)

Participante da pesquisa

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JUVENTUDE E ESCOLARIZAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS JOVENS DO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL—AC À ESCOLA

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Período que estuda: () manhã () tarde () noite

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Como você se considera quanto à sua cor/etnia?

() negro (a) () pardo (a)

() índio (a) () branco (a)

2. Estado civil:

() solteiro(a) () união estável () casado (a) () divorciado (a) () viúvo(a)

() outros: _____

3. Tem filhos?

() Sim. () Não.

3.1. Caso tenha filhos, responda as questões abaixo:

Quantos filhos você tem?

() um () dois ou mais

Seus filhos estudam?

() sim () não

4. Trabalha?

() Sim. () Não.

4.1. Caso trabalhe, responda às questões abaixo:

Em que trabalha?

Qual a sua carga horária de trabalho diária?

4.2. Caso não trabalhe, indique sua fonte de renda:

Aposentadoria

Benefício social. Qual?

Renda de cônjuge

Renda de pais ou familiares

5. Com quem você convive?

6. Qual a escolaridade de seus pais ou responsáveis?

7. Qual a profissão de seus pais ou responsáveis?

8. Qual a situação de trabalho atual de seus pais ou responsáveis?

9. Com relação à Educação de Jovens e Adultos—EJA:

9.1. Você já cursou essa modalidade de ensino (EJA)? Sim Não

10. Com relação à permanência:

10.1. Você deixou de frequentar a escola em alguma momento? Quantas vezes?

Nenhuma () 1() 2() 3() 4() mais()

10.2. Se sim, em qual série?

Ensino Fundamental: 1° () 2° () 3° () 4° () 5° () 6° () 7° () 8° ()
9° ()

Ensino Médio: primeiro () segundo () terceiro ()

11. Com relação a possíveis repetências:

11.1. Quantas vezes você já repetiu o ano na escola?

Nenhuma () 1() 2() 3() 4() mais()

11.2. Se sim, em qual séries?

Ensino Fundamental: 1° () 2° () 3° () 4° () 5° () 6° () 7° () 8° ()
9° ()

Ensino Médio: primeiro () segundo () terceiro ()

12. Com relação ao sentido da Escola *PARA VOCÊ* Marque com um X:

12.1. Você sabe por que frequenta a instituição escolar: Sim () Não ()
Em parte ()

	Sim	Não
12.2 Você vai para a escola devido a obrigatoriedade de frequentá-la?		
12.3 Você vai à escola por que há alguma relação com seus valores (sociais, pessoais, familiares, religiosos)?		
12.4 Você vai à escola por que é seu direito como cidadão?		
12.5 Você vai à escola por que gosta de aprender os conhecimentos que a instituição proporciona?		
12.6 você vai por que acha importante para conseguir um bom trabalho no futuro?		
12.7 Vai à escola para tentar entrar na faculdade/ensino superior?		
12.8 Você vai à escola para ter melhores condições de vida do que a dos seus pais/responsáveis?		
12.9 Você vai para fazer amigos?		
12.10 Você vai à escola por que seus amigos vão?		
12.11 Você vai à escola para paquerar ou namorar?		
12.12 Você vai para à escola para se divertir? Como uma forma de lazer?		
12.13 Você vai por que gosta do intervalo?		

12.14. Entre os itens acima que você assinalou SIM, quais os três mais importantes PARA VOCÊ?

Coloque o número das questões:

1°	2°	3°
----	----	----

13. Você acha que é possível aprender conteúdos que a escola ensina por outros meios?

Se sim, quais? Assinale com X a (s) alternativa (s) que achar válida (s):

Igreja	Comunidade	Internet	Família	Televisão	Outros

Se outros, quais? _____

14. Você estuda em alguma instituição que oferece cursos técnico profissionalizantes?

Sim () Não ()

14.1. Se sim, qual a instituição e o (s) curso (s) que você participa?

15. Você já concluiu algum curso técnico profissionalizante?

Sim () Não ()

Se sim, marque com X qual o (s) motivo (s) que fez você a buscar esse tipo específico de formação:

15.1. O ensino regular da rede pública é insuficiente para lhe inserir no mercado de trabalho? ()

15.2. Você concluiu o curso por que era a profissão que almejava? ()

15.3. Por que achou interessante? ()

15.4. Por que seus amigos também frequentavam? ()

15.5. Por que conhece pessoas que concluíram o curso e estão inseridos no mercado de trabalho exercendo a profissão? ()

16. Com relação a estar na escola e frequentá-la (função da escola) PARA VOCÊ?
Marque com X:

	Sim	Não
16.1 Você acha que tem incentivo da sua família para frequentar a escola?		
16.2 Do seu ponto de vista a sociedade acha importante você frequentar a escola?		
16.3 Você acha que a escola lhe possibilita alcançar melhores posições na vida?		
16.4 Você acha que a escola prepara/ajuda-o a realizar seu projeto de vida?		
16.5 Você acha que a escola oferece qualificação profissional?		
16.6 Você acha que é muito tempo (anos) que se passa indo na escola?		
16.7 Você acha que ir à escola é tempo perdido?		
16.8 Você acredita que a escola o forma para ser um bom cidadão?		
16.9 Você acredita que a escola é um espaço para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo?		
16.10 Você acredita que a escola é um local de desenvolvimento para uma convivência em sociedade?		
16.11 Você concorda com a obrigatoriedade escolar?		

16.12. Entre os itens acima que você assinalou SIM, quais os três mais importantes PARA VOCÊ?

Coloque o número das questões:

1°	2°	3°
----	----	----

17. Nesse espaço, VOCÊ vai escrever algumas considerações com relação ao questionário.

AGRADECEMOS MUITO PELA SUA CONTRIBUIÇÃO E PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I – PERCEPÇÕES SOBRE A JUVENTUDE

1. Você se considera jovem ou adulto?
2. O que é ser jovem, em sua opinião?

II – OS SENTIDOS DA ESCOLA

1. Fale um pouco do que você pensa sobre a escola.
2. Você acha que a escola é importante na vida dos jovens? Por quê?

III – SOBRE OS CONTEÚDOS ENSINADOS NA ESCOLA

3. Comente sobre os conteúdos ensinados na escola, na sua opinião o que é ensinado prepara você para o mercado de trabalho?
4. Os conteúdos ensinados na escola lhe possibilitam ter uma visão mais ampliada das coisas que o cercam, como a família, o meio onde você vive, os acontecimentos de sua cidade, sua visão de mundo.
5. Comente sobre sua maior dificuldade com relação a aprendizagem desses conteúdos.

IV- PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESCOLAR

6. Relate um dia de sua experiência na sala de aula.

V – MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS A ESCOLA

9. O que te motiva a ir à escola? Você vai porque ela é uma obrigação necessária nessa fase da vida, ou porque realmente você reconhece que ela é um espaço que forma o como indivíduo. Comente sobre sua motivação.
10. Na sua opinião o que poderia mudar na escola para motiva-lo ainda mais a frequentá-la.

VI- OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO

11. Qual sua visão sobre o Ensino Médio, ele é suficiente para você ingressar no mercado de trabalho, ele prepara você para entrar no nível superior? Afinal qual é realmente a função dessa última etapa da Educação Básica?

APÊNDICE – F CORPUS TEXTUAIS

PERCEPÇÕES SOBRE A JUVENTUDE

**** *quest_1 *modal_2 *id_2 *sexo_2

Jovem, porque sei que ainda tenho coisas para viver na minha juventude. Tenho que ganhar mais experiência para se considerada adulta.

**** *quest_1 *modal_2 *id_2 *sexo_1

Jovem. Apesar de ter uma infância e uma juventude na roça sem muitas facilidade, ainda eu me considero jovem. Mas um jovem com responsabilidade devido a educação que meus pais me passaram. Hoje eu valorizo muito essa educação, porque vejo que foi devido os ensinamentos dos meus pais que me vejo como um jovem bem comunicativo, sei entrar em uma conversa e sair sem muitas dificuldades.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Eu me considero jovem, bem jovem porque tenho apenas 15 anos.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Eu me considero uma jovem de 17 anos porque estou aprendendo para me tornar adula e ter uma postura como tal.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Jovem, porque tenho idade de jovem.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Eu me considero jovem.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Jovem.

**** *quest_1 *modal_2 *id_2 *sexo_2

Na verdade eu me considero um jovem, mas com responsabilidade de adulta já que minha idade é 23 anos, porém já tenho experiência de adulta, porque eu comecei a estudar e engravidei muito cedo com 13 anos. Então daí eu já constitui minha família. Tive que se tornar adulta antes mesmo de chegar realmente nessa fase. Sendo criança ainda, tive que cuidar de um bebê.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Um jovem de 16 anos.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Jovem. Por que sei que sou uma pessoa que no futuro terei outras responsabilidades, diferentes das que tenho hoje como jovem.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Jovem, devido as minhas responsabilidades, elas não são de adulto, mas sim de jovens. Posso afirmar que tenho uma cabeça de adulto.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Como eu tenho 17 anos me considero jovem, não importa se eu tenho muito ou pouco conhecimento acadêmico, o fato é que me considero jovem porque minha idade é de jovem.

**** *quest_1 *modal_3 *id_2 *sexo_1

Eu me considero jovem, porque tenho 21 anos de idade, ainda não constitui família e por isso acho que sou jovem.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Jovem.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Jovem. Porque o que eu faço não me considero um adulto, referente as responsabilidades são bem menores do que os adultos. Praticamente chego em casa, já tem a comidinha feita a roupa lavada tudo arrumadinho. Também não me considero uma criança, então fico nessa parte intermediária que seria ser jovem. Eu sou jovem porque gosto de coisas que um jovem gosta como sair para conversar com amigos, jogar, ver coisa na internet, rede sociais coisas que me interessam.

**** *quest_1 *modal_2 *id_2 *sexo_1

Rapaz, eu me considero jovem e também adulto por conta das minhas responsabilidades, ainda sou novo e quero continuar os estudos.

**** *quest_1 *modal_2 *id_1 *sexo_2

Eu percebo que eu sou uma jovem mais com uma mentalidade adulta, pelo fato de não ir pela opinião dos outros tão facilmente ou pelo que a sociedade impõe, porque penso que fui muito instruída e educada pela minha família e sei o que é o certo errado.

**** *quest_1 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Eu acho que eu me considero jovem, porque tenho muito a aprender e quero conhecer coisas novas e minha experiência não é de adulta.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Viver esse momento de conhecer o mundo e tudo ao seu redor, não como uma criança, mas conhecer e adquirir experiências para preparar para a vida adulta. É pensar sobre seu futuro e qual carreira vai seguir entre outras coisas.

**** *quest_2 *modal_2 *id_2 *sexo_2

Acho que é uma fase de descobrimento, onde você começa a entender as coisas. Temos que viver ao máximo a juventude para sermos bons adultos.

**** *quest_2 *modal_2 *id_2 *sexo_1

É viver desafios que encontramos no nosso dia_a_dia que nos encoraja a prosseguir a estudar e a mudar_de_vida.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Acredito que uma etapa de muita aprendizagem, acho que seja a melhor fase da vida.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Jovem é estar nessa faixa etária de descobrimento das coisas de se divertir. Eu acho que ser jovem é uma fase intermediária, nem criança e nem adulto.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

A questão de ser jovem atribui tanto faixa etária de idade, como as coisas que vivo e o meio onde estou inserido. Hoje eu estou com 17 anos e com responsabilidades voltadas para o meio acadêmico. Então a minha única obrigação no momento é estudar. De acordo com isso eu me considero jovem, pois vejo que ser jovem é ter esse contato com o mundo no agora, porque ele vai te dar responsabilidades para assumir seus deveres na etapa adulta.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Ter responsabilidades para aos poucos ir amadurecendo na vida. Também é um momento de muitas expectativas sobre as coisas que estão por vir, como trabalho, casamento, essas responsabilidades da vida adulta, é experimentar a vida, sei que nem todos os jovens tem essa liberdade para fazer o que querem. Alguns são criados pelos avós e têm uma certa liberdade.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Ser jovem é uma fase de amadurecimento, onde aprendemos muitas coisas que nos prepara para a fase adulta.

**** *quest_2 *modal_2 *id_2 *sexo_2

Ser jovem, na minha opinião é estudar, para ser um jovem bem estruturado dentro da família, para ter uma perspectiva de uma dia ser uma adulto de sucesso. Eu falo isso porque fui mãe muito jovem e isso de certa forma tirou minha juventude, não podia fazer nada sem antes pensar primeiramente no meu filho e isso atrapalha um pouco sua evolução. Mas também ao mesmo tempo penso, caso não tivesse filho, como eu estaria. Porque hoje a juventude só quer saber de balada, viver no mundo do crime, esquece que a escola é importante na vida. Hoje eu estou fazendo curso técnico para me especializar em um área, mas olho para trás e vejo quanto de tempo eu perdi.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Jovem é estar no momento de experimentar as coisas da vida e também começar a pensar que rumo vai tomar no futuro, como ser empresário, advogado, coisas assim.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_2

Conhecer o que a vida tem a nos dar e desfrutar das coisas que essa fase nos tem a mostrar.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

É começa a ter responsabilidades e se preparar para a vida adulta. Ser jovem é começar a ter responsabilidades pequenas, mas que não fujam do teu projeto de vida, não fuja do nosso objetivo central. Seria uma espécie de iniciação para ter as responsabilidades de adulto, conforme vamos crescendo nossa responsabilidade e maturidade vão aumentando.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

É uma etapa de experimentação antes da vida adulta, mas eu vejo que hoje é difícil viver essa fase, porque a instituição escolar não dá espaço para a criatividade e imaginação do aluno. Raras as vezes que a escola possibilita espaço para o jovem mostrar sua opinião sobre as coisas e talvez isso leve ele a se incomodar. Vejo que muitas vezes a sua individualidade é padronizada pela escola.

**** *quest_2 *modal_3 *id_2 *sexo_1

Jovem é uma pessoa que gosta de futebol, acho que é uma fase onde experimentamos muitas coisas, mas sem muita responsabilidade de adulto como ser o dono da casa, responsabilidade financeiras para manter o lar. Para mim isso é ser jovem, viver sem as responsabilidades de adulto.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

É um parte da vida que os jovens desfrutam e aprendem as coisas que são propostas. Essa etapa serve para amadurecimento da juventude, existe algumas limitações, mas vejo que ela é útil para nós não cometermos coisas erradas quando chegarmos na fase adulta.

**** *quest_2 *modal_1 *id_1 *sexo_1

Como eu falei, o jovem tem um certa liberdade, não tem tanta Liberdade como a maioria dos jovens gostaria de ter, mas essa liberdade dos jovens possibilita ele traçar o rumo que ele quer seguir. É a fase que a gente começa a tentar decidir o que queremos ser. Essa fase gostamos muito de fazer planos.

**** *quest_2 *modal_3 *id_2 *sexo_1

Ser jovem é não ter tanta responsabilidade quanto os adultos, é poder sair para namorar sem ter tanto compromisso, sair para festa. É isso curti um pouco a vida, porque quando se é adulto você não pode mais fazer isso, devido as responsabilidades que já são maiores do que

as dos jovens. Eu vejo assim, o jovem tem que curtir quando novo para ter as responsabilidades e o compromisso de um adulto.

**** *quest_2 *modal_2 *id_1 *sexo_2

Ser jovem é ser um pouco mais livre, não ser totalmente livre, mas uma liberdade com responsabilidade. Não é ter uma liberdade total, até porque nós não somos livres totalmente, sempre somos limitados a algo, então é ter um pouco de liberdade para fazer o que gostamos ou realizar o que queremos. Sair com amigos...